

DICIONÁRIO CULTURAL DA BÍBLIA




Edições Loyola

Título original

Dictionnaire culturel de la Bible

© 1990 by Éditions Nathan, Paris, ISBN 2-09-188100-7

© 1990 by Éditions du Cerf, Paris, ISBN 2-204-04028-2

Revisão

Renato da Rocha Carlos

Carlos Zanchetta de Oliveira

Diagramação

So Wai Tam

Edições Loyola

Rua 1822 nº 347 – Ipiranga

04216-000 São Paulo, SP

Caixa Postal 42.335 – 04299-970 São Paulo, SP

☎ (011) 6914-1922

FAX: (011) 6163-4275

Home page: www.loyola.com.br.

e-mail: loyola@ibm.net

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico, ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora.

ISBN: 85-15-01245-6

© EDIÇÕES LOYOLA, São Paulo, Brasil, 1998.

SUMÁRIO

<u>Prefácio</u>	<u>7</u>
<u>Como consultar este dicionário</u>	<u>10</u>
<u>A Bíblia</u>	<u>13</u>
<u><i>Tabela da Bíblia hebraica</i></u>	<u>14</u>
<u><i>Tabela da Bíblia grega</i></u>	<u>17</u>
<u><i>A Bíblia dos católicos</i></u>	<u>17</u>
<u><i>A Bíblia dos protestantes</i></u>	<u>19</u>
<u><i>Ordem alfabética dos livros</i></u>	<u>19</u>
<u>De A a Z</u>	<u>23 a 272</u>
<u>Cronologia</u>	<u>273</u>
<u>Índice geral</u>	<u>281</u>

PREFÁCIO

Por que este dicionário?

Desde Jules Ferry*, a laicidade na escola tem-se manifestado pela supressão do ensino religioso. Hoje, com o apaziguamento das lutas ideológicas na França, o pluralismo e o direito reconhecido por todos à liberdade de consciência caracterizam nossa sociedade.

Assim, surgem novas atitudes em relação ao fato religioso, marcadas de tolerância e de curiosidade e traduzindo uma demanda de acesso total à cultura. No entanto, ao lado dessa curiosidade, sensível sobretudo no mundo editorial e no cinema, uma ignorância profunda¹ torna o patrimônio judeu-cristão inacessível aos jovens ou ao grande público.

De fato, um número crescente de crianças e de adolescentes não recebem nenhuma educação religiosa. Por mais apegados que sejamos à laicidade — como respeito à pluralidade —, não nos resignamos à ignorância. Entre as disciplinas escolares, a história, a literatura, a filosofia, as artes padecem do desconhecimento das referências fundamentais às quais as obras e a linguagem remetem constantemente. Parece, pois, que, bem distinta do ensino propriamente religioso, existe uma necessidade de transmitir as chaves de um tesouro comum à Europa. É para responder a esta carência que concebemos a idéia deste dicionário.

Para quem?

Originalmente, nós o tínhamos destinado aos colegiais, certo número dos quais vêm de horizontes culturais diversos: norte-africanos, iranianos, imigrantes do Extremo Oriente, africanos islamizados. Mas logo alguns universitários, encontrando dificuldades análogas às nossas junto de seus estudantes, nos sugeriram que nos lembrássemos também do primeiro ciclo das faculdades. Alguns colegas declararam seu próprio interesse e nos pediram cronologias, mapas, ilustrações. “Por que não pensar também nos visitantes de museus?”, disseram-nos aqui e ali. Assim, fomos levados a considerar pouco a pouco de forma mais abrangente os nossos futuros leitores.

* Jules Ferry (1832-1893), político francês. Ministro da educação, instituiu a instrução leiga e a educação primária obrigatória no final do século XIX. (N. do T.)

1. Cf. *Le monde*, 5 de outubro de 1988, Sondagem IPSOS.

Este dicionário dirige-se, pois, a jovens do segundo ciclo do ensino secundário e igualmente a todos aqueles que, ocasionalmente, por curiosidade ou numa perspectiva pedagógica, querem-se referir às raízes bíblicas de nossa cultura. Mas onde encontrar essas referências? Sem um mínimo de explicações, como interpretá-las? Para ter acesso aos textos-fontes, é preciso ser guiado, ter itinerários. Tentamos propor alguns por meio deste livro.

Que escolhas?

Nossa postura foi essencialmente pragmática e pedagógica. A experiência diária das salas de aula nos permitia assinalar facilmente as lacunas, os erros em matéria religiosa: Páscoa e Pentecostes confundidos, Maria terceira pessoa da Trindade... Os alunos não têm o monopólio da ignorância: num livro recente, os autores atribuem ousadamente a Prometeu as palavras de João Batista: “É preciso que ele cresça e eu diminua”.

Mais delicada era a determinação dos conhecimentos que podemos chamar fundamentais no domínio cultural. Seria mesmo preciso limitar-se a um repertório das obras-primas e impedir a busca de tesouros mais modestos?

Do lado dos conhecimentos religiosos, não era o caso de erigir uma enciclopédia dos fatos religiosos nem de redigir uma suma etnocultural do mundo bíblico. Já existem obras desse gênero, muito eruditas; no entanto, em meio à massa de informações que fornecem, os leitores pouco experientes correm o risco de não saber discernir o essencial. Inversamente, não desejávamos limitar-nos a um “pequeno vocabulário” religioso. Um simples léxico, decerto, tem sua utilidade, mas raramente estimula a curiosidade e pode às vezes dar lugar a simplificações abusivas sob pretexto de clareza.

Tampouco queríamos, em matéria literária e artística, fazer o inventário exaustivo das obras inspiradas na Bíblia: isso ultrapassava nossas possibilidades sem apresentar um verdadeiro interesse pedagógico. Em suma, tratava-se de reunir os dois extremos de uma corrente: de um lado, as informações agrupadas e classificadas nos grandes dicionários bíblicos; de outro, produções culturais em número indefinido dispersas no tempo, na geografia e nos diversos manuais escolares.

A fim de não desestimular redatores e destinatários, tomamos o partido, no domínio religioso, de nos limitar aos dados escriturísticos bíblicos, descartando provisoriamente (com algumas poucas exceções) as práticas, as instituições eclesiais, a liturgia, a tradição posterior ao Novo Testamento. Esta opção nos pareceu prioritária para melhorar o acesso aos fundamentos a partir dos quais se edificou a cultura ocidental.

Mantivemos nomes próprios, palavras de uso corrente (alma, anjo...), termos da vida rural esquecidos por muita gente (vinha, joio...), expressões idiomáticas (bode expiatório, porta estreita...)². Frequentemente, demos sua etimologia, repertoriamos

2. Certas palavras não são traduções de termos bíblicos, mas a forma nova dada a eventos ou noções religiosas (Anunciação, Quaresma, missa etc.).

seus significados na Bíblia. Sem cair na história santa, tivemos a necessidade de resumir alguns relatos. Às vezes, mostramos contaminações de sentido devidas à contribuição de outras culturas, até mesmo a traições no uso comum. Assim, a palavra *alma*, em seu sentido atual, reflete o dualismo que opõe, nos pensadores gregos, o espiritual e o corporal, ao passo que, para o Gênesis, a alma é o “sopro de vida” que Deus comunica ao corpo do homem e da mulher. Outro exemplo: tentamos, para os termos *inferno/infernos*, pôr em evidência as diversas camadas de significações, umas tardias, protegidas por um imaginário muito posterior à Bíblia, outras remontando a uma época em que numerosas religiões falavam dos infernos como da morada dos mortos. Isso nos permitiu não negligenciar demais a contribuição da história ao vocabulário.

No domínio das produções culturais, procedemos de forma mais empírica. Ao lado dos “clássicos” cujos nomes se impunham, era preciso dar lugar a pintores contemporâneos, a escritores recentes, estes últimos muitas vezes descartados, por falta de tempo, dos programas escolares. Por que desdenhar dos abundantes recursos iconográficos do século XIX depreciados por alguns amadores, ou ainda desprezar o cinema? Por que não suscitar ímpetos de descobertas, numa época em que as facilidades da reprodução das imagens e as edições de bolso põem ao alcance de todos — nas bibliotecas ou nas livrarias — aquilo que antigamente era reservado a ricos ou a eruditos?

Restava o problema de uma seleção. Não ignoramos quanto nossas opções, colhidas em campos tão diversos, podem ter de arbitrário e de aleatório. Porém, esperamos que, mesmo com seus defeitos, este dicionário de referências seja tão útil quanto os repertórios de mitologia greco-romana, largamente difundidos entre os estudantes.

Sobretudo, fizemos questão de que aqueles que o leiam, sejam eles judeus, cristãos, muçulmanos ou ateus, não fiquem chocados por nossa expressão³. Se é verdade que o conjunto do vocabulário contemplado sugere uma ótica mais cristã que judia ou muçulmana, é que os autores, os pintores, os músicos que dominam a tradição européia até o período entre as duas guerras mundiais são majoritariamente influenciados pelo cristianismo. Desde então, é claro, o mundo muçulmano emerge do exotismo onde nossos hábitos o confinavam, e escritores representativos da cultura judia conquistaram uma ampla audiência, como Elie Wiesel ou Isaac Bashevis Singer. Somos os primeiros a desejar entusiasticamente que no futuro se redescubram e se façam conhecer melhor todas as obras-primas da cultura judia mantidas ocultas por um período excessivamente longo, em virtude da dominação das confissões cristãs e dos anti-semitismos incubados ou violentos. Mas, vale lembrar, nosso desígnio não consistia em rememorar por ele mesmo o fundo religioso esquecido, mas em reencontrar nele a origem, perpetuamente meditada e reinterpretada, do patrimônio intelectual majoritário na Europa e na América.

OS AUTORES

3. Fizemos a opção de escrever o nome “Yahvé”, tornado freqüente na cultura cristã contemporânea, mas é preciso lembrar que esta palavra nunca é pronunciada pelos judeus.

COMO CONSULTAR ESTE DICIONÁRIO

Optamos pela *classificação alfabética* para a comodidade da consulta. Os verbetes tomados separadamente convidam a uma pesquisa pluridisciplinar e a agrupamentos em torno de um personagem, de um lugar, de uma noção-chave. O jogo das *remissões* e dos *correlatos* permite não tornar pesado o corpo do verbete e propõe pistas para trabalhos temáticos. O *índice* geral no fim do livro facilita a utilização do dicionário.

No verbete “Rafael”, tomado aqui como exemplo, texto e remissões sugerem uma ampliação do tema “homens e anjos” (na literatura e no cinema). A iconografia e o índice “Rembrandt” chamam a atenção sobre Rembrandt como pintor da Bíblia. A leitura do livro de Tobias (referências) orienta para a imagem de um Deus benevolente e permite abordar a noção de Providência.

No entanto, cada leitor poderá criar percursos livres para si: viagem iniciática do Éden à Jerusalém celeste, viagem geográfica de Ur ao Egito, viagens no tempo etc.



**“Aparato cultural”
compreendendo na ordem:**

Locuções e provérbios (L & P) em uso na língua corrente provenientes diretamente do texto bíblico: a referência precisa e o sentido figuram na nota ou em seguida à locução.

Referências literárias (Lit.), essencialmente tiradas dos grandes clássicos da literatura francesa — os textos citados podem ser apologéticos e edificantes ou polêmicos e anti-religiosos, inspirados diretamente do pensamento bíblico ou desviados para contestá-lo e pervertê-lo. Por vezes, estão situados numa polêmica, numa corrente, num período.

Referências iconográficas (Icon.), na maioria das vezes escolhidas pelo valor estético das obras, por um lado, e pela facilidade de acesso a estas obras, por outro. Esculturas, mosaicos, ícones, vitrais... figuram nas referências, mesmo quando seu autor permaneceu anônimo.

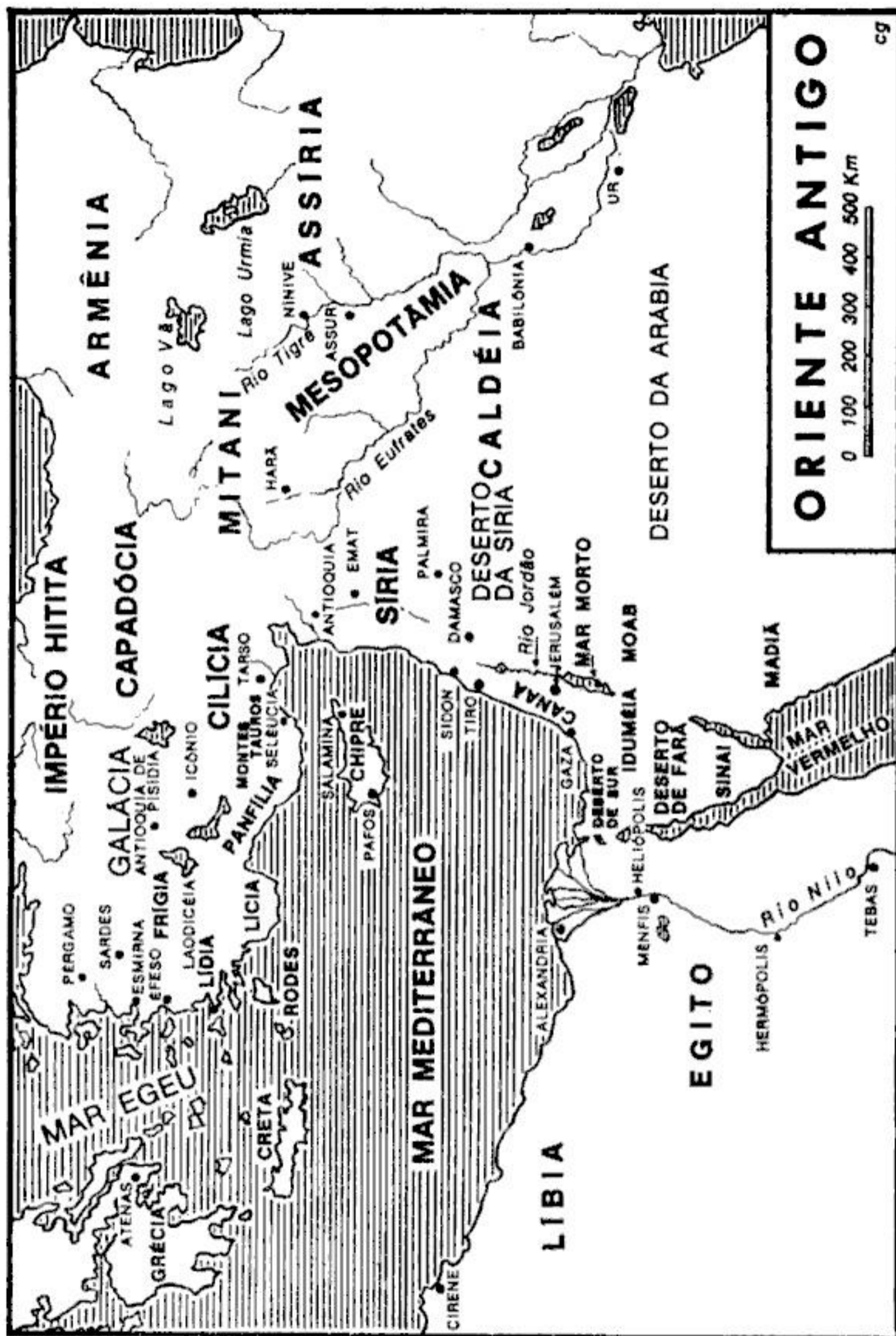
Referências musicais (Mús.), escolhidas, como no caso da literatura e da iconografia, para ilustrar as relações entre os textos sagrados e a arte. Estas referências vão da música clássica à música popular (jazz...).

Referências cinematográficas (Cin.), indicando tanto as superproduções quanto os filmes recheados de alusões bíblicas.

Esta seleção permite constatar que a arte ocidental tira da Bíblia:

- por um lado, *uma ideologia* no sentido amplo, aceita ou discutida.
- por outro, *uma mitologia*, decorativa ou paródica.

Este dicionário é *um guia* para encontrar a parte de herança bíblica em nossos livros e museus, em nossos discos e telas.



A BÍBLIA

O que se designa pelo termo geral de “Bíblia” é o livro inspirado para os judeus e os cristãos: os muçulmanos a respeitam igualmente e conhecem algumas de suas passagens por meio do Corão. A palavra *bíblia* vem do grego *biblia*, “os livros” (sagrados), e este de *byblos*, o “papiro”, em referência à cidade de Biblos que controlava o comércio desta planta.

Nascida de tradições orais, progressivamente agrupadas e postas por escrito, a Bíblia é um conjunto extremamente composto, feito de livros de estilos e gêneros muito diferentes, alguns assinados, outros anônimos, cuja data de composição se estende por uma dezena de séculos (cf. tabelas cronológicas pp. 15 e 16).

Para os judeus, ela é composta de três grandes partes: a *Torah* (ou a Lei, que se chama também o *Pentateuco*, pois é formada dos cinco primeiros livros), os *Nebiim* (os “Profetas”, mas esta denominação abrange também o que outros chamam os “livros históricos”) e os *Ketubim* (os “Escritos”, isto é, todo o resto; cf. tabela da Bíblia hebraica p. 17). É costume, no judaísmo, designar a Bíblia pela palavra *TaNaK* (formada pelas três primeiras letras das palavras *Torah*, *Nebiim* e *Ketubim*) ou pela palavra *Torah* tomada num sentido amplo. É o que os cristãos, por seu lado, chamam o “Antigo Testamento”, por oposição ao “Novo Testamento”, que só eles têm. Este último comporta os quatro Evangelhos, os Atos dos Apóstolos, as Epístolas (ou “Cartas”) e o Apocalipse. Para maior comodidade, adotaremos este vocabulário, habitual em países de maioria cristã.

O Antigo Testamento, originalmente escrito em hebraico*, contém no entanto algumas passagens em aramaico. Alguns livros, assumidos apenas pelo judaísmo alexandrino, só se transmitiram em grego. São considerados deuterocanônicos* pelos católicos romanos e ortodoxos ou apócrifos* pelos judeus e protestantes (cinco deles são, porém, considerados apócrifos por todos; ver tabela da Bíblia grega, p. 17).

Evidentemente, não possuímos nenhum dos manuscritos originais, mas somente cópias de cópias. Os mais antigos manuscritos do Antigo Testamento foram encontrados em 1948 em Qumran, às margens do mar Morto (sobretudo um rolo do livro de Isaías quase completo, assim como muitos outros fragmentos). Dão testemunho da espantosa qualidade do trabalho dos copistas, pois as diferenças entre manuscritos distantes de vários séculos são mínimas.

* Consultar o verbete neste dicionário.

O alfabeto hebraico só comporta consoantes, num total de 22. Daí uma diversidade de transcrições que restabelecem as vogais. Muitos nomes próprios hebraicos são ortografados aqui segundo o uso corrente em português.

Um enorme trabalho de recensão e de comparação de todos os manuscritos (comparação que leva em conta também as mais antigas traduções, sobretudo em grego, latim e siríaco) tem permitido estabelecer um texto quase oficial, que serve de base agora a todas as edições em língua original e, em seguida, a todas as traduções em línguas estrangeiras.

Os manuscritos gregos importantes em pergaminho (*Sinaiticus*, *Alexandrinus*, *Vaticanus*) datam do século IV-V d.C. e contêm o Antigo e o Novo Testamento. O mais antigo papiro cristão, datado de 125 d.C., é um fragmento do Evangelho de João, encontrado no Egito; atesta que esse escrito já estava difundido desde aquela época, longe de seu lugar de origem.

A Bíblia é o livro mais difundido no mundo, traduzido — em todo ou em parte — em cerca de 1.800 línguas e dialetos. Ela tem inspirado inúmeras obras de arte e pode-se mesmo dizer que ela modelou, no mundo ocidental, a cultura da qual somos os herdeiros.

TABELA DA BÍBLIA HEBRAICA

O cânon da Bíblia hebraica, fixado pelos judeus da Palestina perto da era cristã, é conservado pelos judeus modernos e, para o Antigo Testamento, pelos protestantes. Só contém os livros hebraicos, com exclusão dos livros escritos em grego e dos suplementos gregos de Ester e de Daniel.

A Bíblia hebraica é dividida em três partes, na seguinte ordem:

I. A LEI

(O PENTATEUCO)

1. Gênesis (designado pelas primeiras palavras do texto: "No princípio")
2. Êxodo ("Eis os nomes")
3. Levítico ("Yahvé chamou Moisés")
4. Números ("No deserto")
5. Deuteronômio ("São estas as palavras")

II. OS PROFETAS

Os "Profetas anteriores":

6. Josué
7. Juizes
8. Samuel (1 e 2 reunidos)
9. Reis (1 e 2 reunidos)

Os "Profetas posteriores":

10. Isaías
11. Jeremias
12. Ezequiel

13. Os "Doze" profetas, na ordem retomada pela Vulgata: Oséias, Joel, Amós, Abdias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuc, Sofonias, Ageu, Zacarias, Malaquias

III. OS ESCRITOS

(ou HAGIOGRÁFICOS)

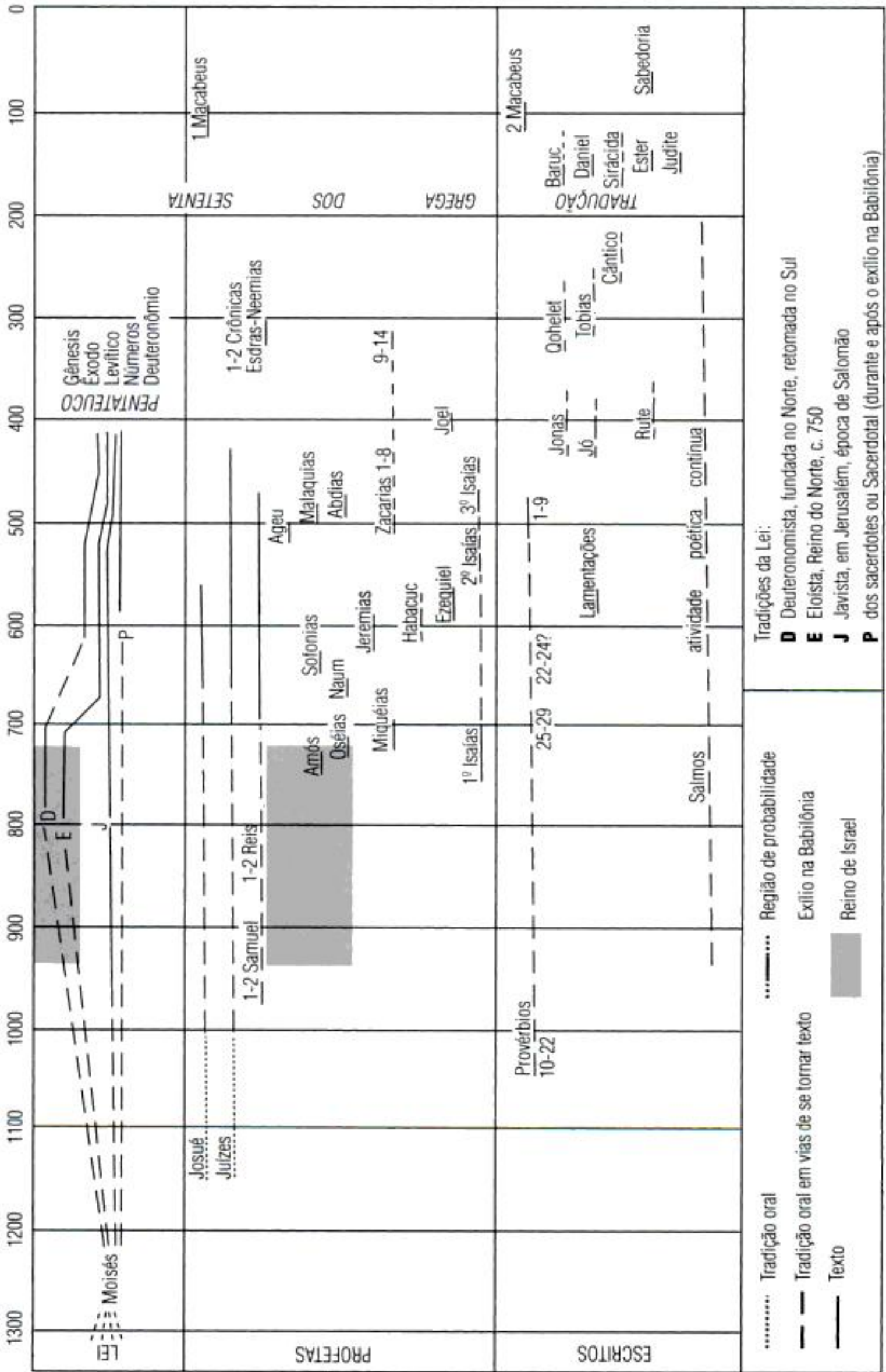
14. Salmos ou "Louvores"
15. Jó
16. Provérbios
17. Rute
18. Cântico dos Cânticos
19. Eclesiastes ("Qohelet")
20. Lamentações
21. Ester

(Os livros de 17 a 21 são designados pelo nome de "Os Cinco Rolos": eram lidos durante as festas judias.)

22. Daniel
23. Esdras-Neemias
24. Crônicas

A Bíblia judaica contém assim "vinte e quatro livros".

HISTÓRIA LITERÁRIA DE ISRAEL: CONSTITUIÇÃO DA BÍBLIA, ANTIGO TESTAMENTO



CRONOLOGIA DA REDAÇÃO DO NOVO TESTAMENTO

27 a.C.	14 d.C.	37	41	54	68	79	81	96	
AUGUSTO	TIBÉRIO	CALÍGULA	CLÁUDIO	NERO	VESPASIANO	TITO	DOMICIANO	NERVA	TRAJANO
-6 Nascimento de Jesus	27 Vida pública de Jesus		30 Crucifixão		48 Concílio de Jerusalém		66-70 Guerra judaica Destruição de Jerusalém		

<i>Tradição oral</i>									

<p> Lucas Marcos Mateus João Lucas 51 1-2 Tessalonicenses Atos 95 Apocalipse 58? Tiago 1-2-3 João 57-58 1Coríntios Gálatas 64 1Pedro Filipenses 67 Tito 2 Coríntios 1-2 Timóteo Romanos Hebreus 61-63 Colossenses Judas Filémon Efésios 70-80 2Pedro </p>									

Segundo Étienne Charpentier, *Para ler o Antigo Testamento*, Edições Paulinas, São Paulo, s.d.

Epístola, Carta Evangelho

1. As datas propostas são as mais prováveis, mas nenhum escrito pode ser datado com absoluta certeza.

TABELA DA BÍBLIA GREGA

A Bíblia grega dos Setenta*, destinada aos judeus da diáspora*, compreende:

1) Os livros da Bíblia hebraica, traduzidos em grego com variantes nos livros de Ester e Daniel.

2) Livros deuterocanônicos*.

3) Obras apócrifas*, mencionadas entre colchetes.

I. LEGISLAÇÃO E HISTÓRIA

Gênesis

Êxodo

Levítico

Números

Deuteronômio

Josué

Juízes

Rute

Os quatro "livros dos Reinos": I e II = Samuel; III e IV = Reis

Paralipômenos, I e II (= Crônicas)

Os quatro livros de Esdras: Esdras I e II = Esdras-Neemias; [Esdras III e IV (chamados I e II no grego) apócrifos].

Ester, com fragmentos próprios do grego

Judite

Tobias

Macabeus I e II [mais III e IV apócrifos]

II. POETAS E PROFETAS

Salmos

[Odes]

Provérbios de Salomão

Eclesiastes

Cântico dos Cânticos

Jó

Sabedoria ("Sabedoria de Salomão")

Eclesiástico ("Sabedoria de Sirac")

[Salmos de Salomão]

Doze profetas menores ("Dodekapropheton"), na seguinte ordem: Oséias, Amós, Miquéias, Joel, Abdias, Jonas, Naum, Habacuc, Sofonias, Ageu, Zacarias, Malaquias.

Isaías

Jeremias

Baruc 1-5

Lamentações

Baruc 6 ("Carta de Jeremias")

Ezequiel

Daniel 13 ("Susana")

Daniel 1-12 (3, 24-90 é exclusivo do grego)

Daniel 14 ("Bel e o dragão")

A BÍBLIA DOS CATÓLICOS

Os 27 livros que compõem o Novo Testamento chegaram até nós em grego.

O Antigo Testamento, tal como a Igreja católica o aceita, tem 46 livros.

Para 39 deles, a língua original é o hebraico, com passagens aramaicas em Esdras (4,8 a 6,18; 7,12-26) e Daniel (2,4b a 7,28).

Os 7 outros, assim como passagens de Ester e de Daniel — estes livros estão assinalados com um asterisco — chegaram até nós em grego na tradução dita dos Setenta (LXX), destinada aos judeus da dispersão. As edições protestantes, que para o AT se limitam à Bíblia hebraica — a dos judeus da Palestina —, não comportam habitualmente os livros e fragmentos seguintes (chamados deutero-canônicos):

Tobias, Judite, 1 e 2 Macabeus, Baruc, Sabedoria, Eclesiástico, Ester (Vulg. 10,4 a 16,24), Daniel 3,24-90; 13 e 14.

ANTIGO TESTAMENTO

O PENTATEUCO

Gênesis	Gn
Êxodo	Ex
Levítico	Lv
Números	Nm
Deuteronômio	Dt

LIVROS HISTÓRICOS

Josué	Js
Juízes	Jz
Rute	Rt
Samuel	1Sm, 2Sm
Reis	1Rs, 2Rs
Crônicas	1Cr, 2Cr
Esdras	Esd
Neemias	Ne
Tobias*	Tb
Judite*	Jt
Ester(*)	Est
Macabeus	1Mc, 2Mc

LIVROS PROFÉTICOS E SAPIENCIAIS

Jó	Jó
Salmos	Sl
Provérbios	Pr
Eclesiastes (ou Qohelet)	Ecl
Cântico dos Cânticos	Ct
Sabedoria*	Sb
Eclesiástico* (ou Sirácida)	Eclo

LIVROS PROFÉTICOS

Isaías	Is
Jeremias	Jr
Lamentações	Lm
Baruc*	Br
Ezequiel	Ez
Daniel (*)	Dn
Oséias	Os
Joel	Jl
Amós	Am
Abdias	Ab
Jonas	Jn
Miquéias	Mq
Naum	Na
Habacuc	Hab
Sofonias	Sf
Ageu	Ag
Zacarias	Zc
Malaquias	Ml

NOVO TESTAMENTO

Evangelho segundo S. Mateus	Mt
Evangelho segundo S. Marcos	Mc
Evangelho segundo S. Lucas	Lc
Evangelho segundo S. João	Jo
Atos dos Apóstolos	At
Epístola aos Romanos	Rm
Primeira Epístola aos Coríntios	1Cor
Segunda Epístola aos Coríntios	2Cor
Epístola aos Gálatas	Gl

Epístola aos Efésios	Ef	Epístola aos Hebreus	Hb
Epístola aos Filipenses	Fl	Epístola de S. Tiago	Tg
Epístola aos Colossenses	Cl	Primeira Epístola de S. Pedro	1Pd
Primeira Epístola aos Tessalonicenses ..	1Ts	Segunda Epístola de S. Pedro	2Pd
Segunda Epístola aos Tessalonicenses ..	2Ts	Primeira Epístola de S. João	1Jo
Primeira Epístola a Timóteo	1Tm	Segunda Epístola de S. João	2Jo
Segunda Epístola a Timóteo	2Tm	Terceira Epístola de S. João	3Jo
Epístola a Tito	Tt	Epístola de S. Judas	Jd
Epístola a Filemon	Fm	Apocalipse	Ap

A BÍBLIA DOS PROTESTANTES

Ela comporta os livros da Bíblia hebraica para o Antigo Testamento, e o Novo Testamento (ver acima).

ORDEM ALFABÉTICA DOS LIVROS

Ab	Abdias	Est	Ester
Ag	Ageu	Ex	Êxodo
Am	Amós	Ez	Ezequiel
Ap	Apocalipse	Fl	Epístola aos Filipenses
At	Atos dos Apóstolos	Fm	Epístola a Filemon
Br	Baruc	Gl	Epístola aos Gálatas
1Cor	Primeira Epístola aos Coríntios	Gn	Gênesis
2Cor	Segunda Epístola aos Coríntios	Hab	Habacuc
Cl	Epístola aos Colossenses	Hb	Epístola aos Hebreus
1Cr	Primeiro livro das Crônicas	Is	Isaías
2Cr	Segundo livro das Crônicas	Jd	Epístola de S. Judas
Ct	Cântico dos Cânticos	Jl	Joel
Dn	Daniel	Jn	Jonas
Dt	Deuteronômio	Jo	Evangelho de S. João
Ecl	Eclesiastes	1Jo	Primeira Epístola de S. João
Eclo	Eclesiástico	2Jo	Segunda Epístola de S. João
Ef	Epístola aos Efésios	3Jo	Terceira Epístola de S. João
Esd	Esdras	Jó	Jó
		Jr	Jeremias

Js	Josué	Pr	Provérbios
Jt	Judite	1Rs	Primeiro livro dos Reis
Jz	Juízes	2Rs	Segundo livro dos Reis
Lc	Evangelho de S. Lucas	Rm	Epístola aos Romanos
Lm	Lamentações	Rt	Rute
Lv	Levítico	Sb	Sabedoria
Mc	Evangelho de S. Marcos	Sf	Sofonias
1Mc	Primeiro livro dos Macabeus	Sl	Salmos
2Mc	Segundo livro dos Macabeus	1Sm	Primeiro livro de Samuel
Ml	Malaquias	2Sm	Segundo livro de Samuel
Mq	Miquéias	Tb	Tobias
Mt	Evangelho de S. Mateus	Tg	Epístola de S. Tiago
Na	Naum	1Tm	Primeira Epístola a Timóteo
Ne	Neemias	2Tm	Segunda Epístola a Timóteo
Nm	Números	1Ts	Primeira Epístola aos Tessalonicenses
Os	Oséias	2Ts	Segunda Epístola aos Tessalonicenses
1Pd	Primeira Epístola de S. Pedro	Tt	Epístola a Tito
2Pd	Segunda Epístola de S. Pedro	Zc	Zacarias

Referências bíblicas

Nm 35,33 remete ao livro dos Números, capítulo 35, versículo 33

Tb 3,17; 12,15 remete ao livro de Tobias, capítulo 3, versículo 17, e capítulo 12, versículo 15

Sl 68,22 e 24 remete ao livro dos Salmos, Salmo 68, versículos 22 e 24

2Sm 7,8-16 remete ao segundo livro de Samuel, capítulo 7, versículos 8 a 16

Abreviações

AT Antigo Testamento

NT Novo Testamento

acad. acadiano

aram. aramaico

gr. grego

hb. hebraico

lat. latim

port. português

A TERRA DE CANAÃ E AS DOZE TRIBOS

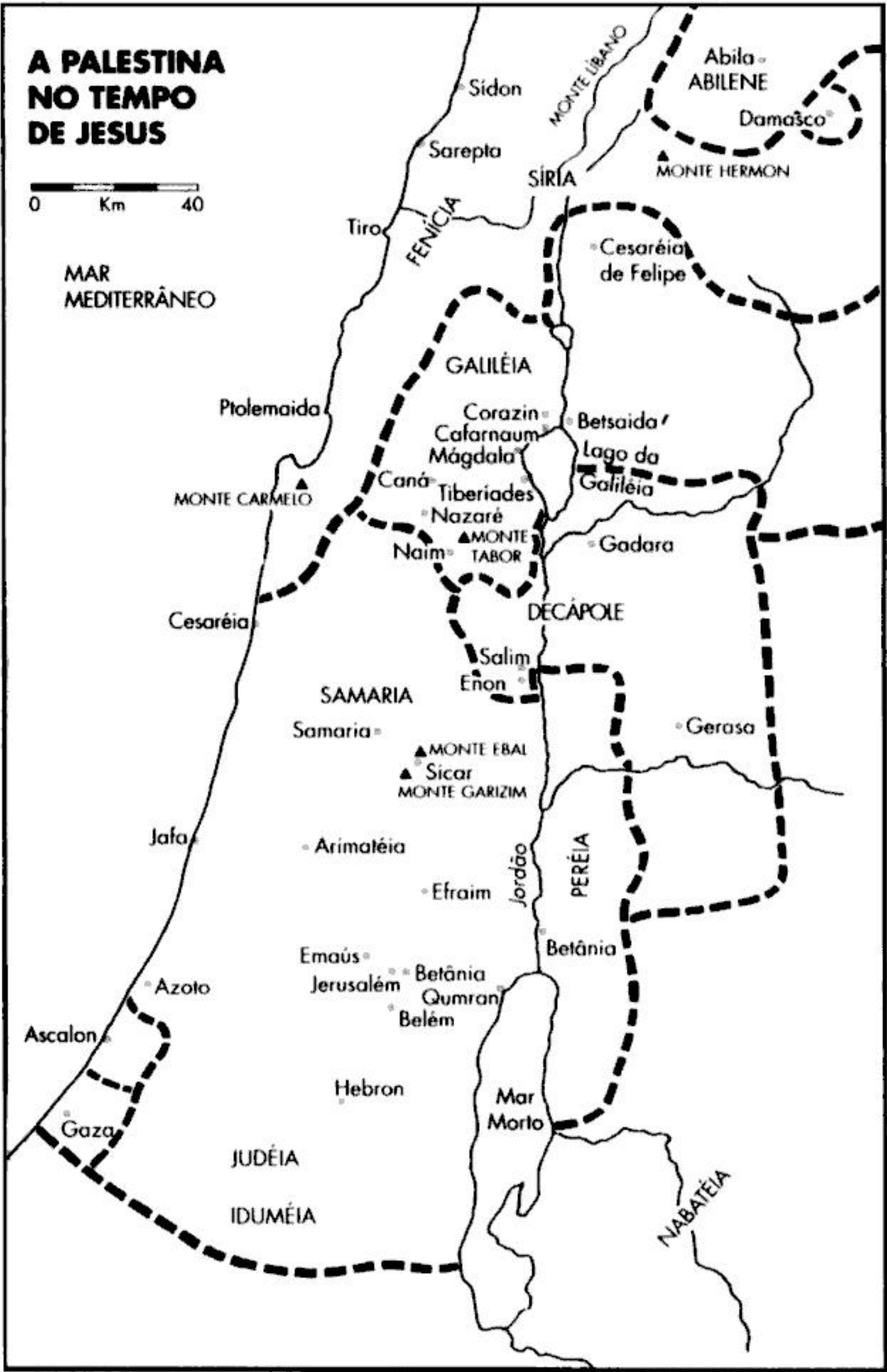
0 Km 40



A PALESTINA NO TEMPO DE JESUS

0 Km 40

MAR MEDITERRÂNEO



A

AARÃO

Irmão de Moisés*, foi o primeiro sumo sacerdote dos hebreus. Deixou-os adorar o bezerro de ouro* (Ex 4,14; Ex 28,1; Ex 32,1).

- ◆ *Lit.* Pierre Emmanuel, *Tu*, 1978.
- ◆ *Mús.* Arnold Schönberg, *Moisés e Aarão*, ópera, 1957.

ABEL

Segundo filho de Adão* e de Eva, morto pelo irmão mais velho, Caim*. Primeiro pastor, tinha oferecido a Deus o sacrifício de um cordeiro* (Gn 4,1). A tradição vê nele o justo perseguido pelos maus. É o protótipo da vítima inocente.

- ◆ *Lit.* O assassinato de Abel é frequentemente evocado na literatura, mas a personagem de Caim chamou muito mais a atenção dos escritores. Salomon Gessner, *A morte de Abel*, 1758.
- ◆ *Icon.* *A oferenda de Abel*, São Vital de Ravena, mosaico do séc. VI; St.-Savin, afresco do séc. XII. Schnorr von Carosfeld, *A Bíblia em imagens*, 1852. *Caim mata Abel*, catedral de Gerona, séc. XII. William Blake, *Adão e Eva descobrindo o corpo de Abel*, 1826, Londres. William Bouguereau, *O primeiro luto*, 1888, Buenos Aires.
- ◆ *Mús.* Leonardo Leo, *La Morte di Abele*, oratório, 1732.

ABNER

Nome usado por um general do exército de Saul* (2Sm 2). Durante a rivalidade entre Saul e David*, foi morto à traição.

- ◆ *Lit.* Jean Racine, *Atalia*, 1691. Tomando emprestado este nome à história bíblica, Racine o dá a um oficial que rejeita o culto de Baal* e apóia o sumo sacerdote Joad* quando da destituição de Atalia*. Trata-se aí de um personagem fictício. É ele que pronuncia os primeiros versos da peça: "Sim, vem ao seu Templo adorar o Eterno".

ABRAÃO

Abraão (ver Gn 12-25) vivia no início do segundo milênio a.C. Nascido num clã politeísta estabelecido em Ur, na Caldéia, recebeu de Deus a ordem de deixar sua pátria e partir para um país desconhecido, que devia tornar-se a Terra Prometida*.

Após uma temporada no Egito, ele se estabeleceu em Canaã*, com sua mulher Sara e seu sobrinho Ló.

Lá, Deus faz aliança com Abraão e lhe promete aquela terra para ele e sua descendência. Mas Sara não tem filhos. Ela o força a unir-se com sua serva Agar,

que lhe dá um filho, Ismael*; este, porém, não é o herdeiro anunciado.

Uma nova narrativa da Aliança* entre Deus e Abraão estabelece a circuncisão* como sinal perpétuo dela.

Uma vez mais Deus aparece a Abraão (Gn 18,1ss.), sob a forma de três homens que lhe anunciam o nascimento próximo de um filho, apesar da idade avançada de Sara. Para testá-lo, Deus pede em seguida ao patriarca que lhe sacrifique este filho, Isaac*, mas, diante da fé e da obediência de Abraão, Deus interrompe o sacrifício e proíbe doravante qualquer sacrifício humano.

Abraão, chamado “Pai dos crentes” (Rm 4), é o ancestral reconhecido das três religiões monoteístas: judaísmo, cristianismo e islamismo.

Filhos de Abraão

Abraão é considerado, com Isaac e Jacó, o ancestral do povo eleito. É o pai do povo a quem foi dada a Terra Prometida. A expressão “filhos de Abraão” (Mt 3,9; Lc 13,16; 19,9...) não designa somente uma descendência carnal. Aqueles que reivindicam a fé também são “filhos de Abraão”.

O seio de Abraão

O seio de Abraão designa o lugar de repouso dos justos, onde a dor não existe. É um lugar de espera que precede uma felicidade mais completa. A imagem é empregada na parábola do rico mau e do pobre Lázaro* (Lc 16,19).

♦ *Lit.* A história do sacrifício de Isaac tem inspirado os escritores e se superpôs, no imaginário ocidental, ao tema do sacrifício de Ifigênia.

Na Idade Média, numerosos mistérios contam a história de Abraão e põem à luz os diversos aspectos de seu drama. O Renascimento não é menos rico sobre o

tema. Citemos Théodore de Bèze, *Abraham sacrificant*, 1550 (teatro). No *Paráiso perdido* de Milton, 1667, livro XII, o arcanjo Miguel anuncia a Adão a missão de Abraão, homem cheio de fé que, à palavra de Deus, deixará sua pátria idólatra de Ur, na Caldéia, para ganhar a Terra Prometida para sua posteridade e tornar-se o pai dos crentes.

Pascal, *Mémorial*, 1654, opõe o “Deus de Abraão, Deus de Isaac, Deus de Jacó” ao “Deus dos filósofos e dos sábios”; isto é, o Deus que estabeleceu com os homens uma ligação pessoal, ao Deus abstrato descoberto pela especulação intelectual. Kierkegaard, *Temor e estremecimento*, 1843: ensaio sobre a angústia provocada pela posição do eleito diante de Deus. Para Kierkegaard, a provação à qual se submete Abraão é o ponto mais agudo onde se vive a fé do crente.

♦ *Icon.* *Abraão e os três anjos, ou a hospitalidade de Abraão*: San Zeno, séc. XII, Verona; San Vitale, séc. VI, Ravena; Andrei Rublov, 1427, Moscou; Marc Chagall, 1954, Nice. *O sacrifício de Abraão*, Alonso Berruguete, escult. em madeira, séc. XVI, Valladolid; Rembrandt, sobre o mesmo tema, em S. Petersburgo; Andrea Del Sarto, no Prado. *Abraão levando os eleitos*, catedral de Bourges, séc. XIV. *Agar no deserto*, Francisco Cozza, séc. XVII, Amsterdam; Camille Corot, 1835, Nova York.

♦ *Mús.* *Abraão e Isaac*, Giacomo Carissimi, oratório, séc. XVII; Igor Stravinsky, balada sacra, 1964. *Rock my soul*, “balance minha alma no seio de Abraão”, *negro spiritual*.

ABSALÃO

Terceiro filho de David*, manda matar seu meio-irmão Amnon para vingar o estupro de sua irmã Tamar. Conspira contra o pai e tem de fugir de Jerusalém. Sua cabeleira se prende nos galhos de uma árvore, onde fica suspenso. Joab, seu sobrinho, general de David, mata-o, contra as ordens de David (ver 2Sm 13-18).

♦ *Lit.* John Dryden, *Absalão e Aquitofel*, 1681: poema satírico que adapta o relato bíblico à situação política da época. William Faulkner, *Absalão! Absalão!*, 1936: o personagem principal é um homem violento, fundador de uma família. O ódio racial, o incesto, o assassinio (o filho do herói é morto pelo meio-irmão) fazem dela um verdadeiro inferno.

♦ *Icon.* *A morte de Absalão*, pavimento de mármore da catedral de Siena, séc. XV; Gustave Doré, *A Santa Bíblia*, Paris, 1866.

ACAB

Filho de Omri, sétimo rei de Israel (874-853; ver 1Rs 16-22). Arrastado para a idolatria por sua mulher Jezabel, filha do rei fenício de Sido, é amaldiçoado pelo profeta Elias*. Morre combatendo os arameus, contra o aviso do profeta Miquéias.

♦ *Lit.* Jean Racine, *Atalia*, 1691. Herman Melville, *Moby Dick*, 1851: a mãe do capitão Achab deu ao filho um nome bíblico de acordo com seu destino sangrento.

♦ *Cin.* O romance de Melville foi levado à tela em 1956 por John Huston.

ADÃO

A palavra hebraica *adam* significa “homem”, no sentido coletivo (o gênero humano), e o Gênesis (Gn 1,27) precisa que ele foi criado por Deus “homem e mulher”. Gn 2,7 aproxima *adam* e *adamah*, o “solo”, a “terra”, para enfatizar que a origem do homem é a “argila do solo”. Porém, mais tarde, no segundo relato da Criação*, a palavra toma um sentido mais restrito: para que este primeiro homem não fique só, Deus lhe dá uma companheira, modelada com uma de suas costelas; ela é chamada *ishshah*, “mulher”, pois foi tirada de *ish*, “o ho-

mem”. Adão se torna em seguida o nome próprio do primeiro homem (Gn 4,25).

Colocado por Deus no jardim do Éden* com sua mulher Eva*, Adão segue-a na desobediência: ambos transgridem a proibição de comer do fruto da árvore* do conhecimento, e por isso Deus os expulsa do Éden. O primeiro casal conhecerá então o trabalho penoso, o sofrimento e a morte. → QUEDA.

Por meio desses relatos muito figurados e sob uma aparência às vezes ingênua, expressa-se toda uma reflexão sobre a condição humana.

No conjunto do AT, faz-se pouca referência a Adão. O livro do Sirácida coloca-o acima de toda criatura viva (Eclo 49,16); o da Sabedoria chama-o “pai do mundo” e afirma que ele foi protegido pela Sabedoria de Deus (Sb 10,1).

NT. Lucas faz remontar até ele a genealogia de Adão (... “Filho de Set, filho de Adão, filho de Deus”, Lc 3,38). Paulo sublinha o contraste entre Adão, o homem pecador, e Jesus, o novo Adão. O primeiro se separa de Deus: é um morto; pelo segundo vêm a ressurreição, a vida (1Cor 15,45). → DESPOJAR O HOMEM VELHO, PECADO ORIGINAL.

♦ *Lit.* Os personagens de Adão e Eva estão no centro de uma abundante literatura apócrifa* em grego e em siríaco do séc. I ao séc. IV d.C. Existem versões árabes e etíopes.

Adão aparece no teatro medieval como o primeiro pecador, *Jogo de Adão*, séc. XII. No séc. XVI, Maurice Scève desenvolve um verdadeiro mito de Adão “grande lavrador”, “grande gerador”: *Microcosmo*, 1562. Byron imagina um Adão a quem apavora o peso de sua responsabilidade sobre o destino dos homens, após o assassinato de Caim, *Caim*, 1821. Quanto a Michel Tournier, deleitou-se em conceber um surpreendente Adão originalmente bissexuado, “A família Adão”, *Le Coq de Bruyère*, 1978.

♦ **Icon.** Jan Van Eyck, *Adão*, retábulo do Cordeiro Místico, 1432, St. Bavon. Michelangelo, *A criação do homem*, 1509, Roma. *Adão e Eva*, Lucas Cranach, séc. XVI, Londres; Albrecht Dürer, 1507, Madri.

O pecado original, Paolo Ucello, 1450, Florença; Tintoretto, 1564, Veneza. Tommasio Masaccio, *Adão e Eva expulsos do Paraíso terrestre*, 1426, Florença. Piero della Francesca, *A morte de Adão*, séc. XV, Arezzo.

♦ **Mús.** *O jogo de Adão*, s. XII, drama semilitúrgico interpretado e cantado em latim, em gregoriano e em língua românica. Jean-François Lesueur, *A morte de Adão*, 1809.

ADONAI

Em hebraico *Adoni* significa “meu Senhor”; *Adonai* é um plural de majestade ou de intensidade. Os hebreus, reconhecendo a Senhoria de Deus* sobre eles, chamam-no “Adonai”. Este termo de polidez torna-se um nome próprio de Deus. Quando o texto hebraico da Bíblia é lido em voz alta, este nome substitui o nome impronunciável de YHVH (Yahvé*); é freqüentemente traduzido, como faz o texto grego (*Kyrios*), por “Senhor”.

ADORAR

(Gr. *proskynô*, que significa ao mesmo tempo “prostrar-se” e “adorar”.) Jesus diz a Satã, que o tenta: “Ao Senhor teu Deus adorarás e só a ele prestarás culto” (Mt 4,10). Estas palavras são uma citação do AT (Dt 6,13), em que “adorar” vem do termo hebraico “temer” (que não é sinônimo de “ter medo”).

Quando o homem toma consciência da grandeza de Deus e de seu mistério, não se trata de medo, mas de respeito e de assombro, sentimentos que marcam a distância infinita entre o homem e o Deus

Santíssimo*. Ezequiel, diante da Glória* de Deus (Ez 1,28), Saulo, diante do Cristo ressuscitado (At 9,4), caem por terra num gesto de adoração. Só Deus pode ser adorado no sentido estrito do termo.

♦ **Lit.** A obra dos místicos abunda em orações de adoração. São João da Cruz, *Cânticos espirituais*, séc. XVI; Fénelon, *Poesias*, 1685.

ADULTÉRIO

Na Bíblia, são adúlteros a mulher casada ou noiva (no sentido hebraico do termo) que não respeita seus compromissos, e o homem que engana sua mulher com uma mulher casada. O Decálogo* (Ex 20,14) condena formalmente o adultério e, no caso de flagrante delito, os dois culpados são mortos (Lv 20,10). Se é a mulher a culpada, o marido pode contentar-se com repudiá-la.

O NT retoma a condenação do crime de adultério e até estende seu domínio, já que Jesus, após ter citado o Decálogo, acrescenta: “Todo aquele que olha para uma mulher com desejo libidinoso já cometeu adultério com ela em seu coração” (Mt 5,27-28). No entanto, diante de uma mulher adúltera que os escribas* e fariseus* se apressam em lapidar, Jesus os desafia: “Quem dentre vós estiver sem pecado, seja o primeiro a lhe atirar uma pedra”; então eles se retiram um a um, a começar dos mais velhos. Jesus, a sós com a mulher, diz a ela: “Nem eu te condeno” (Jo 8,2-11).

No AT, a noção de adultério se ampliou, por analogia, às relações entre Deus e o povo que ele escolheu e ao qual se uniu pela Aliança (o livro do profeta Oséias). Quando Israel se prosterna diante dos ídolos ou adora outros deuses, ele se torna um povo adúltero e suscita o ciúme de seu Deus. Oséias, Jeremias, Eze-

quiel não têm termos duros o bastante para condenar tais infidelidades de Israel, que se tornou uma "prostituta". → NOIVADO.

- ◆ *L. & P.* Atirar a primeira pedra.
- ◆ *Lit.* Alfred de Vigny, *Poemas antigos e modernos*, 1837, "A mulher adúltera", inspirado em Jo 8,2-11. Selma Lagerlöf em *O anel do pescador*, 1939, "A inscrição no solo", novela.
- ◆ *Icon.* Pieter Bruegel, *Cristo e a adúltera*, séc. XVI, Londres.

ÁGAPE

(Gr. *agapê*, "amor".) Refeição fraterna dos primeiros cristãos, decerto ligada à Eucaristia*; em 1Cor 11,17-34, Paulo opõe a refeição que cada um toma à "Ceia do Senhor", que exige uma celebração comum na caridade*. Hoje, os ágapes designam simplesmente um banquete (na Igreja Ortodoxa, porém, fiel às tradições da Igreja primitiva, os ágapes ainda conservam seu significado original, litúrgico).

AGONIA (DE JESUS)

(Gr. *agôn*, "combate, agitação da alma, ansiedade".) Após a Ceia*, Jesus foi com seus apóstolos ao jardim de Getsêmani, ao pé do monte das Oliveiras. Afastou-se deles à distância de um arremesso de pedra. Diante da morte que se aproximava, foi tomado de grande angústia. Suplicou a Deus que afastasse dele aquele cálice de amargura; segundo Lucas, um suor de sangue cobriu seu corpo e um anjo veio reconfortá-lo. Seus apóstolos tinham adormecido (Mt 26,36; Mc 14,32-42; Lc 22,40-46). Este combate interior marca o início da agonia de Jesus, que prosseguirá na cruz*.

- ◆ *Lit.* Blaise Pascal, *Pensamentos*, 1670, "O mistério de Jesus" (ed. Brunschvicg, 553): uma meditação sobre a solidão de

um Deus que sofre e busca "companhia e alívio da parte dos homens... mas não os recebe, pois seus discípulos dormem". Victor Hugo, *O fim de Satã*, 1886, "Começo da angústia".

Alfred de Vigny, *O monte das Oliveiras*, 1839, inspirado pelo poeta alemão Jean-Paul Richter (*Siebenkaas*, 1796): Vigny evoca sua própria angústia religiosa por meio daquela que empresta a Jesus: Jesus faz um apelo vão ao divino Pai, "mudo, cego e surdo" ao grito das criaturas, e sabe que sua mensagem libertadora será traída. Gérard de Nerval, "Cristo nas Oliveiras" (*As quimeras*, 1854), série de cinco sonetos também inspirados em Jean-Paul: no jardim das Oliveiras, o Senhor desesperado tenta, antes de morrer, revelar a seus discípulos a "notícia": "Falta o Deus no altar onde sou a vítima.../Deus não é mais! Deus não é mais!/mas eles continuam a dormir!..."

A obra de Georges Bernanos multiplica as cenas de agonia: o herói do *Diário de um pároco de aldeia*, 1936, é "o prisioneiro da santa agonia". Max Jacob em "Agonia", *Últimos poemas*, 1945, evoca sua própria morte, iminente, no campo de Drancy onde foi internado.

- ◆ *Icon.* *A agonia de Jesus no jardim das Oliveiras*: Andrea Mantegna, 1460, Tours; Giovanni Bellini, séc. XV, Londres; El Greco, séc. XVI, Budapeste; Delacroix, 1826, Paris, St-Paul-St-Louis.
- ◆ *Mús.* Ludwig van Beethoven, *Cristo no monte das Oliveiras*, oratório, 1801. François Poulenc, *O diálogo das carmelitas*, 1957, ópera, inspirada na obra de Bernanos. Hjelmar Borgstrom, séc. XX, *Jesus, Getsêmani*.
- ◆ *Cin.* Robert Bresson, *Diário de um pároco de aldeia*, 1950, inspirado na obra de Bernanos; *Processo de Joana d'Arc*, 1961: o Pe. d'Ambricourt e Joana. Imagens de Cristo em agonia.

ÁGUA

Água e Vida

A água é um símbolo universal de vida e de pureza. As cosmogonias mais diversas evocam as águas primordiais, tal

como o relato da criação no Gênesis: “um vento de Deus pairava sobre as águas” (Gn 1,2).

Inúmeras passagens da Bíblia mostram como a água é necessária à vida diária. Mas ela é rara, e é preciso cavar poços ou cisternas para recolher a água da chuva e construir sistemas de irrigação.

No AT, o povo de Deus torturado pela sede no meio do deserto pede a Moisés que lhe consiga água. Deus diz a ele: “Toma teu cajado; baterás com ele no rochedo, a água jorrará e o povo terá o que beber” (Ex 17). Três elementos típicos estão assim reunidos: solicitude de Deus, confiança do crente, dom da água ou dom da vida.

Sendo a água a vida em todas suas formas, ela desempenha um papel na cura das doenças: o profeta Eliseu, por exemplo, mandou um chefe arameu leproso, Naamã, banhar-se no Jordão. Ele de lá saiu com a pele limpa e lisa, pois teve fé em Deus que falou pela boca de Eliseu (2Rs 5). Este relato pôde ser interpretado no cristianismo como a prefiguração do batismo que “cura” do pecado.

Toda purificação é um tipo de cura. A Lei de Israel prescrevia o uso de águas lustrais para purificar os homens e as coisas impuras (Nm 19), e observavam-se ritualmente prescrições de abluções e de lavagens de taças, de vasilhas, de vestes. Enfim, os judeus conheciam ritos de purificação tanto física quanto moral por imersão em bacias de água pura (na entrada do Templo) ou em piscinas rituais (Qumran).

No NT, o evangelista João relata o encontro que Jesus teve, perto da cidade de Samaria, com uma mulher que vinha apanhar água num poço. Jesus lhe pediu de beber e, tendo saciado sua sede, anun-

ciou-lhe uma água de vida eterna: “Quem beber da água que eu lhe darei nunca mais terá sede” (Jo 4,14). Aqui novamente, a fonte de água simboliza o jorro da vida divina dada ao crente. → SAMARITANA.

A água destruidora

Símbolo ambivalente, a água pode também destruir e provocar a morte: são assim as águas do Dilúvio*, águas superiores que passam pelas comportas do céu que Deus abriu.

O mar*, os lagos, as grandes extensões de água assustavam os judeus, que não tinham vocação marítima como os fenícios. Temiam as tempestades, os naufrágios, as ressacas da maré. Nas águas profundas do lago de Tiberíades são engolidos, sob a forma de porcos, os espíritos imundos que atormentavam um endemoniado libertado por Jesus (Mc 5,12-13).

A água do batismo*

Ela associa dois valores, vida/morte: mergulha-se na água o homem velho (o pecador) que morre, e sai das águas um homem novo, lavado de todo pecado. → CRIAÇÃO, TEMPESTADE ACALMADA.

♦ *Lit.* Paul Claudel, *Cinco grandes odes*, 1910, “O Espírito e a Água”. Jean-Claude Renard, *Encantamento das águas*, 1961.

ÁGUA

Na Bíblia, ela simboliza principalmente o poderio e o orgulho. Assim, Ezequiel representa o rei Nabucodonosor como uma água de envergadura imensa (Ez 17). A águia figura com o touro, o leão e o homem numa visão do mesmo profeta retomada no Apocalipse* (Ez 1,5; Ap 4,7). Seu vôo poderoso e a crença tomada emprestada do latino Plínio de

que ela pode fitar o Sol contribuíram, na tradição posterior, para fazer da águia o símbolo da alma que tem a visão mística de Deus. → EVANGELISTAS.

*A águia de Patmos**: perífrase para designar o autor visionário do Apocalipse, assimilado a João, o evangelista, pela tradição.

- ♦ *Lit.* Victor Hugo se compara à águia bíblica (*As contemplações*, VI, "Ibo", 1855) que sobe rumo às "luzes de Deus".

ALELUIA

(Hb. *hallelu-yah*, "louvai a Deus".)

Aclamação litúrgica. → HALLEL.

- ♦ *Mús.* O Aleluia do *Messias* de Haendel, oratório, 1742, é muitas vezes cantado sozinho.
- ♦ *Cin.* King Vidor, *Halleluyah*, 1929. Drama entre os negros norte-americanos: o herói, Zeke, torna-se evangelista. batiza no rio, e prega nos dois trens que vão ao Inferno e ao Paraíso.

ALFA E ÔMEGA

Primeira e última letras do alfabeto grego. No Apocalipse*, Jesus declara: "Eu sou o alfa e o ômega", o que significa o começo e o fim, o primeiro e o último, o Vivo por excelência.

- ♦ *Lit.* Ver a interpretação do paleontólogo inspirado Pierre Teilhard de Chardin em *O fenômeno humano*, 1955 (epílogo): Deus, suprema finalidade que vive e pensa, é o ponto Ômega. "já existente e operante no mais profundo da massa pensante".

ALIANÇA

(Hb. *Berit*, lat. *testamentum*, port. "testamento" ou "aliança".)

Acordo mútuo que liga dois ou vários parceiros numa comunidade, implicando direitos e deveres; ele é lembrado pelo

erguimento de monumentos (estelas) ou pela redação de documentos. Romper este acordo é um crime. Se um dos dois parceiros goza de uma posição social privilegiada, o mais fraco obtém dele, se for fiel à aliança, proteção e segurança.

A aliança divina no AT

São as alianças concluídas por Deus com Israel que determinam para sempre, aos olhos de Israel, sua religião e sua nação, e o distinguem de todos os outros povos:

- Aliança com Noé* após o dilúvio.
- Aliança com Abraão*.
- Aliança com Moisés* e o povo eleito selada no Sinai (ou sobre o monte Horeb).
- Aliança com David*.
- Aliança vista pelos profetas*: pecando, Israel rompeu a aliança concluída com Deus no Sinai; no entanto, Deus se recusa a destruir Israel; quer fundar, com o resto de Israel permanecido na fé, uma nova aliança eterna e estendida aos pagãos. → ELEITO.

A nova aliança no NT

Para os cristãos, esta nova aliança entre Deus e a humanidade realiza-se plenamente em Jesus; é selada por seu sangue; por meio dele se cumpre a aliança do Sinai. Durante a Ceia*, Jesus diz, pegando a taça de vinho: "Bebei todos dele, este é o meu sangue, o sangue da aliança" (Mt 26,27-28). A noção de aliança com Deus funda a originalidade do judeu-cristianismo, do qual ela é o cerne. → TESTAMENTO.

- ♦ *Lit.* Racine, *Ester*, 1689: Ester e as donzelas de Israel rogam a Deus que se lembre de sua aliança com seu povo, de sua promessa; suplicam-lhe que socorra os inocentes que vão ser massacrados.

ALMA

Nossa cultura opõe de bom grado a alma, o elemento espiritual, ao corpo; nisso ela se mostra herdeira de certas correntes do pensamento grego marcadas pelo dualismo — um dualismo que pode ir até a representação do corpo como a prisão ou o exílio da alma.

A Bíblia, ao contrário, vê o homem como uma unidade orgânica. A palavra *nefesh*, traduzida correntemente por “alma”, designa primeiro a “garganta”, donde o “sopro de vida”, o ser vivo (Gn 2,7; Sl 103,1). Às vezes, esta palavra substitui simplesmente um pronome pessoal (si; si mesmo): é realmente a pessoa, em sua identidade corporal tanto quanto espiritual. O homem é *nefesh*, mas também se dirá que é *basar* (“carne”) se se quiser insistir em sua fragilidade. → CARNE, CORPO

♦ *Lit.* Tertuliano, *De anima, De resurrectione carnis*, v. 210: dois tratados nos quais Tertuliano tenta conciliar filosofia grega e pensamento judaico. Gregório de Nissa, *Diálogo sobre a alma e sobre a ressurreição*, séc. IV, acerca da imortalidade da alma.

O dualismo cartesiano opõe, de maneira não bíblica, a alma, “substância pensante”, ao corpo, “substância extensa”. No séc. XVIII, a crítica de Voltaire ironiza sobre nossa incapacidade de conhecer a alma e sobre as dissensões dos filósofos a seu respeito: *Micrômegas*, 1752; *Dicionário filosófico*, 1764. No séc. XIX, inúmeros poetas, Lamartine, Baudelaire, Verlaine, cantam a aspiração mística da alma à imortalidade celeste.

Segundo Péguy, *Diálogo da história e da alma carnal*, 1909, o essencial, hoje, é recuperar “esta ligação incrível... do espírito e da matéria, do espírito e do corpo, da alma e da carne; esta incrível ligação da alma carnal”.

♦ *Icon.* A alma é primeiramente simbolizada por uma pomba, depois por uma criancinha, imagem do nascimento para uma vida nova após a morte. Capitéis da

época românica: em Vézelay, França, por exemplo, “*Lázaro e o rico mau*”.

♦ *Mús.* Claude Debussy, *Pelléas e Mélisande*, 1895. Tem-se interpretado Pelléas como representando o Espírito Santo, e Mélisande, a alma que voa do ser encarnado para a “colméia eterna” (Anna Mandolfi).

ALQUEIRE

Antiga medida de capacidade para os sólidos. Jesus menciona este objeto ao comparar sua doutrina a uma lâmpada que não se deve esconder debaixo de um alqueire (Mc 4,21).

♦ *L. & P.* *Esconder a lâmpada debaixo do alqueire* significa: esconder, sufocar os talentos de alguém.

ALTÍSSIMO

Título divino, freqüente nos salmos. Elyon, deus de um santuário cananeu, foi identificado com o Deus de Abraão. No Gênesis, Melquisedec*, sacerdote de Elyon (o Altíssimo), abençoou Abraão* pelo “Deus Altíssimo que criou o céu e a terra” (Gn 14,18). Os apelativos “Altíssimo” e “Eterno” (Gn 21,33) exprimem a transcendência e o poder de Deus. → ADONAI, EL, ELOAH, SANTO.

AMÉM

Palavra hebraica cuja raiz implica várias idéias: solidez, confiança, verdade. Dizer *amém* é proclamar que se considera verdade o que acaba de ser dito. A tradução “assim seja”, que é um desejo, não dá o sentido exato do termo.

♦ *L. & P.* *Dizer amém a tudo*: aprovar tudo, consentir em tudo.

♦ *Mús.* A palavra *amém* muitas vezes serviu de tema aos compositores de música religiosa (Palestrina, Haendel, Cafaro...).



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

e do NT, em particular: a mãe do profeta Samuel, a mulher do velho Tobias e uma profetisa que, segundo o evangelista Lucas (Lc 2,36-37), saudou a Apresentação* do menino Jesus no Templo de Jerusalém.

Segundo uma tradição apócrifa*, é também o nome da mãe de Maria, esposa de Joaquim. Inúmeras representações mostram-na educando Maria; às vezes, reúnem as três gerações da “Sagrada Família”, Ana, Maria e Jesus.

♦ *Icon. A Virgem e Sant’Ana*, Leonardo da Vinci, 1499, Louvre; escult. em madeira, Samur-en-Auxois, séc. XV. Rembrandt, *Sant’Ana*, 1631, Amsterdam.

ANÁTEMA

(Gr. *anathêma*, “oferenda votiva”; hb. *herem*, “pôr à parte”, “proibir ao uso profano”.) Esta palavra designa uma regra que Israel devia observar nas guerras de Yahvé: o butim e às vezes os inimigos vencidos eram consagrados a Yahvé e, portanto, destruídos. Aplica-se também ao castigo dos idólatras. “Se ficar constatado que tal abominação foi cometida em teu meio, deverás passar a fio de espada os habitantes desta cidade, tu a sacrificarás como anátema juntamente com tudo o que nela existe” (Dt 13,13-19).

Nos textos judaicos mais recentes e no NT, o anátema atinge os indivíduos: é a exclusão da comunidade que entrega o culpado — aquele que mentiu ou não cumpriu suas promessas — ao julgamento de Deus. Em At 23,12, os judeus inimigos de Paulo* comprometem-se a fazer greve de fome até que ele seja morto, chamando sobre si mesmos as mais terríveis punições de Deus (anátema) se falharem em seu compromisso.

Os Concílios formularam anátemas até o Concílio Vaticano I (1869-70). O

Vaticano II (1962-65) talvez seja o primeiro a não pronunciar nenhum.

Os muçulmanos mantiveram no anátema, enquanto maldição, toda a sua força passional.

ANCIÃOS

São os chefes de família de uma tribo (Dt 31,28), sábios cujas opiniões são respeitadas. Administram a justiça. Já na marcha pelo deserto, Moisés reúne uma assembléia de 70 anciãos (Nm 11,16). Esta instituição se tornará o Sinédrio*.

No NT, os anciãos (gr. *presbyteroi*) pertencem à comunidade judia (Lc 7,3) ou ao grupo dos cristãos (At 15,2). No final de sua terceira viagem, Paulo se despede dos anciãos de Éfeso, responsáveis pela comunidade cristã, encorajando-os a ser bons guardiães (gr. *episcopoi*) desta Igreja local (At 20,17-28). → SACERDÓCIO.

ANDRÉ

(Gr. *andreios*, “viril”.) Um dos doze apóstolos*. Era irmão de Simão Pedro* e, como ele, pescador em Cafarnaum; a princípio, discípulo de João Batista, seguiu Jesus depois (Mt 4,18-20). Segundo uma tradição, após a morte de Jesus, coube-lhe evangelizar a Rússia. Acredita-se que tenha morrido, em Patras, na Grécia, crucificado numa cruz em X, chamada em seguida “cruz de Santo André”.

♦ *Lit. Bossuet, Panegírico de Santo André, apóstolo*, pregado aos carmelitas do Faubourg Saint-Jacques em Paris, em 30 de novembro de 1668. Paul Claudel, *Corona benignitatis anni Dei*, “Santo André”, 1915.

ÂNGELUS

Oração recitada de manhã, ao meio-dia e à tarde na tradição católica, evo-



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

trelas, 1974. Pierre Henry, *Apocalypse de João*, 1968. *Twelve gates to the City*, negro-spiritual.

♦ *Cin.* Bergman, em *O sétimo selo*, 1956, ilustra os dois sentidos da palavra *apocalipse*: fim do mundo, com fome e peste na Idade Média, e revelação escatológica análoga à abertura do sétimo selo no Apocalipse de João. Francis Ford Coppola, *Apocalypse now*, 1979: o sentido moderno de catástrofe é o único abordado neste filme sobre a guerra norte-americana no Vietnã.

APÓCRIFOS

Escritos que não foram considerados como fazendo parte do “cânon”* das Escrituras. São conhecidos inúmeros apócrifos do AT: o livro de Enoc, o 4º livro de Esdras, o Testamento dos Doze Patriarcas... muitas vezes bem marcados pela corrente apocalíptica*. Conhecemos também evangelhos apócrifos: Evangelho de Tomé, Evangelho de Pedro... Estes últimos, embora não tendo autoridade, conservaram às vezes antigas tradições, não desprovidas de valor, mas um gosto exagerado pelo maravilhoso é sua característica.

Alguns textos são chamados apócrifos pela tradição protestante, e deutero-canônicos* pela tradição católica.

APÓSTOLOS

(Gr. *apostolos*, “enviado”, delegado oficial encarregado de missão.) No sentido estrito, são os doze discípulos escolhidos por Jesus para serem seus mais próximos colaboradores, suas testemunhas diante do mundo, e os pregadores de seu Evangelho*. O NT chama-os geralmente “os Doze”. São eles: Pedro*, André*, Tiago* e João*, os primeiros chamados; Filipe*, Bartolomeu*, Mateus*, Tomé*, Tiago* filho de Alfeu,

Tadeu (ou Judas), Simão* e Judas* Iscariotes (Mc 3,17-19). Pedro sempre aparece à frente. Judas, após sua traição, foi substituído por Matias (At 1,15-26).

Quanto a Paulo*, após a morte de Jesus, toma o nome de “apóstolo dos gentios”, isto é, dos não-judeus, em consequência de sua conversão no caminho* de Damasco.

Em sentido ampliado, o termo “apóstolo” designa aquele que transmite a mensagem do Evangelho ou, de forma mais geral hoje, aquele que defende uma idéia ou uma causa generosa.

♦ *L. & P.* *O fermento na massa* (Lc 13,20-21): tal como basta um pouco de fermento em três medidas de farinha para fazer crescer toda a massa, os doze apóstolos, anunciando o Reino de Deus, vão transformar a terra. Na linguagem corrente, a expressão designa todos que, apesar de seu pequeno número, fazem “fermentar” idéias, sentimentos, paixões num mundo que, sem eles, seria inerte.

♦ *Lit.* Paul Claudel, *Corona Benignitatis anni Dei*, “O Grupo dos Apóstolos”, 1915.

♦ *Icon.* *O envio dos apóstolos*, escult., séc. XII, Vézelay. Hugo Van der Goes, *A morte da Virgem*, 1480, Bruges. *Os apóstolos*, Dürer, 1526, Munique; El Greco, 1608, Toledo. Eugène Burnand, *Os discípulos Pedro e João correndo ao sepulcro*, 1898, Paris. → CEIA, PENTECOSTES.

APRESENTAÇÃO DE JESUS NO TEMPLO

A Lei de Moisés prescrevia a consagração a Deus do primogênito* do homem ou do animal doméstico. A criança não era sacrificada, mas resgatada pelo sacrifício de um par de rolinhas ou de duas jovens pombas (Ex 13,2; Lv 1-14). Os pais de Jesus obedeceram à Lei quando vieram apresentá-lo ao Templo. O velho Simeão anunciou que Jesus seria a salvação de Israel (Lc 2,22-35).



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Nápoles; Ticiano, 1518, Veneza; El Greco, 1608, Toledo; Rubens, doze telas, séc. XVII, Bruxelas, Viena, Antuérpia; Charles-Antoine Bidaeu, escultura do coro, catedral de Chartres, 1773.

♦ *Mús.* Missa *Assumpta est Maria*, Palestina, séc. XVI; Marc Antoine Charpentier, séc. XVII.

ATALIA

Filha de Acab* e de Jezabel, rainha de Jerusalém. No séc. IX a.C. o povo judeu separou-se em dois reinos: Israel e Judá. Aconteceu de Israel esquecer sua fidelidade para com Yahvé para adorar deuses estrangeiros. Assim Acab, pai de Atalia, constrói em Samaria um templo de Baal. Na mesma época, as famílias reais dos dois reinos rivais se dilaceram numa série de massacres. Num deles, Jezabel, mãe de Atalia, é jogada aos cães. Sua filha, então, extermina a raça de David para poder reinar em Jerusalém. Ela, com efeito, será rainha de 841 a 835. Mas uma criança que escapou da matança e foi criada em segredo, Joás, vai expulsá-la por sua vez. O sumo sacerdote Joiada ordenará a morte de Atalia assim como a destruição dos ídolos (2Rs 11; 2Cr 22-23).

♦ *Lit.* Esta história sanguinária inspirou a Racine o tema de sua tragédia *Atalia* (1691); Jean-Baptiste Moreau escreveu a música dos coros, François Adrien Boieldieu reescreveu-a em 1810.

♦ *Mús.* Haendel, *Atalia*, oratório, 1733.

ATOS DOS APÓSTOLOS

Livro do NT que o evangelista Lucas* apresenta como a seqüência de seu evangelho. Ambos são dirigidos a um certo Teófilo (At 1,1). É um relato dos inícios da Igreja* desde a Ascensão* de Jesus até o cativo de Paulo* em Roma em 61-63. Após um olhar sobre a jovem comu-

de cristã de Jerusalém composta de judeus, os Atos apresentam a abertura da Igreja aos pagãos, isto é, aos não-judeus.

Na primeira metade do livro, Pedro* é o personagem principal; na segunda, é Paulo, ao longo de suas viagens missionárias. O texto pode ser datado nas proximidades de 70 d.C. Lucas, que a tradição identifica como o companheiro de Paulo (Cl 4,14), pôde utilizar lembranças pessoais e o testemunho das comunidades primitivas.

♦ *Lit.* Arnoul e Simon Gréban, *Os Atos dos Apóstolos*, 2ª metade do séc. XV; um dos "mistérios*" da Idade Média.

♦ *Cin.* Roberto Rossellini, *Os Atos dos Apóstolos*, 1968, realizado para a televisão: os discípulos de Jesus enfrentam, na indignação, as instituições que se recusam a ver nele o Messias.

AVE-MARIA

"Ave Maria, gratia plena; Dominus tecum: benedicta tu in mulieribus, et benedictus fructus ventris tui, Jesus.

Santa Maria, mater Dei, ora pro nobis peccatoribus, nunc et in hora mortis nostrae. Amen". → ANUNCIAÇÃO, ANGELUS.

♦ *Lit.* "Ave Maria", este início de oração tradicional aparece como refrão de "A oração", texto de Francis Jammes (*A Igreja vestida de folhas*), popularizada pela interpretação cantada de Georges Brassens (1953). Ele se encontra nas estrofes que Aragon consagrou às prisioneiras de Auschwitz (*Musée Grévin*, 1946).

♦ *Icon.* Petrus Christus, *A Virgem da árvore seca*, 1452, Lugano: letras A, simbolizando *Ave Maria*, pendem dos galhos da árvore.

♦ *Mús.* *Ave-Maria*, missa a seis vozes de Palestrina, séc. XVI. Melodias de Schubert e de Gounod, séc. XIX.

♦ *Cin.* Jean-Luc Godard, *Je vous salue, Marie*, 1986.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

torre, São Marcos de Veneza, mosaico do séc. XIII.

◆ *Mús.* Anton Rubinstein, *A torre de Babel*, oratório, 1872. Igor Stravinski, *Babel*, cantata, 1944.

BABILÔNIA

(Acad. *Bab-ilu*, “porta do deus”.) Antiga cidade situada às margens do Eufrates. Fundada provavelmente por volta do III milênio a.C. pelos sumérios, ganha importância sob a I dinastia (2225-1925) e particularmente sob o reinado de Hamurabi. É em seguida destruída e logo reconstruída pelos caldeus e, sob o reinado de Nabucodonosor*, a beleza de seus edifícios faz dela uma das maravilhas do mundo (as ruínas de suas construções foram descobertas por Koldervej no início do séc. XX).

Nabucodonosor toma Jerusalém, destrói-a, deporta seus habitantes. Ora, Isaías* tinha anunciado a Ezequias* que um dia as riquezas de seu palácio seriam levadas para Babilônia. O exílio dura 50 anos (587-538). É durante este período que Jeremias* convida os exilados a não escutar os falsos profetas, a não venerar os deuses dos babilônios. A queda de Babilônia, tantas vezes anunciada pelos profetas como a punição de Deus vingando seu povo oprimido (Jr 50-51), acontece em 539, quando Ciro da Pérsia invade a cidade. O retorno dos judeus à Judéia é uma réplica da libertação do Egito.

Babilônia é o símbolo de todos os impérios opostos a Deus e a seu povo; o rei Nabucodonosor, modelo de orgulhoso e de sacrílego. É a “grande prostituta”, aliada do Anticristo*. No Apocalipse* (Ap 18,9-24), Roma é chamada “a grande Babilônia”, será aniquilada por sua idolatria e suas perseguições.
→ EXÍLIO.

◆ *Lit.* Santo Agostinho, *A cidade de Deus*, 413-424: no livro XIX, o autor latino opõe as duas cidades, Babilônia, a profana, e Jerusalém, a sagrada.

◆ *Icon.* Degas, *Semíramis construindo Babilônia*, 1861, Paris.

◆ *Mús.* Rossini, *Ciro em Babilônia*, oratório, 1812.

◆ *Cin.* Na segunda parte de *Intolerância*, de Griffith, 1916, Babilônia é invadida pelas tropas de Ciro. Em *Bom dia, Babilônia*, dos irmãos Taviani, 1986, os heróis descobrem a América, Babilônia moderna. A ação se desenrola em parte no momento da filmagem de *Intolerância* de Griffith.

BALÃO

Profeta* que o rei de Moab, Balac, faz vir da Mesopotâmia para amaldiçoar os israelitas. Muito reticente em obedecer ao rei, Balaão põe-se a caminho de Moab, já prevenindo de que só poderá obedecer a Deus. O texto bíblico, num relato muito figurado, conta que Deus, descontente por vê-lo partir, põe em seu caminho um anjo, e a jumenta de Balaão, assustada, recusa-se por três vezes a prosseguir. Chegando junto a Balac, o profeta abençoa os israelitas a quem devia amaldiçoar (Nm 22-24).

◆ *Icon.* *Balaão e sua jumenta*, St-Andoche de Saulieu, séc. XII; Rembrandt, séc. XVII, Paris.

BALTAZAR

Regente de Babilônia*, foi destronado e morto por Ciro em 539 a.C. O livro de Daniel* conta que durante um banquete Baltazar mandou trazer, por fanfarronada, os vasos sagrados dos judeus retirados do templo de Jerusalém por Nabucodonosor. Viu então uma mão traçar no reboco da parede uns caracteres misteriosos: *mené, téqel, parsîn* (“medido”, “pesado”, “dividido”). O profeta



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

♦ *Lit.* Os primeiros textos literários cristãos inspirados na Bíblia são agrupados sob o nome global de Patrística: escritos dos Padres da Igreja. A partir do séc. II d.C., os escritores da Antiguidade, gregos e latinos, e a partir do séc. IV sírios e armênios, dedicaram-se à exegese e ao comentário do Antigo e do Novo Testamento. Entre eles, Tertuliano, Orígenes, Arnóbio, Lactâncio, Santo Ambrósio e Santo Agostinho tiveram considerável influência na Idade Média e mesmo depois dela.

Os autores judeus, por seu lado, mantiveram ao longo dos séculos uma importante atividade de explicação da Lei e dos profetas. A Espanha árabe viu o apogeu, nos sécs. XI e XII, da literatura hebraica medieval: Moisés Maimônides (1135-1204) é o filósofo que exprime melhor o judaísmo ortodoxo. → TALMUDE, JUDAÍSMO.

O nascimento da crítica histórica e filosófica no séc. XVII (Richard Simon e Spinoza) trouxe, entre os escritores posteriores, um interesse pela cronologia dos fatos mencionados na Bíblia e pela investigação dos autores dos livros bíblicos: na *Enciclopédia*, 1751-72, os verbetes "Bíblia", "Cânone", "Cronologia sagrada"; Voltaire, *A Bíblia enfim explicada*, 1776. Os conservadores acusaram de impiedade os que punham em dúvida a literalidade das afirmações do Pentateuco*, ao passo que os racionalistas concluíam pela caducidade da mensagem bíblica nos tempos modernos.

O séc. XIX vê o renascimento da inspiração bíblica na literatura. Os escritores são diversamente inspirados pela voga do orientalismo, pelo progresso das ciências históricas, pelas reflexões políticas sobre a história da humanidade.

No séc. XX, Paul Claudel retomou a tradição patrística e medieval dos comentários e interpretações da Bíblia. Mais recentemente, Elie Wiesel não reserva ao público judeu piedoso suas meditações diretamente inspiradas na Bíblia e na tradição judia: *Celebração bíblica*, 1975; *Celebração hassídica*, 1976.

Para uma teoria da Bíblia como "fonte", "código" da literatura, consultar: Northrop Frye, *O grande código*, Paris, 1984.

Enfim, a tradução da Bíblia tem dado oportunidade a verdadeiras obras literárias: na Inglaterra, a *Versão autorizada da Santa Bíblia*, 1604-11; na Alemanha, Lutero contribui, com sua tradução, para modelar o alemão moderno (1534). Nos dias de hoje, os poetas continuam tentados por este exercício fascinante: Jean Grosjean, *Apocalipse*, 1962, e Henri Meschonnic, *Os cinco rolos*, 1970.

♦ *Icon.* Gustave Doré, *A Bíblia Sagrada*, 1866, 240 gravuras.

♦ *Mús.* Giacomo Carissimi, *18 histórias bíblicas*, em latim, séc. XVII. Marc Antoine Charpentier, *24 histórias sacras*, séc. XVII, Gohann Kuhnau, *Sonatas bíblicas*, 1700. É a Bíblia o que cantam os *negro spirituals*. Marguerite Yourcenar explica que os cantores negros atingiram este lirismo graças às grandes cadências da tradução inglesa. Anton Dvorák, *Cantos bíblicos*, 1894. Darius Milhaud, *Cantata bíblica*, 1965.

♦ *Cin.* John Huston, *A Bíblia*, 1966: superprodução ilustrando o AT desde a criação até o sacrifício de Abraão. Marcel Carné, *A Bíblia*, 1975: da criação do mundo até a ressurreição de Jesus; filme inspirado nos mosaicos de Monreale na Sicília e dominado pela figura do Pantocrátor.

BLASFÊMIA

(Gr. *blasphêmia*, "palavra de mau agouro".) Blasfemar é pronunciar uma palavra ou cometer uma ação injuriosa para com Deus. Blasfema aquele que maldiz o nome de seu Deus, aquele que o invoca para sustentar uma mentira: "Não pronunciarás em falso o nome de Yahvé, teu Deus" (Ex 20,7); a lei de Moisés previa para este crime a morte por lapidação (Lv 24,10-16). Blasfema também aquele que emprega em vão o nome de Deus: por respeito, os judeus foram até o extremo de cessar de pronunciá-lo.

Foi de blasfêmia que o sumo sacerdote acusou Jesus quando compareceu diante dele (Mc 14,61-64): aos olhos dos judeus,



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

9,1-2) e as advertências (Ex 34,15-16; Lv 18,3; Dt 7,4-6). → HEBREUS.

♦ *Lit.* Canaã é evocado por Apollinaire na *Canção do mal-amado*, 1909, como o país abençoado de amor que agora fugiu: “Via-láctea, ó irmã luminosa/Dos brancos riachos de Canaã”.

Os deuses cananeus (Baal, Astarté etc.) inspiraram poemas a dois poetas judeus: Saul Tchernikhovski e Jonathan Ratosh, séc. XX.

Claude Vigée, *Canaã de exílio*, 1962; *Colheita de Canaã*, 1967. Graça Aranha, *Canaã*, romance, 1902.

♦ *Icon.* Gustave Doré, “A derrota dos amorreus”, *A Bíblia Sagrada*, 1866.

CANANÉIA

Mulher, não-judia, da região fenícia, que não se intimida com a aparente rudeza de Jesus, a quem ela pede a cura da filha. O mestre admira sua fé e cura-lhe a filha (Mt 15,22; Mc 7,26).

CANDELABRO DE SETE BRAÇOS

Objeto cultual de ouro, colocado por Moisés no interior do santuário (Ex 25,31-40), devia queimar permanentemente diante de Deus. O candelabro foi deslocado, recolocado durante os infortúnios sofridos pelo Templo*. O candelabro oferecido por Herodes Magno, colocado no Santuário (Hb 9,2), foi retirado por Tito em 70 d.C.

No Apocalipse*, os candelabros de ouro são o símbolo das sete igrejas da Ásia (Ap 1,12).

♦ *Lit.* Stefan Zweig, *O candelabro enterrado*, novela, 1937. O autor imagina que o candelabro do Templo de Salomão, roubado por Tito, foi parar, em 534, em Bizâncio, onde um judeu tenta recuperá-lo.

♦ *Icon.* Sobre o Arco do triunfo de Tito, erguido em Roma em 81, o candelabro figura entre os objetos pilhados. Símbolo

de esperança para os judeus, o candelabro é um motivo decorativo frequentemente utilizado acima das portas de entrada e no pavimento das sinagogas (Hammam-Lif na Tunísia, séc. IV d.C.), sobre os sarcófagos e as pedras tumulares.

CÂNON (das Escrituras)

(Gr. *kânon*, “regra, norma”.) Conjunto dos livros reconhecidos como inspirados por Deus e aceitos por uma comunidade religiosa. As listas se constituíram pouco a pouco, às vezes após hesitações para alguns textos.

O cânon judeu, também chamado palestino (que será adotado pelos protestantes), foi fixado pela Academia de Jabne (ou Jamnia) perto do final do primeiro século d.C. Só compreende os livros em hebraico.

O cânon católico romano e ortodoxo seguiu a escolha dos Setenta* e acolhe alguns livros a mais, redigidos em grego.

Para o NT, vinte e sete livros foram selecionados progressivamente, os primeiros no final do séc. II d.C. (cânon dito “de Muratori”). É a carta de Atanásio, em 367, que fixa sua lista definitiva. Embora alguns livros (Hb, Jd, Ap, Tg) tenham sido descartados por Lutero no séc. XVI, já figuram agora nas edições protestantes. → A BÍBLIA (p. 13), APÓCRIFO, DEUTEROCANÔNICO.

CÂNTICO DOS CÂNTICOS

Hino ao amor humano. Em cinco poemas de um lirismo apaixonado, o Bem-amado e a Bem-amada cantam a beleza um do outro, seu perfume, comparando-o às plantas (Ct 5,13), às frutas, às pedras preciosas (Ct 6,11), às próprias montanhas do Líbano e do Carmelo. Buscam-se através dos jardins para me-



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

fez com seus apóstolos, na véspera de sua morte, para celebrar a Páscoa. Segundo Jo 13,1-30, foi durante essa refeição que Jesus lavou os pés de seus discípulos para lhes dar um exemplo e um mandamento de humildade e de caridade fraterna. Segundo os quatro evangelistas, Jesus, durante a ceia, anunciou a traição de Judas.

Mateus, Marcos, Lucas e Paulo em 1Cor 11,23-25 relatam, antes ou depois do diálogo entre Jesus e Judas, a instituição da Eucaristia*: Jesus pegou o pão, pronunciou a bênção ritual, depois o partiu e o deu a seus apóstolos dizendo: "Tomai e comei, este é o meu corpo". Depois, tomou um cálice, deu graças e lhes deu a beber dizendo: "Este é o meu sangue derramado por muitos". Segundo Lucas e Paulo, ele acrescentou: "Fazei isso em memória de mim". Os cristãos comemoram repetindo estas palavras e estes gestos no rito da fração do pão durante a Santa Ceia (protestantes), a missa* (católicos) e a Divina Liturgia (ortodoxos), refeição simbólica e fraterna.

♦ *Lit.* A mesa em torno da qual se reúnem os cavaleiros da Távola Redonda é posta em relação com a mesa da Santa Ceia. Evocada por Victor Hugo em "Após a Páscoa" (*O fim de Satã*, 1886), a Ceia é parodiada de maneira engraçada e irreverente por Prévert em "A Ceia" (*Paroles*, 1946).

♦ *Icon.* *A Santa Ceia*, Leonardo da Vinci, 1497, Milão; Martin Schongauer, séc. XV, Colmar; Tintoretto, 1547, Madri, e 1594, Veneza; Emil Nolde, 1909, Seebull; Salvador Dalí, 1955, Washington. *Cristo lavando os pés de São Pedro*, Pietro Lorenzetti, 1320, Assis; Ford Maddox Brown, 1851, Londres.

♦ *Mús.* Wagner, *A Ceia dos apóstolos*, 1843.

♦ *Cin.* Luis Buñuel, *Viridiana*, 1961: paródia da Ceia.

CENÁCULO

(Lat. *cenaculum*, "sala de jantar".) Chama-se assim o lugar, em Jerusalém, onde Jesus comeu a última Páscoa com seus apóstolos (Mc 14,14-16). Foi decerto nesta mesma sala onde eles se reuniram após sua morte, onde Jesus lhes apareceu e onde receberam, depois da Ascensão*, o Espírito do Pentecostes* (At 2,1).

♦ *Lit.* "O Cenáculo": nome dado ao grupo de jovens românticos que colaboraram em 1823 e 1824 na *Musa francesa*. Reuniam-se no salão de Charles Nodier no Arsenal; depois, a partir de 1827, na casa de Victor Hugo.

CERVO/CORÇA

Cervos, corças e gazelas são animais apreciados por sua beleza, por sua graça; por isso, figuram em alguns textos bíblicos: 2Sm 22,34; Sl 18,34. Por outro lado, Jeremias evoca o amor materno da gazela: Jr 14,5.

A Bíblia faz também da corça a imagem do justo sedento pela fonte de água viva que é a palavra de Deus: "Como a corça bramindo por águas correntes, assim minha alma está bramindo por ti, ó meu Deus!" (Sl 42).

CÉSAR

Apelido da *gens* Julia, tornado célebre por Júlio César (100-44 a.C.). César Augusto é o título oficial de todos os imperadores romanos. Para embaraçar Jesus, os fariseus lhe perguntaram se era permitido pagar tributo a César. Após ter contemplado a efígie e a legenda de um denário, Jesus respondeu afirmativamente: "Devolvei a César o que é de César, a Deus o que é de Deus", recusando-se a confundir e a opor o poder temporal e



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

de amor é também exigente e exclusiva: ela não tolera a infidelidade de Israel tentado pelos cultos idolátricos (Jr 7).

→ CÓLERA, VINGADOR.

♦ *Lit.* Racine, *Atalia*, 1691: “Onde estão os dardos que lanças, Grande Deus, em tua justa cólera?/Não és mais o Deus ciumento? Não és mais o Deus das vinganças?” (IV, 6).

COLHEITA

O início da safra era marcado pela festa* dos ázimos*, e seu fim, pela festa do Pentecostes*. Ofereciam-se ao Templo* as primícias e o dízimo da colheita.

Na Bíblia, a safra-colheita, imagem dos benefícios recebidos, está ligada à ação de semear: “Filho, não semeies nos sulcos da injustiça, para não colheres sete por um” (Eclo 7,3); “quem semeia com largueza, com largueza também colherá” (2Cor 9,6); “um é o que semeia, outro o que ceifa” (Jo 4,37); “os que semeiam com lágrimas ceifarão em meio a canções” (Sl 126). A colheita é, portanto, o símbolo das conseqüências dos atos humanos. As ações dos homens serão contabilizadas por um juiz soberano.

♦ *L. & P.* “A colheita é grande, mas poucos os operários” (Mt 9,37).

“Porque semeiam vento, colherão tempestade” (Os 8,7): aplicada aos israelitas que se entregam aos cultos dos falsos deuses para sua infelicidade, a locução significa hoje em dia: desencadear forças que não se pode controlar.

♦ *Lit.* As imagens de sementeiras e de colheitas abundam na literatura. Muitas não são de origem bíblica, mas tomadas de empréstimo às mitologias egípcia ou grega.

No entanto, reconhece-se a inspiração bíblica em: Balzac, *A procura do absoluto*, 1834: “De todas as sementes confiadas à terra, o sangue derramado pelos mártires é a que dá a mais rápida colheita”; Hugo, *A lenda dos séculos*, 1859,

“Booz adormecido”: “...e Rute se perguntava/Que deus, que ceifador do eterno verão/Tinha, ao ir-se, negligentemente lançado/Aquela foice de ouro no campo das estrelas”.

Péguy, *Eva*, 1913: “Bem-aventurados os que morreram para a terra carnal/Bem-aventuradas as espigas maduras e os trigos ceifados”.

Pierre Emmanuel, *Hino da liberdade*, 1942: “Por cima dos tiranos roucos de mutismo/Por cima da ordem ridícula dos tiranos/Há as imensas safras do porvir”.

COLOSSO DE PÉS DE BARRO

Num sonho o rei Nabucodonosor, soberano de Babilônia, viu uma imensa estátua de ouro e de bronze erguer-se à sua frente. Seus pés eram de terra cozida e a gigantesca estátua desmoronou ao choque de uma pequena pedra (Dn 2).

♦ *L. & P.* Dizer de alguém ou de algo: *é um colosso de pés de barro* significa dizer que seu poder é apenas aparente.

CONFISSÃO

A confissão da fé é a proclamação à face do mundo das maravilhas de Deus. Pode ser coletiva como nos louvores dos salmos e no *shema Israel**, ou pessoal e feita no íntimo dos corações. Leva por vezes ao martírio.

O Credo* do cristão é uma confissão na qual o essencial de sua fé é proclamado. A expressão “confissão dos pecados” deriva da precedente: é proclamando a grandeza de Deus que o homem se descobre pecador. → PENITÊNCIA.

♦ *Lit.* Santo Agostinho, *Confissões*, 397-401: o termo tem o duplo sentido de “louvor” e de “penitência”.

CORÃO

Nome dado pelos muçulmanos à Revelação proclamada por Maomé (em



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



O candelabro de sete braços, manuscrito hebraico, 1299, Paris, B.N.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

DEDICAÇÃO

Festa* judaica, *Hanukkah*, celebrada em dezembro, que relembra a purificação do Templo de Jerusalém em 160 a.C., após a profanação de Antíoco Epifânio* (1Mc 4,36-38; Jo 10,22).

DEMÔNIO

Etimologicamente, a palavra grega *daimon* designa, no singular, um ser divino, em particular um deus protetor; no plural, seres inferiores, espíritos malfeitores.

O AT faz eco às crenças populares que divinizam as forças ocultas por trás dos males da humanidade, mas sublinha sempre o domínio de Deus.

O NT herda essas crenças, por exemplo na maneira de designar os males, ora pelo termo de possessão demoníaca, ora pelo de doença: Jesus “cura” ou expulsa os demônios (Lc 8,27).

Assim, na literatura cristã, o demônio habita no homem, personifica o mal; tornou-se sinônimo de diabo*, de Satã, ao passo que na literatura grega o demônio é “a voz interior”, guia de nossas ações, tal como o demônio de Sócrates.

→ LÚCIFER, MALIGNO.

Foi o judaísmo tardio que desenvolveu uma verdadeira demonologia, em particular sobre o exército de Satã*, legião de demônios que atormentam os homens.

♦ *L. & P.* *O demônio do meio-dia*: tentação que o ser humano pode sofrer na maturidade nos domínios dos sentidos e do sentimento. A expressão vem do Salmo 91: “Não temerás o terror da noite nem a flecha que voa de dia, nem a peste que caminha na treva, nem a epidemia que devasta ao meio-dia”.

♦ *Lit.* A literatura desenvolve abundantemente o tema das possessões diabólicas,

sejam elas coletivas nos fenômenos de bruxaria (Michelet, *La sorcière*, 1862) ou individuais (Bernanos, *Sous le soleil de Satan*, 1928). Segundo Baudelaire, os demônios são interiores: “Em nossos cérebros embebeda-se um povo de demônios” (*Les fleurs du mal*, 1857). Dostoievski, *Os possuídos*, 1873, cita Lc 7,32-36 para explicar o título do romance, do qual dá uma interpretação, cap. VII: o mundo moderno é vítima dos demônios, ateísmo, nihilismo etc., concepção que se encontra em obras do séc. XX, como *Monsieur Quine* de Bernanos, 1946.

♦ *Icon.* Os pequenos demônios são representados com chifres, garras, no *Juízo Final* onde atormentam os condenados e nas cenas da *Descida de Cristo aos Infernos*: Luca Signorelli, *O Juízo Final*, fim do séc. XV, Orvieto. Hieronymus Bosch, no séc. XVI, pinta demônios bem mais monstruosos, híbridos de animais diversos, em *A carroça de feno* e *O jardim das delícias*, Madri, Prado, ou em *O Juízo Final*, Bruges.

♦ *Cin.* Roman Polanski, *O bebê de Rosemary*, 1968. Ken Russel, *Os diabos*, 1971, adaptação do ensaio de Huxley, *Os diabos de Loudun*. Alan Parker, *Coração satânico*, 1987.

DEPOSIÇÃO OU DESCIDA DA CRUZ

José de Arimatéia, nobre judeu membro do Sinédrio*, para cumprir a lei judaica que proibia que se deixasse o corpo de um supliciado suspenso na cruz, durante a noite, principalmente no sábado (Dt 21,22), reclamou o corpo de Jesus crucificado a Pilatos. Despregou-o da cruz e o envolveu num lençol antes de depositá-lo num túmulo (Mt 27,58).

♦ *Icon.* Em torno do corpo de Cristo descido da cruz, os artistas têm representado a Virgem Maria desfalecida, amparada por São João, pelas santas mulheres, José de Arimatéia e seus auxiliares. *Deposição ou descida da cruz*: Rogier Van der Weyden, séc. XV, Madri; Albrecht Dürer, 1500, Munique; Louis Bréa, 1515, Nice; Juan



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

gias da presença divina, 1964. Pierre Henry, *Deus*, baseado no poema de V. Hugo, 1977. Os inúmeros *Te Deum*: Marc Antoine Charpentier, Lully, Delalande, Purcell, Clérambault, Haydn, Berlioz, Bruckner, Gounod.

DEUTEROCANÔNICO

Admitido numa fase posterior no Cânon* das Escrituras. Os judeus, seguidos pelos protestantes, limitaram os textos canônicos (do gr. *kanon*, “regra, norma”) aos textos conservados em hebraico (ou em aramaico). Os católicos romanos e ortodoxos admitem, além destes, certo número de textos conservados apenas em grego, que nos foram transmitidos pela versão da Bíblia chamada *Setenta**. Estes textos são chamados apócrifos* pelos protestantes, que às vezes os fazem figurar em sua Bíblia, mas distinguindo-os dos textos canônicos. Para alguns destes textos, o original hebraico foi encontrado.

DEUTERONÔMIO

(Gr. *deuteronomion*, “segunda lei”.) Quinto livro do Pentateuco*. Apresenta-se como uma seqüência de discursos de Moisés*, sublinha o sentido dos acontecimentos do Êxodo* e do Sinai*, chama o povo da Aliança* à fidelidade. Termina com uma bênção de Moisés às doze tribos e o relato de sua morte no monte Nebo. A origem deste livro deve ser buscada no reino do Norte. Transportado para Jerusalém após a queda de Samaria (722), é provavelmente o livro descoberto no Templo (2Rs 22,8-10) que inspirou a reforma do rei Josias (640-609 a.C.).

DIABO

(Gr. *diabolos*, o “caluniador”, traduzindo o hebraico *Satan*.) No NT, ele se

torna a personificação do mal, o tentador (Lc 4,1), o chefe dos demônios (Mt 25,41). A partir do séc. XI, o diabo ocupa um lugar crescente na mentalidade religiosa, e muitos fenômenos perturbadores (doença mental, perversões, bruxaria) são atribuídos à possessão diabólica. Embora a Igreja enfatize a subordinação do diabo a Deus, a tendência maniqueísta que os opõe um ao outro como duas forças iguais subsiste de forma mais ou menos explícita. → ANTICRISTO, DEMÔNIO, SATÃ.

♦ *Lit.* Na Idade Média (*Jogo de Adão*, séc. XII), o diabo é o tentador que bajula os homens e desune o primeiro casal humano, colocando-o contra Deus.

O tema do pacto com o diabo (que deu origem ao mito de Fausto) não tem muito a ver com a Bíblia: Rutebeuf, *Milagre de Teófilo*, séc. XIII.

Representado sob uma forma monstruosa ou burlesca, o diabo acabou por pertencer ao folclore internacional e por tornar-se objeto de paródia (Molière, *Escola de mulheres*, 1662); pode mesmo aparecer faceiro e simpático (Luis Vélez de Guevara, *O diabo manco*, 1641, adaptado por Lesage, 1707; Frédéric Soulié, *Les mémoires du diable*, 1838).

O diabo, figura fantástica, passa por toda sorte de metamorfose: Cazotte, *Le diable amoureux*, 1767. Nodier, *La combe de l'homme mort*, Balzac, “Melmoth réconcilié”, em *Études philosophiques*, 1835. O personagem de Mefistófeles (Goethe, *Fausto*, 1808-32) eleva-se acima dessas categorias simples: ele é, a um só tempo, diabo medieval, *don Juan* luciferino e destino antigo.

Henri Pichette, *Les épiphanies*, 1948: a um Sr. Diabo sedutor, entediado e carrasco, projeção de um desejo de poder e de destruição, o poeta opõe a criação poética como verdadeira força libertadora. Consulta de interesse são as obras de Bernard Teyssèdre: *Naissance du diable* e *Le diable et l'Enfer*, 1985. Segundo ele, o diabo no séc. XX é o outro, em nós e fora de nós. Na literatura brasileira, merece destaque o romance *Grande sertão: veredas*, 1956, de J. Guimarães Rosa: investigação me-



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



Auguste Rodin, *A mão de Deus*, 1898, Paris, Museu Rodin.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

“Mulher, aí tens teu filho; filho, aí tens tua mãe” (Jo 19,26-27). — “Tenho sede” (Jo 19,28; ver Sl 69,22). — “Tudo está consumado” (Jo 19,30).

ELIAQUIM

(Hb. *Elyaqin*, “Deus põe de pé”.) É o nome de vários personagens secundários na Bíblia. Racine chama assim Joás, o filho que escapou do massacre da família real ordenado por Atalia*.

ELIAS

(Hb. *Elijah* ou *Eliyaou*, “meu Deus é Yah”.) Este profeta de Israel (ver 1Rs 17; 2Rs 2) é um dos personagens mais populares da Bíblia: um ciclo de narrativas sobre sua pessoa e seus milagres foi inserido no primeiro livro dos Reis e no início do segundo.

Elias vive no reino do Norte no tempo de Acab (874-853) e de sua esposa Jezabel. Faz cessar a chuva durante três anos, por ordem de Deus; ele próprio vai morar na torrente de Kerit, onde corvos miraculosamente lhe fornecem alimento. Durante uma grande fome, uma viúva de Sarepta (entre Tiro e Sídon) alimenta-o com o último punhado de farinha e as poucas gotas de azeite que lhe restam para si e seu filho. Nunca mais verá suas provisões se acabarem.

Elias desafia o rei Acab, que aceita convocar no monte Carmelo* o povo e os sacerdotes de Baal*. A inimizade de Jezabel força Elias a fugir, mas retorna para ungir Jeú e Eliseu*, a quem deixa sua sucessão antes de se elevar ao céu num carro de fogo (2Rs 2,11). Esta ascensão está na origem de toda uma mística, a das ascensões* das almas para Deus.

O retorno de Elias foi anunciado pelos profetas para os tempos messiâni-

cos, de modo que, no NT, alguns tomam Jesus por Elias (Mc 6,15).

Durante a Transfiguração de Jesus (Mt 17), Moisés e Elias são testemunhas da glória antecipada de Cristo.

♦ *Icon.* Rubens, *Elias alimentado pelos corvos*, 1625, Paris. Gianbattista Piazzetta, *Elias arrebatado por um carro de fogo*, séc. XVII, Washington.

♦ *Mús.* Felix Mendelssohn-Bartholdy, *Elias*, oratório, 1847.

ELISEU

Discípulo de Elias*, que recebe uma parte dupla do espírito profético (tal como o filho mais velho recebe uma parte dupla da herança do pai); tendo-se revestido com o manto do mestre, Eliseu surge como seu autêntico sucessor.

O ciclo de Eliseu (ver 2Rs 2 a 13) relata certo número de milagres, sobretudo uma multiplicação de pães, a ressurreição do filho de uma viúva e a cura de um leproso, Naamã, chefe do exército de Arã, que se converteu a Yahvé.

ELOAH

Termo que significa “Deus” em hebraico, em aramaico e em árabe (*Ilâh* — *Allah* — *Al Ilâh*: o Deus). É encontrado principalmente no livro de Jó. → ADONAI, EL, ELOHIM, JEOVÁ, SANTO, ALTÍSSIMO, YAHVÉ/YAHWEH.

ELOHIM

O nome mais freqüentemente utilizado na Bíblia hebraica para designar Deus. É na verdade o plural de Eloah*, “Deus”. Este plural de excelência e de abstração significa: “a divindade”. → ADONAI, EL, JEOVÁ, SANTO, ALTÍSSIMO, YAHVÉ/YAHWEH.

♦ *Lit.* Por um desvio de sentido devido talvez à contaminação de religiões orien-



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

mundo. A escatologia, em contrapartida, supõe um fim do mundo.

No AT, a partir do retorno do exílio* no séc. VI a.C., os judeus esperam uma renovação do universo, “com novos céus e uma terra nova” (Is 65,17). Esta esperança se exprime nos apocalipses*, como o de Isaías (24) ou o de Daniel* (10-12).

No NT, o discurso dito “escatológico” de Jesus (Mt 24) mescla três temas: a destruição de Jerusalém, o fim deste mundo e a vinda gloriosa do Filho* do Homem. As imagens de estilo apocalíptico não especificam nem a época nem as modalidades do fim do mundo.

ESCRAVO, ESCRAVIDÃO

Estado de um indivíduo de quem o amo pode dispor como de uma coisa.

No AT, uma só palavra hebraica designa o escravo e o servo (*ebed*). Ainda que seja difícil distinguir “escravidão” e “serviço remunerado”, o certo é que a escravidão existia em Israel, sobretudo para os prisioneiros de guerra. De fato, inúmeros textos evocam isso: direitos dos escravos (Ex 21,20.26.27); possibilidade de libertação (7º ano de jubileu); proibição de reduzir à escravidão seus compatriotas; incitação a tratar bem seus próprios escravos: “Só tens um escravo? Trata-o como um irmão...” (Eclo 33,32).

No NT, a situação é a do mundo greco-romano, em que a escravidão é regra e onde o amo tem direito de vida e de morte sobre seus escravos. Mas Paulo* proclama uma reviravolta espiritual: “Não há escravo nem homem livre... vós sois um só em Cristo Jesus” (Gl 3,26); ele próprio escreve a Filemon para incitá-lo a receber como “um irmão muito caro” um escravo fugitivo (Fm 16).

Cada qual, por outro lado, pode se libertar a si próprio da escravidão do

pecado e do temor: “Não recebestes um espírito de escravos, para recair no temor, mas recebestes um espírito de filhos adotivos...” (Rm 8,15).

♦ *Mús.* Os *negro spirituals* compostos pelos escravos nos Estados Unidos reutilizam passagens do Êxodo, do livro de Daniel para expressar a esperança da libertação dos oprimidos: “Assim falou o Senhor, diz o velho Moisés,/Deixa partir o meu povo!/Tão duramente provado que não suporta mais...” (*Desce, Moisés*).

ESDRAS

Descendente de Aarão*, escriba encarregado dos assuntos judaicos na corte do rei persa Artaxerxes (séc. V a.C.), Esdras trabalhou na restauração da comunidade judia em Jerusalém no séc. V a.C., após o retorno do exílio em Babilônia. É apresentado no livro bíblico que traz seu nome (cap. 7) e no de Neemias, onde procede a uma leitura solene da Lei (cap. 8).

ESPERANÇA

Confiança sem reservas num Deus que cumpre as promessas feitas a seu povo por ocasião das alianças* sucessivas concluídas com ele. Esta esperança de Israel se centra pouco a pouco na vinda do Messias*, que libertará definitivamente seu povo e inaugurará uma era de paz universal.

Na época dos Macabeus*, surge, incitada pela fé dos mártires, a esperança da ressurreição* individual após a morte, seguida de uma vida de bem-aventurança bem diferente da do Xeol* (Dn 12,2; 2Mc 12,44-45). Aos olhos dos cristãos, a vinda de Jesus — Messias e Filho único de Deus, ressuscitado de entre os mortos, Salvador do mundo — cumpriu e até ultrapassou a expectativa de Israel.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

nitidamente bíblica. Os poetas não se privam de aproximar as diferentes tradições: assim Hugo, *Les châtiments*, “Stella”, 1853. O. V. de L. Milosz, *Últimos poemas*, 1924-37, “Salmo da estrela da manhã”.

♦ *Cin.* Ermanno Olmi, *Seguindo a estrela*, 1983, obra impregnada de espiritualidade.

EUCARISTIA

(Gr., “ação de graças”; cf. em gr. moderno: *eucharistô*, “obrigado!”.) Durante a última ceia que comeu com seus apóstolos, na véspera de sua morte, Jesus deu graças* a Deus, depois distribuiu o pão e o vinho dizendo: “Tomai e comei, isto é o meu corpo; tomai e bebei, isto é o meu sangue” (Consagração).

O termo “eucaristia” passou pouco a pouco a designar a comemoração ritual pelos cristãos desta última refeição, a Ceia*, e em particular a consagração e a distribuição do pão e do vinho. → FRAÇÃO DO PÃO, HÓSTIA, MISSA.

EVA

(Hb. *Havvah*, interpretado como uma forma do verbo *hayah*, “viver”.) Conforme o segundo relato da criação no Gênesis*, é o nome que Adão* dá, após a queda*, à mulher que Deus fez nascer de uma de suas costelas para ser sua companheira: “O homem chamou sua mulher Eva, por ser a mãe de todos os viventes” (Gn 3,20). → SERPENTE, TENTAÇÃO.

♦ *L. & P.* *Os filhos de Eva*, a raça humana.

♦ *Lit.* A Eva da literatura é a mulher em sua relação com o homem e a humanidade. Conforme o autor fique fiel ao texto do Gênesis (Supervielle) ou elabore um sincretismo pessoal (van Lerberghe), esta figura feminina apresenta importantes variações.

Nas obras medievais, Eva aparece como a graça, mas também como a fraqueza; é

o instrumento da queda do homem: *Jogo de Adão*, séc. XII.

A figura de Eva se enriquece pouco a pouco: em Lope de Vega (*A criação do mundo e a primeira falta do homem*, c. 1630), tal como em Milton (*Paraíso perdido*, 1667), Eva manifesta seu desejo de independência. E, se a Eva de Milton permanece mais fraca que Adão, ela se mostra a mulher plena: jardineira, anfitriã dos anjos e sobretudo amorosa — amor ao mesmo tempo carnal e espiritual, cujo elogio o anjo Rafael faz a Adão: “É a escada por onde podes subir ao amor celeste”.

Eva é uma imagem materna: “Serás chamada mãe do gênero humano”, diz o anjo a Eva recentemente criada no *Paraíso perdido*; ela anuncia Maria, a nova Eva. Segundo Hugo, “A sagração da mulher”, *La légende des siècles*, 1859, Eva, culpada de um pecado desconhecido, não teve, da parte da natureza, direito ao mesmo respeito que Adão, até o dia em que ela lhe “pareceu mais augusta” que o homem: “E, pálida, Eva sentiu que seu flanco se mexia”.

Péguy em *Ève*, 1913, medita longamente sobre Eva “sepultada fora do primeiro jardim”: “E eu vos amo tanto, ó primeira mendiga, primeira sujeitada à lei da morte”.

É também a esta Eva fora do Éden que se prende Marie-Jeanne Durry em *Le huitième jour*, 1949-67, e em *Éden*, 1970: a aventura humana começa, movida pelo amor.

Pessoalíssima é a visão de Eva que dá Charles van Lerberghe em *La chanson d'Ève*, 1904: “São o jovem deus Amor, Vênus e as forças personificadas da Natureza que tentam a mulher: na Natureza, Eva descobre a morte e também a ausência de Deus: ‘Ele não existe. Ele não existe mais’, canta ela em seu triunfo que orquestra as grandes idéias nietzschianas da morte de Deus e da inocência universal” (Pierre Albouy).

♦ *Icon.* Gislebertus, *A tentação de Eva*, 1130, Autun. Jan Van Eyck, *Eva*, retábulo do *Cordeiro* místico*, 1432, Gand. Miguel de Wohlgemuth, *A criação de Eva*, 1498. *Eva*, Lucas Cranach, séc. XVI, Florença; Albrecht Dürer, 1507, Madri.



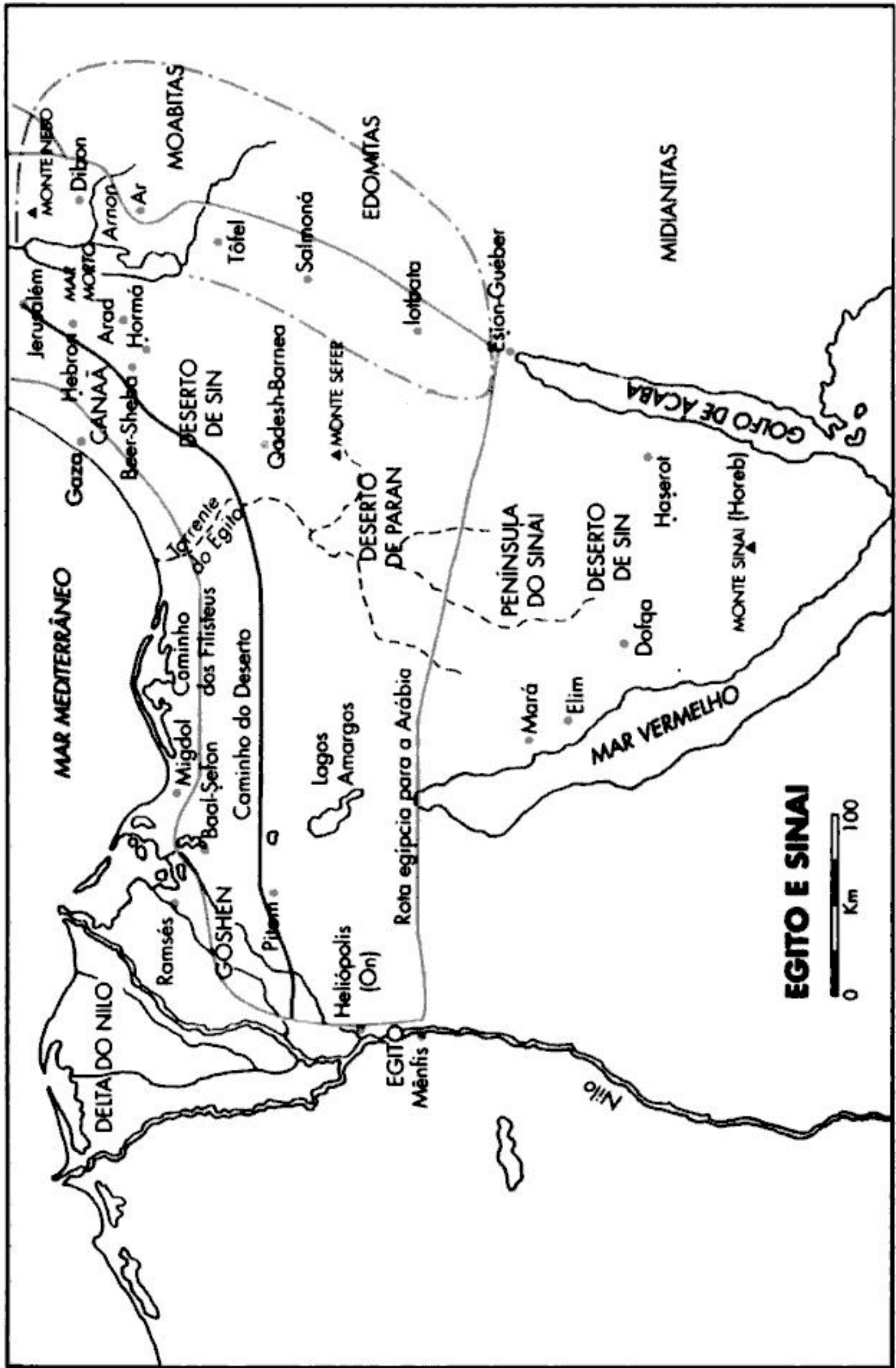
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.





You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

cebem um dom bem particular. No cômodo onde estão ocupados em orar, sobrevém um barulho semelhante ao do vento, e “línguas” parecidas com chamas colocam-se sobre cada um deles: ficam cheios do Espírito Santo e recebem a faculdade de falar outras línguas.

→ INFERNO, GEENA, PENTECOSTES.

♦ *Lit.* Os fogos do inferno são a representação mais comum dos suplícios que esperam o pecador empedernido. No *Paraíso perdido* de Milton, 1667, os anjos rebeldes são precipitados no “fogo que pune”. Don Juan, no *Don Juan* de Molière, 1665, é queimado no final por um fogo invisível e cai num abismo de onde saem grandes chamas.

É pelo fogo que passaram os acusados de heresia; em *Les tragiques*, 1616 (IV, “Fogos”), Agrippa d’Aubigné evoca a longa fileira dos mártires protestantes.

Sob influência de Santo Agostinho, os autores franceses do séc. XVII concebem a graça como um fogo divino que liberta o homem das paixões e dos desejos, mesmo os mais legítimos.

Corneille faz dizer a Polyeucte tocado pela graça: “Sois vós, ó fogo divino que nada pode extinguir/Que me fareis ver Pauline sem temê-la” (*Polyeucte*, IV, 3, 1643). Os místicos comparam ao fogo na noite a iluminação produzida pelo encontro com Deus: Pascal, *Pensées*, 1670, “Mémorial”. Para traduzir a união de amor com Deus, São João da Cruz utiliza a metáfora da chama: *A viva chama de amor*, 1584. A mesma metáfora é utilizada pela linguagem rebuscada e por Racine para falar do amor humano.

O amor de Deus é o fogo purificador que destrói o pecado. Verlaine, *Sagesse*, 1881: “Meu amor é o fogo que destrói para sempre/Toda carne insensata...”

Hayim Nahrame Bialik (Palestina, 1873-1934) põe sob o signo do fogo a força aterradora do Deus dos exércitos “sentado, calmo e terrível, num trono de fogo em meio a um mar de chamas. Seu manto é de um rubro flamejante, seu estrado é formado de brasas vermelhas” (*O Rolo de fogo*, hb.).

♦ *Icon.* → NUVENS DE FOGO.

FOME

A fome é um flagelo freqüentemente mencionado na Bíblia: tem por causa a seca, a aridez do solo, a geada, as invasões de gafanhotos, as epidemias, as guerras (Jr 14,1-6; Jl 1). É um castigo do céu (Sl 105,16). No Apocalipse, a chegada dos flagelos — fome, peste, guerra, invasão das feras — anuncia a derrocada do Império romano (Ap 6).

Fora dos períodos de miséria propriamente dita, os hebreus conheceram a fome no deserto após sua saída do Egito. Acontecia-lhes, às vezes, de sentirem saudade do tempo do cativo, quando podiam pelo menos comer pão e carne (Nm 11). Em contraste, a Bíblia freqüentemente traduz em visões de abundância as promessas de Deus libertador (Jl 2,19-26; Is 25,6) e o advento do Reino*.

→ FESTIM.

FORNALHA

No livro de Daniel*, qualquer um que se recusasse a adorar a estátua de ouro que o rei Nabucodonosor tinha mandado erguer seria lançado “na fornalha de fogo ardente”. Três jovens judeus denunciados e condenados foram precipitados dentro dela: foram salvos pelo Senhor (Dn 3).

♦ *Icon.* Ícone de Santa Catarina do Monte Sinai, séc. VII. Capitel de Moissac, séc. XII. Gustave Doré, “Os jovens na fornalha”, *A Bíblia Sagrada*, 1866. William Turner, *Sidrac na fornalha*, 1832, Londres.

♦ *Mús.* *Shadrack (negro spiritual)*.

FRAÇÃO DO PÃO

Durante a última refeição que fez com seus apóstolos, Jesus partiu o pão e o deu a eles dizendo: “Tomai e comei,



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

cinerador” onde crianças eram sacrificadas pelo fogo, segundo um rito cananeu violentamente condenado pela Bíblia (Lv 18,21; 2Rs 16,3; 21,6 etc.). O nome “geena” passou a designar o lugar de tortura, e a própria tortura dos pecadores após a morte: “Serpentes! Raça de víboras! Como haveis de escapar ao julgamento da geena?”, exclama Jesus (Mt 23,33). → INFERNO/INFERNOS.

♦ *L. & P. Lá onde há choro e ranger de dentes:* assim fala Jesus do lugar onde, no fim dos tempos, serão lançados todos os praticantes de iniquidades (Mt 13,42). Na linguagem corrente, a ameaça da geena deve servir de alerta aos homens maus.

GENEALOGIA

O Gênesis (Gn 10,11) resume sob a forma de uma genealogia a idéia que se tinha da unidade da humanidade: os homens descendem dos três filhos de Noé e se espalham pela superfície do mundo então conhecido, onde criam as diversas nações com suas línguas. Outro relato introduz o tema da torre de Babel.

O AT comporta numerosas genealogias, em particular no início do primeiro livro das Crônicas: genealogia de David (1Cr 2,10), descendência de Moisés e Aarão (Nm 3,14); o livro de Rute salienta que ela, uma estrangeira, era avó de David (Rt 4,18-22). → BOOZ.

No NT, Mateus começa seu Evangelho com uma genealogia de Jesus a partir de seu ancestral Abraão; Lucas, por sua vez, remonta até Adão (Mt 1,1 e Lc 3,23-38). Suas duas listas têm poucos nomes em comum.

♦ *Lit. Rabelais, Pantagruel, 1542, cap. I,* parodia as genealogias antigas. A ascendência de seu herói é anterior ao dilúvio, mas, ironiza o autor, “como é possível ser assim, visto que no tempo do dilúvio todo o mundo pereceu?”.

Num registro bem diferente, Péguy, em *Victor-Marie, Comte Hugo, 1910*, medita sobre a genealogia descendente de Mateus e sobre a genealogia ascendente de Lucas, que vai de Jesus a Adão *qui fuit Deus* (filho de Deus). Rejubila ao ver a que ponto Deus respeitou, na Encarnação* de seu filho, as leis da hereditariedade humana: “É preciso reconhecer, a linhagem carnal de Jesus é assustadora. Poucos homens, outros homens, talvez tenham tido tantos ancestrais criminosos e tão criminosos. Particularmente, tão carnalmente criminosos. É em parte isso o que dá à encarnação todo o seu valor”. → ENCARNAÇÃO.

GÊNESIS

(Gr. *gênesis*, “origem”.) Primeiro livro do Pentateuco* (*Torah*) e de toda a Bíblia. O Gênesis é o início de um vasto conjunto que narra como Deus formou um povo para si, para dar seu testemunho no meio das nações.

A primeira parte diz respeito às origens do mundo e da humanidade (criação*, paraíso* e tentação*, dilúvio* e história de Noé*, torre de Babel*).

A segunda parte é o relato das origens de Israel: história dos patriarcas (Abraão*, Isaac*, Jacó*) e de José*. É o tempo das promessas de Deus, da preparação do povo que nascerá do Êxodo.

A formação do livro do Gênesis é uma longa história que só termina depois do exílio. As tradições antigas, a princípio orais, incessantemente atualizadas, são tecidas entre si durante a redação final.

O texto não deve ser lido como uma exposição histórica, mas como a afirmação do desígnio de Deus no tempo dos homens. Isso vale sobretudo para a primeira parte. Os autores colheram alguns elementos (dilúvio, torre de Babel...) nas



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

na” (Jo 12,24-25). Jesus compara sua morte à do grão de trigo, que traz em seguida uma abundante colheita.

♦ *Lit.* André Gide, *Si le grain ne meurt*, 1919.

GRITAR SOBRE OS TELHADOS

Os orientais freqüentemente se reúnem ao entardecer sobre os terraços das casas para tomar a fresca. As conversas ali são barulhentas e animadas. Contam-se as últimas notícias. Jesus pede a

seus discípulos que proclamem sobre os telhados aquilo que ele lhes disse em particular, sem temer os perseguidores (Mt 10,27).

GETSÊMANI

(Hb. “espremedor de azeitonas”.) Após a Ceia*, Jesus e os apóstolos foram para um jardim fechado situado um pouco fora de Jerusalém, nas encostas do monte das Oliveiras: o jardim de Getsêmani. → AGONIA DE JESUS.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Bíblia, tendendo a mostrar a atividade divina pela qual a humanidade, na nação de Israel, foi preparada para a Redenção* de Jesus Cristo.

HOLOCAUSTO

(Gr. *holos*, “tudo”, e *kausis*, “ação de queimar”.) O holocausto é o sacrifício de um animal (touro, cordeiro, pássaro), inteiramente consumido no altar: ritual descrito pelo Levítico (Lv 1). É principalmente um sacrifício expiatório. O termo designa às vezes a própria vítima.

Nos dias de hoje, emprega-se frequentemente o termo para fazer alusão ao extermínio dos judeus pelos nazistas; mas muitos preferem que se utilize a palavra *shoah**: catástrofe. → JÓ, JUSTO.

♦ *Lit.* Samuel-Joseph Agnon, *Le feu et le bois*, séc. XX. Nelly Sachs, *Braseiro de enigmas*, 1967.

♦ *Cin.* Marvin Chomsky, *Holocausto*, 1979.

HOLOFERNES

General de Nabucodonosor*. Durante uma expedição no oeste do reino assírio, ele ameaça a Judéia (Jt 4,7). Durante o cerco de Betúlia, Judite* consegue decapitá-lo, graças a sua fé, a sua astúcia e a sua audácia (Jt 13,6-10).

HOSANA

Forma grega de uma aclamação que vem do hebraico e significa: “dá-nos a salvação” (Sl 118,25).

A evolução do sentido, da súplica à aclamação, deve ter acontecido por ocasião da festa* das Tendas, em que se cantava o salmo 118. De fato, este salmo anuncia a vinda do Messias*, o qual, após

ter sofrido e triunfado, aparecerá como aquele que vem em nome do Eterno.

NT. A multidão que aclama Jesus em sua entrada em Jerusalém exclama: “Hosana ao filho de David. Bendito aquele que vem em nome do Senhor!” (Mt 21,9-11).

♦ *Lit.* Victor Hugo, *Les contemplations*, I, 4, 1856: “O hosana das florestas, dos rios e das planícies/se eleva gravemente rumo a Deus, pai do dia”. Rimbaud, *Poésies*, 1871, “O mal”, poema sarcástico: “Enquanto uma loucura mói/E faz de cem milhões de homens um monturo fumegante”, Deus adormece “no embalo dos hosanas”.

HÓSTIA

(Lat., “vítima”.) A hóstia, na Antiguidade romana, é a vítima — no mais das vezes, um animal — imolada durante um sacrifício oferecido a um deus ou a Deus.

No NT, é Jesus a vítima expiatória, oferecendo-se a si mesmo a Deus para a salvação dos homens.

A Igreja católica revive este sacrifício de Jesus durante a missa* ou Eucaristia*. O padre toma um pão, tal como fez Jesus na Ceia*, consagra-o e depois o distribui aos fiéis. Este pão é normalmente pão ázimo*, isto é, sem fermento; tem a forma de um disco que se chama “hóstia”. Recebendo-o, os fiéis se unem ao próprio Cristo. Durante as festas, a hóstia às vezes é apresentada à adoração dos fiéis num ostensório que tem a forma de um sol de ouro.

Nas Igrejas ortodoxas, o pão, feito com fermento, é distribuído aos fiéis embebido no vinho consagrado, sangue de Cristo. Não se emprega o termo “hóstia” e sim o grego *prósfora*, “oferenda, dádiva”.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

gelistas apócrifos* embelezarão a seu gosto os relatos de Mateus e de Lucas.

Mateus se esforça por mostrar como Jesus, desde seu nascimento e sua infância, realiza as promessas feitas a Israel: filho adotivo de José, é da linhagem real de David; filho da jovem Maria, é o Emanuel* prometido por Isaías a Acaz; nascido em Belém, é o pastor de Israel prometido pelo profeta Miquéias; perseguido por Herodes, que quer matá-lo, é o novo Moisés perseguido pelo Faraó; instalado em Nazaré após seu retorno do Egito, é chamado “o Nazareno” conforme o oráculo do profeta (Mt 2,23).

A perspectiva de Lucas é diferente: põe em paralelo João Batista*, o último profeta* de Israel, e Jesus, o Messias* que Israel esperava para sua libertação definitiva. É assim que o acolhem no Templo de Jerusalém o velho Simeão e a profetisa Ana. → NUNC DIMITTIS, APRESENTAÇÃO NO TEMPLO.

Doze anos mais tarde, quando Maria e José encontram Jesus no Templo em meio aos doutores da Lei, é o próprio menino, segundo Lucas, que se afirma Filho do Pai: “Não sabíeis que devo estar na casa de meu Pai?”, pergunta ele aos pais (Lc 2,49).

♦ *Lit.* Pierre Emmanuel, *Tu*, 1978, “Jesus e os doutores”.

♦ *Icon.* Simone Martini, *La Maestà, Jesus Menino*, 1315, Siena. Giovanni Bellini, *Virgem com Menino*, séc. XV, Veneza. Leonardo da Vinci, *Sagrada Família*, 1500, Louvre. Dürer, *Jesus no meio dos doutores*, séc. XVI, Roma. Rembrandt, *Simeão no Templo*, 1669, Estocolmo. John Evarist Millais, *Cristo na casa dos pais*, 1849, Londres. *Sagrada Família*, pintura em vidro, séc. XIX, col. part.

INFERNO/INFERNOS

(Lat. *infernum* de *inferum*, “que está embaixo, que é inferior”.) Na cosmolo-

gia judaica, os infernos, o Xeol*, são a parte inferior do universo.

O AT fala do Xeol como o “lugar de encontro de todos os mortais” (Jó 30,23), isto é, da morada dos mortos. Os hebreus imaginam sua sobrevida lá numa “sombra de existência”, numa claridade que se assemelha à da noite. Destino comum dos homens, o Xeol não é para eles motivo de revolta se lá chegam após uma vida rica de dias; é o lugar onde reencontram os ancestrais. Só parece dramático quando devora um homem em pleno vigor, no “meio de seus dias” (Is 38,10).

Mas, ao longo do tempo, esta concepção do Xeol se modifica no AT: de morada normal dos mortos, ele se torna lugar de castigo para as almas más. Isaías ameaça com ele o rei de Babilônia: “Teu fausto foi precipitado no Xeol,/juntamente com a música das tuas harpas./Sob o teu corpo os vermes formam como um colchão,/os bichos te cobrem como um cobertor” (Is 14,11).

As imagens de Sodoma e Gomorra* devoradas pelo fogo (Gn 19,23) ou de Tophet no vale da geena, tornado lugar de horror, alteram pouco a pouco a idéia que os hebreus fazem do Xeol: os infernos, o Xeol, morada dos mortos, torna-se o inferno, lugar do castigo escatológico*, lugar de atrozes suplícios. Paralelamente, a idéia de uma recompensa dos justos e de uma ressurreição ganha força (2Mc 12,43; Sb 3,1-10). Os evangelistas só fizeram retomar as imagens mais terríveis do estilo profético. Pregadores e artistas, em seguida, difundiram-nas amplamente. → DESCIDA DE JESUS AOS INFERNOS.

♦ *Lit.* Reino de Satã e dos condenados, o inferno é o além evocado em *O sonho do inferno* de Raoul de Houdenc, longo relato que data do início do séc. XII, e o lugar das torturas representado por Dante



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Com a morte do rei Salomão*, o reino se dividiu em dois: o reino de Israel na parte norte, o reino de Judá no sul. O nome de Israel designava então uma parte da população (1Rs 12,19). Após a conquista do reino do norte pelos assírios em 721 a.C., o termo acabou por designar a comunidade político-religiosa dos judeus. Israel também tem o sentido espiritual de povo de Deus fiel à aliança* de Abraão e de Moisés, e foi utilizado mesmo pelos cristãos com este sentido.

Em 14 de maio de 1948, David ben Gurion proclamou a criação do Estado de Israel, após a partida das tropas inglesas que ocupavam a Palestina e a divisão desta região pela ONU.

Israelense: habitante do Estado de Israel fundado em 1948. A maioria dos israelenses são israelitas, mas alguns são cristãos ou muçulmanos, os palestinos.

Israelita: o termo surge em francês em 1583. É sinônimo de judeu e, em sentido restrito, designa o adepto da religião judaica ou judaísmo*.

♦ *Lit.* A fidelidade religiosa judia se enraíza na vocação de Abraão, ao abandonar seu país para ir rumo à terra prometida. Eretz Israel, a Palestina, é a pátria religiosa, o centro do mundo para todos os judeus dispersos pelos quatro cantos da terra. Juda Halevi (sécs. XI-XII, esp.), *Os sionidas*: “Mas, quando sonho com o retorno de teus cativos, sou uma cítara, toda vibrante de teus hinos”.

Muitos exilados realmente voltaram ao país após os *pogroms* sanguinários da Rússia na segunda metade do séc. XIX. Uma literatura nacional em hebraico se constituiu, cujo “pai” é Hayim Nahrame Bialik (1873-1934). Quando em 1917 esta emigração, “a Subida” segundo a expressão hebraica, é freada pela Revolução de Outubro, o renascimento da literatura hebraica está em curso; ela prossegue a partir de agora em três lugares: na Polônia, nos Estados Unidos e na Palestina — declarada “lar nacional”.

Desde a criação do Estado de Israel em 1948 e com as novas ondas de emigrados, as letras hebraicas nacionais são dominadas pela figura de Samuel Joseph Agnon, prêmio Nobel de 1966: *O dote da noiva*, 1931; *No oco do oceano*, 1935 (ver Simon Halkine, *História da literatura hebraica moderna*, 1964).

♦ *Cin.* Otto Preminger, *Exodus*, 1960, baseado no romance de Leon Uris.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

texto não é corroborado pela arqueologia e não se encontrou nenhum vestígio de uma destruição de Jericó por volta do séc. XIII a.C.

Seja como for, a cidade foi reconstruída por Acab, no séc. IX, depois fortificada no séc. III na época dos Macabeus*. Herodes fez construir um palácio para si em Jericó.

Jesus se deteve várias vezes em Jericó: lá curou dois cegos, reconciliou com Deus Zaqueu*, o publicano (Lc 19,1-9). Jesus situa o episódio do bom samaritano* na estrada de Jerusalém a Jericó (Lc 10,30).

♦ *Icon.* A queda dos muros de Jericó está representada em mosaico em Santa Maria Maior, Roma, séc. IV. Lorenzo Ghiberti, baixo-relevo em bronze, porta do batistério de Florença, séc. XV. Miniatura de Jean Fouquet em *Antiguidades judaicas*, 1476, Paris.

♦ *Mús.* *Joshua fought the battle of Jericho (negro spiritual).*

JERUSALÉM

Cidade santa do judaísmo, venerada igualmente pelos cristãos e pelos muçulmanos. Provavelmente idêntica à Ursa-limmu, "cidade da paz", de que falam os textos assírios. A tradição bíblica a reconhece em Salém, cidade do rei Melquisedec (Gn 14,18); o livro das Crônicas chama-a Jebus, do nome de seus primeiros habitantes, os jebuseus (1Cr 11,4).

Por volta do ano 1000 a.C., David* escolheu Jerusalém como capital das doze tribos de Israel. Com a presença da Arca da Aliança e sobretudo a construção do Templo* por Salomão*, a cidade tornou-se o centro religioso dos hebreus: celebrava-se lá a grandeza de Deus e a da casa de David.

Jerusalém conheceu em seguida inúmeros dramas: primeiramente, o cisma

em 933 entre o reino do Norte e o do Sul; passou a ser então apenas a capital do pequeno território de Judá; depois, houve a destruição em 587, com o exílio de seus habitantes em Babilônia*.

Lentamente reconstruída depois do edito de Ciro (538 a.C.) que permitiu o retorno dos exilados, Jerusalém sofreu a dominação helenística. Liberta por algum tempo pela revolta dos macabeus em 166 a.C., foi tomada por Pompeu (68 a.C.) e submetida a Roma.

Em 70 d.C., Tito, à frente das legiões romanas, destruiu a cidade, depois o Templo. Em 135, Adriano mandou arrasar o que restava de Jerusalém e a cidade passou de mão em mão ao longo dos séculos.

Embora desde o retorno do exílio não tivesse mais independência política, Jerusalém conservava um papel de primeira importância no plano religioso. De toda parte, os judeus se voltavam em sua direção e subiam até ela em peregrinação (Sl 122). Via-se nela a morada de Deus (Sl 46); era a cidade chamada a tornar-se a mãe de todas as nações (Sl 87); tinha uma vocação de santidade, de fidelidade, lembrada pelos profetas que não cessavam de chamá-la à conversão.

No NT, Jerusalém tem um lugar importante nos quatro Evangelhos, sobretudo no de Lucas. É nesta cidade que ele começa e termina seu testemunho sobre Jesus; destaca a subida de Jesus rumo à capital, onde devem cumprir-se sua paixão e sua morte (Lc 9,31).

Em 50 d.C., uma assembléia de responsáveis cristãos se reúne em Jerusalém para decidir a posição a tomar para com os judeu-cristãos: é o primeiro concílio.

Os profetas já aspiravam a uma Jerusalém ideal, a cidade do fim dos tempos.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

nheiros que escolheu para si, percorreu a Palestina, pregando a vinda do Reino* de Deus, curando os enfermos, atraindo discípulos, dirigindo-se — freqüentemente por meio de parábolas* — a multidões de ouvintes curiosos, hostis ou conquistados.

Num dia do mês de Nisã (abril), em 30 ou 33, Jesus foi preso pelas autoridades judias, entregue ao poder romano, julgado, condenado; no dia seguinte, foi crucificado e sepultado; no domingo seguinte, mulheres que o tinham acompanhado durante seus anos de vida pública afirmaram ter encontrado seu túmulo vazio quando foram terminar de embalsamar seu corpo; seus apóstolos sustentaram tê-lo encontrado vivo, falado e comido com ele; deram testemunho, até morrerem, de sua ressurreição*.

Os evangelhos querem ser um eco fiel de seu ensinamento, eco destinado àqueles que não o ouviram diretamente. No essencial, Jesus afirma com vigor — e às vezes de maneira provocativa — a primazia do amor de Deus e do próximo* sobre todos os outros preceitos da Lei*. Juntando os atos à palavra, ele acolhe junto de si seres geralmente desprezados à sua época: publicanos que recolhem impostos para os ocupadores romanos (como Mateus*), leprosos, samaritanos* (odiados pelos judeus), mulheres e, entre elas, prostitutas. Tudo isso podia ser perfeitamente aceitável para um bom fariseu*. Mas Jesus vai mais longe: apresenta-se como alguém que vive em relação particular com Deus*, a quem ousa chamar seu Pai (em aramaico: *Abba*). Suas palavras e seus atos atraem a hostilidade de algumas autoridades judias.

Tudo o que os evangelhos dizem de Jesus tende, portanto, a apresentá-lo como

o Messias, o Ungido de Deus, aquele que Israel esperava e que cumpre perfeita e definitivamente as promessas feitas aos ancestrais e relatadas no AT.

Os cristãos vêem em Jesus o Messias* prometido a Israel; chegam mesmo a afirmar que este Messias é o Filho* único de Deus encarnado, o que aliás não foi admitido imediatamente nem sem dificuldades. Jesus é para eles aquele que, por sua vida, sua morte e sua ressurreição, abre à humanidade inteira o acesso ao reino de Deus. Chamam-no Jesus Cristo, Jesus Messias.

Os judeus admitem a historicidade de Jesus. São sensíveis àquilo que, em seu ensinamento, está dentro das normas da tradição judaica. Mas não reconhecem nele o messias prometido por Deus a seus pais para a libertação de Israel. Sua espera continua, portanto.

O Islã vê em Jesus um profeta anunciador de Maomé. O Corão chama-o “Messias”, “Servo de Deus”, “Palavra de Allah”, mas se recusa, por outro lado, a ver nele mais que um santo homem.

→ CRISTO, PAIXÃO.

♦ *Lit. Os escritores e o personagem histórico:*

David Friedrich Strauss, *Vida de Jesus*, 1835: tudo nos evangelhos é mito. Jesus é uma figura messiânica cuja realidade histórica não tem consistência. Ernest Renan, *Vie de Jésus*, 1863: escrito num espírito racionalista, mas respeitoso do “indivíduo que fez sua espécie dar o maior passo rumo ao divino”. François Mauriac, *Vie de Jésus*, 1937: o autor se entrega a uma recriação psicológica baseada nas grandes passagens dos evangelhos. Mika Waltari, *O segredo do Reino*, 1979: relato romanceado, apoiado numa sólida documentação, dos últimos dias de Jesus. José Saramago, *O Evangelho segundo Jesus*, 1991: Jesus apresentado como um homem comum, sujeito a todo tipo de sentimento e desejo carnal.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

JOÃO

(Hb. *Yohanan*, “Deus fez graça”. O evangelista Lucas (1,59-63) insiste no valor deste nome dado ao filho de Isabel.) O NT menciona pelo menos dois personagens com este nome.

João, o “discípulo bem-amado”

Um dos doze apóstolos, filho de Zebedeu e irmão de Tiago. Autor do quarto Evangelho. Largamente independente dos três primeiros (os sinópticos*), ele não conta a instituição da Eucaristia*, mas é o único a narrar o lava-pés (13,1-20) durante a última refeição feita por Jesus com seus discípulos. Ao longo de todo o seu Evangelho, João insiste no significado de certo número de “sinais” (2,11), que permitirão discernir em Jesus o Messias, Filho de Deus. É pouco provável que o Apocalipse* de João de Patmos lhe possa ser atribuído, mas o livro deixa transparecer sua influência. João foi testemunha da Transfiguração* de Jesus; este, antes de morrer, lhe confiou a própria mãe (Jo 19,25-27). Na Igreja ortodoxa, o discípulo bem-amado recebe o título de São João, o Teólogo, pelo caráter profundamente místico de seu evangelho.

♦ *Lit.* Victor Hugo, *Les contemplations* (V, 14), 1856: “Escutai, sou João. Vi coisas sombrias...”, poema consagrado ao suposto autor do Apocalipse. Guy Hocquenghem, *La colère de l’Agneau*, romance, 1985: “Paulo é o homem do pecado, e João, o da Ressurreição” (posfácio). O autor inspira-se em parte em D. H. Lawrence, *Apocalipse*, 1931, num fundo de peripécias sangrentas.

♦ *Icon.* João aparece ao lado de Maria aos pés da cruz: → CRUZ/CRUCIFIXÃO/CRUCIFICAÇÃO, SEPULTAMENTO. Só: *O suplício do caldeirão de óleo fervente* (do qual sai ileso), pórtico de São João de Latrão, Roma, séc. VII. Mestre de Moulins, *Anne de Beaujeu com São João Evangelista*, 1500, Paris. *São João*: afresco de São Macário, Giron-

da, séc. XIV; Tilman Riemenschneider, início do séc. XVI, Berlim. *João em Patmos*: Matteo Giovanetti, 1347, Avignon; Hans Memling, 1489, Bruges; Hieronymus Bosch, séc. XVI, Berlim; Velázquez, séc. XVII, Londres.

♦ *Mús.* J.-S. Bach, *Paixão segundo s. João*, 1723. Mussorgsky, *Noite de s. João no monte Calvo*, 1867.

João Batista

Filho de Zacarias e de Isabel, casal idoso e considerado estéril (Lc 1,7). Seu nascimento anunciado pelo anjo Gabriel precedeu de pouco o de Jesus, cuja mãe era parente de Isabel. Profeta, pregava no deserto da Judéia a conversão dos corações e anunciava a proximidade do reino* de Deus. Jesus veio receber dele o batismo* antes de começar sua pregação. Aprisionado por Herodes* Antipas, cujo segundo casamento tinha censurado, João foi decapitado por ordem da rainha Herodíades. É também chamado “Precursor”: aquele que vem antes de outro para anunciá-lo. Com este título é venerado na Igreja ortodoxa.

♦ *Lit.* Flaubert, *Trois contes*, 1877, faz dele um personagem essencial em “Herodias”, com o nome “exótico” de Iaokannan.

♦ *Icon.* Donatello, *João Batista*, 1456, Paris, Siena. Memling, *O casamento místico de Santa Catarina*, séc. XV, Bruges. Gérard de Saint-Jean, *João Batista no deserto*, séc. XV, Berlim. Leonardo da Vinci, *João Batista*, 1515, Paris. Abraham Bloemaert, *João Batista pregando*, séc. XVI, Amsterdam. Angiolo Bronzino, *O Batista jovem*, séc. XVI, Roma. Rodin, *João Batista*, 1880, Paris. → BATISMO DE JESUS.

JOAQUIM

Rei de Judá* (609-598). Vassalo de Nabucodonosor* durante três anos, rebelou-se contra Babilônia. Idólatra, perseguidor dos profetas, atraiu a cólera de Jeremias* (“Ai daquele que constrói sua casa sem justiça”, Jr 22,13-19).



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

♦ *Icon. Josué detém o sol*, mosaico de Santa Maria Maior, Roma, séc. IV; Giambattista Tiepolo, séc. XVIII, Milão; John Martin, 1816, Londres.

JUDÁ

Quarto filho de Jacó e Lia. Aparece como um moderador nas querelas familiares entre José* e seus outros irmãos, irritados com a preferência paterna por este último. Em seu ciúme, quiseram matar José; segundo a tradição javista, Judá se opôs a esta decisão e propôs vendê-lo a mercadores nômades que partiam rumo ao Egito (Gn 37,25-27). Bem mais tarde, durante um período de fome, os filhos de Jacó vão ao Egito para comprar grãos, sem saber que José se tornou um homem poderoso no país. Este quis guardar como escravo Benjamin, o caçula de Jacó. Judá interveio novamente, oferecendo-se como refém no lugar do menino (Gn 44,18-34).

A tribo de Judá:

A tribo mais numerosa e a mais importante da história de Israel. Ela incorpora a si diversas populações estrangeiras, em particular os cananeus (Gn 38). A “bênção de Jacó” (Gn 49, 8-12) proclama a primazia e a força de Judá (“Judá é leãozinho”) sobre as demais tribos. Ela se desenvolveu por longo tempo independentemente das outras, mas David*, “filho de Judá”, lhe garantiu a supremacia.

Judá ocupava o sul da Palestina (capital Sião*), enquanto ao norte predominava Efraim* (ou “casa de José”). Jesus, filho de David, é “saído de Judá” (Hb 7,14).

Reino de Judá:

Reunidos sob David e Salomão (2Sm 5,1-3), Judá e Israel sempre permaneceu-

ram, no entanto, entidades distintas (1Rs 1,35). Era a pessoa real que assegurava a unidade deste reino duplo. Judá ocupava a parte sul do território palestino (cidades: Hebrom, Jerusalém, Belém). Após a morte de Salomão (931), as tribos do Norte se separaram de novo de Judá, e dois reinos, Israel e Judá, coexistiram durante mais de dois séculos, não sem inúmeras rivalidades. A tribo de Judá permaneceu fiel à “casa de David”.

Senaquerib, rei da Assíria, arrasou o país em 701 (2Cr 32,1-8). Jerusalém escapou por um triz do aniquilamento (2Cr 19). A derrocada do império assírio e as reformas de Josias (640-609) pareceram lhe assegurar por algum tempo um novo êxito, mas, espremido entre o Egito e a Babilônia, o reino desmoronou no séc. VI. O povo de Judá partiu em cativo para Babilônia (587).

Quando o edito de Ciro (538) autorizou o retorno, “o pequeno resto” voltou à Palestina, mas uma parte dos judeus permaneceu em Babilônia, onde conheciam a prosperidade.

A partir deste momento, já não se fala de reino de Judá, mas de “província de Judá” ou de Judéia* (com base no grego *Ioudaia*), ou de país dos judeus, ainda que muitos deles vivessem fora da Judéia — Galiléia, Samaria — e mesmo fora da Palestina. → JUDÉIA, JUDAÍSMO.

JUDAÍSMO

Sua história começa com o exílio* em Babilônia (587 a.C.) que põe fim ao reino hebreu. O termo parece ter sido escolhido no séc. II a.C. pelos judeus da diáspora para se definirem diante do helenismo (2Mc 2,21); só é empregado uma vez no NT (Gl 1,13-14).

Os judeus da Palestina e os que vivem longe (em Alexandria, em Babilônia



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

- ◆ *Mús.* Vivaldi, *Judith triumphans*, oratório. Arthur Honegger, *Judith*, ópera, 1926.
- ◆ *Cin.* Griffith, *Judite de Betúlia*, 1913.

JUÍZES (DE ISRAEL)

Salvo no episódio da nomeação de juízes por Moisés no deserto (Ex 18,13-26; Dt 1,9-18), o termo “juiz”, no AT, designa ou um chefe guerreiro libertador de Israel contra vizinhos invasores, ou um governador local.

O livro dos Juízes nos conta a história de doze destes grandes personagens, que pertencem à época de transição entre a instalação de Canaã e a instituição da realeza. O mais célebre é Sansão, traído por uma mulher, Dalila.

- ◆ *Mús.* Giacomo Carissimi, *Jefté*, oratório, 1656. Camille Saint-Saëns, *Sansão e Dalila*, 1877.

JUÍZO FINAL

No AT, Deus, juiz supremo, virá julgar os vivos. O “Dia de Yahvé”, esperado por alguns com impaciência (Am 5,18), é anunciado pelos profetas como um dia aterrorizante, tanto para os inimigos de Israel (Is 13,6 ss; Jr 46,10; Jl 4,9-14) quanto para Israel mesmo. É descrito em Sf 1,14-18 (de onde é tirado o hino do *Dies irae*) e em Zc 14 como um cataclismo de dimensões cósmicas.

A expectativa do dia do Senhor, ou do Filho do Homem (Lc 17,22-23), encontra-se no NT: no dia marcado para o retorno de Cristo (1Tm 4,13-17), o céu e a terra serão consumidos pelo fogo (1Cor 3,13-15), Cristo intervirá no combate apocalíptico (Ap 19,11-21) para destruir os pecadores e o mal (2Tm 2,8), purificar os túbios, glorificar os que são fiéis (Fl 2,16).

A idéia de um julgamento dos mortos só intervém tardiamente, no século II

a.C., na literatura apocalíptica judaica (livro de Enoc*, livro de Daniel*): Deus virá julgar coletivamente as nações após a ressurreição geral, será implacável para com aquelas que tiverem perseguido seu povo; será o dia da ira ou o dia de Deus.

Os evangelistas retomam as imagens apocalípticas do retorno glorioso do Filho do Homem para evocar o juízo final: “Os mortos então foram julgados conforme sua conduta, a partir do que estava escrito nos livros” (Ap 20,11-15). Pregadores e artistas retomaram estas imagens aterrorizantes para reconduzir os fiéis ao reto caminho. O caráter definitivo do juízo deixou progressivamente o lugar a uma tradição que evoluiu do século IV ao XII, que colocou o purgatório antes do juízo, dando aos pecadores a chance de expiarem suas faltas, para não irem ao inferno.

- ◆ *L. & P.* *As trombetas do Juízo Final* (conforme o Apocalipse) (Ap 8-11). *Separar as ovelhas e os bodes* (os eleitos e os condenados) (Mt 25,32). “*Não sabeis nem o dia nem a hora*” (do Juízo Final) (Mt 25,13).

- ◆ *Lit.* É descrito como um espetáculo por Tertuliano: *De Spectaculis*, 197-206. Agrippa d’Aubigné, livro VII dos *Trágicos*, 1616, evoca o fim dos tempos quando Deus precipitará nos tormentos eternos aqueles que perseguem os justos. Victor Hugo, *A lenda dos séculos*, 1859, “A trombeta do Juízo”: “Vi dentro da noite um clarão monstruoso...”. Pierre Jean Jouve, *Glória*, 1942.

A evocação do inferno e do Juízo Final freqüentemente deu lugar a uma sátira dos defeitos humanos ou dos pecadores ilustres: Quevedo, *O sonho do Juízo Final*, 1610; d’Aubigné, *Os trágicos*.

- ◆ *Icon.* O Juízo Final é presidido por Cristo; amiúde, o arcanjo Miguel pesa as almas com uma balança. Os eleitos estão à direita de Jesus, os condenados caem no inferno à sua esquerda. Juízo Final figura freqüentemente no tímpano das igrejas românicas, no séc. XII, sobretudo em Autun, Conques, Bourges.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

♦ *Lit.* Hobbes, *Leviatã*, 1651: o homem “colocado pela pura natureza numa triste condição”, assustado com seu próprio poder de morte, engendra o Leviatã, o estado totalitário.

Leviatã era o nome do maior navio a vapor jamais visto (séc. XIX); sua própria enormidade tornava-o inutilizável; Victor Hugo faz dele o símbolo do velho mundo e do passado em “O século vinte” de *La légende des siècles (A lenda dos séculos)*, 1859. Rimbaud, *Poésies (Poesias)*, 1871, “Barco ébrio”: “Vi fermentar os pântanos enormes, nassas/Onde apodrece nos juncos todo um Leviatã!”.

Leviatã figura entre os personagens históricos e míticos que Apollinaire faz desfilar diante do túmulo de Merlin com Medéia, Dalila, Helena, o arcanjo Miguel e o deus Pã! *L'enchanteur pourrissant (O encantador putrefacto)*, 1905. Julien Green: *Léviathan*, 1929, romance.

LEVIRATO

Segundo o antigo direito israelita, quando um homem morre sem deixar filhos, seu irmão deve desposar a viúva (Dt 25,5-10) e o primeiro filho recebe a herança do defunto. Este costume existia também entre os assírios e os hititas. Assim, a linhagem continua e a mulher permanece no clã. → BOOZ.

Os saduceus* fazem alusão ao levirato no NT (Mt 22,23-28).

LEVITA

Segundo o Deuteronômio*, Deus pôs à parte a tribo de Levi* “para carregar a Arca* da Aliança do Senhor, ficar em sua presença, servi-lo e abençoar em seu nome” (Dt 10,8). Especifica-se: “Os sacerdotes levitas, toda a tribo de Levi, não terão nenhuma parte de herança com Israel... Deus é que será sua herança” (Dt 18,1-2).

Após a abolição dos santuários provinciais durante a reforma do rei Josias,

cerca de 622 a.C., surge uma distinção entre sacerdotes e levitas; estes cumprem a partir de agora a imolação dos animais oferecidos em sacrifício ao Templo. A partir de 360 a.C., a influência dos levitas cresce; podem ser não somente chantres ou porteiros, mas escribas, juízes e mestres (1Cr 25 e 26).

No NT, um levita e um sacerdote figuram na parábola do bom samaritano* (Lc 10,32).

Nos Atos, um levita apelidado Barnabé, originário de Chipre, torna-se discípulo de Cristo e companheiro de Paulo. → SACERDÓCIO.

LEVÍTICO

Terceiro livro do Pentateuco* (ou *Torah*), assim chamado porque contém as regras cultuais concernentes aos sacerdotes da tribo de Levi*: ritual dos sacrifícios*, lei do puro e do impuro* etc. É neste livro que está escrito: “Amarás a teu próximo como a ti mesmo” e “Amarás o estrangeiro como a ti mesmo” (Lv 19,18,34).

LIGAR/DESLIGAR

Estes verbos antinômicos, que pertencem à linguagem rabínica (ver JUDAÍSMO), aplicam-se ao domínio disciplinar da admissão na cidade de Deus ou da exclusão desta cidade; posteriormente, às decisões doutrinárias ou jurídicas, com o sentido de “proibir” (ligar) ou “permitir” (desligar). São poderes que Jesus confere primeiro somente a Pedro: “Eu te darei as chaves do reino dos Céus e o que ligares na terra será ligado nos céus, e o que desligares na terra será desligado nos céus” (Mt 16,19). Mais adiante, no Evangelho segundo São Mateus, é aos discípulos* em geral que Jesus se dirige para



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

M

MACABEU

(Hb. *maq̄ebet*, “martelo”.) Apelido de um certo Judas*, filho de Matatias. Este último e seus cinco filhos — a quem foi estendido o apelido — empreenderam a luta contra a helenização forçada, sob Antíoco Epífanes e seus sucessores. O próprio Judas dirigiu a revolta entre 166 e 160. Obteve grandes sucessos e purificou o templo de Jerusalém. → FESTAS RELIGIOSAS: *Hanukkah*.

Livros dos Macabeus

Estes dois livros deuterocanônicos* (o primeiro escrito em hebraico, mas conhecido somente em sua tradução grega, o segundo escrito em grego) nos contam toda a história da resistência dos judeus diante do helenismo conquistador. Os dois livros são paralelos (o segundo, porém, começa e termina seu relato mais cedo). Eles oferecem ao mesmo tempo o desenvolvimento dos acontecimentos políticos e militares e relatos edificantes (ver sobretudo o martírio dos sete irmãos, 2Mc 7) que visam a encorajar a resistência à perseguição, às vezes até o martírio.

◆ *Icon.* Gerritt Van Honthorst, *Judas Macabeu*, séc. XVII, Gand. Gustave Doré, “A morte de Eliezer Macabeu”, *A Bíblia Sagrada*, 1866.

MAGNIFICAT

Maria*, pouco antes de dar à luz Jesus, foi visitar sua prima Isabel* que, igualmente, estava grávida; em resposta à saudação de Isabel, Maria, segundo Lucas, entoou um cântico de ação de graças*. Este cântico começa, na Vulgata*, com as palavras: *Magnificat anima mea Dominum...* “Minha alma engrandece o Senhor...” (Lc 1,46-55).

O *Magnificat* de Maria é constituído de citações ou de alusões bíblicas: Salmos*, Jó*, Isaías*, Gênesis*... → VISITAÇÃO.

◆ *Lit.* Paul Claudel, *Cinco grandes odes*, 1907, “Magnificat”. Fernando Pessoa, *Obras poéticas de Álvaro de Campos*, “Magnificat”.

◆ *Mús.* *Magnificat*: Roland de Lassus, Johann Sebastian Bach, Vivaldi, Haendel, Carl Philipp Emmanuel Bach.

MAGOS

Sábios orientais habituados a observar os astros. Mateus (2,1-12) conta a visita de magos que vieram oferecer seus presentes ao “rei dos judeus”, cujo astro eles viram “levantar-se no céu”. Perguntaram em Jerusalém sobre o local de seu nascimento. Baseando-se no profeta Miquéias, os doutores da Lei lhes dizem



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

“magdalena” deu origem a “madalena”), que seguiu Jesus e foi libertada por ele da possessão de “sete demônios” (Lc 8,2). É às vezes identificada com Maria de Betânia*, irmã de Marta e Lázaro, e com a pecadora anônima que perfumou os pés de Jesus (Lc 7,36-50). Maria de Magdala fez parte de um grupo de mulheres presentes à Crucificação e ao sepultamento de Jesus (Mt 27). Foi ela a primeira pessoa a vê-lo depois de sua ressurreição (Jo 20,11-18) e a encarregada de anunciar a boa nova aos apóstolos. → MULHERES (SANTAS).

♦ *L. & P.* Madalena arrependida, pessoa que, tendo procedido mal com outra, vem em seguida mostrar seu arrependimento.

♦ *Lit.* Madalena é o personagem da mundana no *Mistério da Paixão*, de Jean Michel, 1486: “Quero-me vestir, ornar, enfeitar, pintar/Para ser bem admirada.../ Tudo o que quero é o prazer”. Henri Lacordaire, *Marie-Madeleine (Maria Madalena)*, séc. XIX.

♦ *Icon.* Maria de Magdala, a *Madalena*, é freqüentemente confundida com a pecadora: Donatello, estátua, 1456, Florença; Piero di Cosimo, séc. XVI, Roma; Quentin Matsys, 1514, Antuérpia; Ticiano, 1533, Florença. Georges de La Tour, *A Madalena penitente*, 1626, Louvre.

♦ *Cin.* Enrico Guazzoni, *Maria de Magdala*, 1915, filme mudo. Miguel Torres, *Maria Madalena*, 1945.

MARTA

Irmã de Maria de Betânia* e de Lázaro*, vivia em Betânia*. Um dia em que Jesus veio à casa deles, Marta o servia e repreendia a irmã por ficar sentada aos pés de Jesus escutando-o, na atitude do discípulo diante do mestre; isso lhe valeu estas palavras de Jesus: “Marta, Marta, tu te inquietas e te agitas por muitas coisas; no entanto, pouca coisa é necessária, até mesmo uma só. Maria, com efeito, escolheu a melhor parte, que não lhe será tirada” (Lc 10,38-42).

Quando da morte de seu irmão Lázaro, ela correu à frente de Jesus e proclamou sua fé nele (Jo 11,27).

Segundo a interpretação corrente, Marta representa a vida ativa, e Maria, a vida contemplativa.

♦ *L. & P.* Escolher a melhor parte.

♦ *Lit.* O nome da personagem do drama de Claudel, *L'échange (A troca)*, 1901, tem valor simbólico. Por seu apego ao real, sua eficácia, seu espírito de família, Marta lembra a personagem bíblica.

♦ *Icon.* *Cristo em casa de Marta e Maria*, Vermeer, 1653, Edimburgo; Velázquez, 1618, Londres; Friedrich Overbeck, 1815, Berlim.

MÁRTIR/MARTÍRIO

(Gr. *martyrein*, “testemunhar”.) Um mártir é, primeiramente, uma testemunha. Entre os cristãos, é aquele que testemunha, por atos e palavras, que Jesus morreu e ressuscitou. Nos primeiros séculos da cristandade, este testemunho conduzia freqüentemente a uma morte violenta e cruel, de forma que “mártir” tomou o sentido de “morto por causa da fé”; este sentido se estendeu a todos aqueles que sofrem por uma causa e chegam a morrer por ela.

A Igreja nascente dedicou um culto entusiasta a seus mártires. Para alguns deles, relatos autênticos atestam a realidade de seu “martírio” (suplício sofrido por causa de sua fé); em outros casos, lendas, freqüentemente belíssimas, vieram atenuar a ausência de referências históricas.

♦ *Lit.* Santo Inácio, bispo de Antioquia, martirizado em Roma c. 107 d.C., *Epístola aos Romanos* (em grego). Inácio exprime ali sua sede de martírio: “Deixai que me torne o pasto dos animais, por quem poderei chegar a Deus. Sou o frumento de Deus e é preciso que eu seja moído pelo dente dos animais para me tornar o pão



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Em outra ocasião, ele reprova em seus discípulos sua falta de fé: “Em verdade vos digo: se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a esta montanha: transporta-te daqui para lá, e ela se transportará, e nada vos será impossível” (Mt 17,20).

MULHERES (santas)

O termo “santas mulheres” designa as mulheres que seguiram Jesus e desempenharam um papel, principalmente durante a Crucifixão*, o sepultamento e junto ao túmulo: Maria Salomé, mulher de Zebedeu, mãe dos apóstolos Tiago* Maior e João, segue Jesus desde a Galiléia, acompanha-o até a cruz e vai ao túmulo para embalsamar seu corpo (Mt 27,55-56; Mc 15,40; 16). Maria, mãe de Tiago* Menor, assiste ao sepultamento de Jesus e é testemunha de sua ressurreição (Mt 28,9-10). Maria, mãe de Marcos, acolhe em sua casa a primeira comunidade cristã de Jerusalém (At 12,12). Na tradição ortodoxa, estas mulheres recebem o título de *mirróforas* (“as que levam a mirra”). → MARIA DE BETÂNIA, MARIA DE MAGDALA (MARIA MADALENA).

MUNDO

Além dos dois sentidos habituais na Bíblia (o universo e os homens), o termo ganhou, a partir do Evangelho de João, um significado particular nos textos cristãos.

Já o livro da Sabedoria*, sob influência do platonismo, dava uma conotação pejorativa a esta palavra. O mundo é o conjunto da sociedade preocupada com o interesse próprio, o prazer, a alegria, o sucesso e fechada aos chamamentos do Cristo, até mesmo hostil aos discípulos dele. Sobre ela reina “o príncipe deste

mundo”, isto é, o mal (Jo 12,31). Os cristãos são vítimas da hostilidade do mundo: “mas o mundo os odiou, porque não são do mundo” (Jo 17,14).

Ao declarar “Meu reino não é deste mundo” (Jo 18,36), Jesus indica claramente que não busca nem o poder nem a riqueza material para si e para os seus.

Uma certa forma de espiritualidade extrai destas passagens uma depreciação profunda da vida terrestre, até mesmo da ação política. Ela convida os homens a “renunciar ao mundo” e opõe este “baixo mundo” (a terra) ao “outro mundo” (o céu, a vida eterna). Tais expressões passaram para a linguagem corrente.

♦ *Lit.* Ao escrever seu poema *Le mondain (O mundano)*, 1736, Voltaire toma nítido partido contra esta forma de espiritualidade.

MURO DAS LAMENTAÇÕES

No ano 20 a.C., Herodes*, o Grande, começou a reconstrução do Templo* de Jerusalém* e a ampliação do adro. Como o santuário estava construído sobre uma colina, foi preciso edificar grandes muros de sustentação. Um deles, único vestígio do muro ocidental, formado de pedras enormes, é chamado “Muro das Lamentações”, pois, desde a ruína de Jerusalém em 70 d.C., os judeus vêm ali chorar a destruição do Templo. Esta muralha foi o palco de graves conflitos em 1930; somente em 1967 os judeus puderam retornar para orar ali.

♦ *Lit.* Elie Wiesel, *O mendigo de Jerusalém*, 1963, narrativa. No final da “guerra dos seis dias”, o autor se acha com os irmãos diante do Muro: “Vejo todos aqueles que, antes de mim, estiveram aqui, de pé, tomados de humildade ou de êxtase... Os reis e os profetas, os guerreiros e os sacerdotes, os poetas e os pensado-



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

quando ele a chamou pelo nome. Ela se jogou aos pés dele e gritou: “*Rabuni*” (forma mais solene que *Rabbi**); Jesus então lhe disse: “Não me retenhas, pois ainda não subi ao Pai. Vai, porém, aos meus irmãos...”

♦ *Icon. Cristo aparecendo a Maria Madalena* ou *Noli me tangere*: Duccio di Buoninsegna, em *La Maestà*, 1311, Siena; Fra Angélico, 1440, Florença; Ticiano, 1511, Londres; Correggio, séc. XVI, Madri; Graham Sutherland, 1903, Chichester; Maurice Denis, séc. XX, St-Germain-en-Laye.

NOME

Os nomes não são etiquetas convencionais: eles revelam a essência de um ser ou seu destino (Is 1,26). Dar um nome é fazer existir. Assim, Deus na Bíblia nomeia o que cria: dia, noite, céu, terra... (Gn 1,3-10). Nomear é também dominar: Adão dá um nome aos animais (Gn 2,20). Segundo a Bíblia, uma mudança de nome indica uma etapa nova na vida: Abrão torna-se Abraão*; Jacó*, Israel; Simão recebe o nome de Pedro* (Jo 1,42).

No judaísmo, “O Nome” (*hashem*) designa Deus. Invocado com fé, o nome de Jesus pode operar milagres, pois evoca seu poder (At 3,1-12). → BLASFÊMIA, YAHVÉ.

NÚMEROS

Na Bíblia, os números têm frequentemente um valor simbólico:

Quatro e dez exprimem uma totalidade. Quarenta, a duração de uma geração. Quatro, o mundo terrestre com seus pontos cardeais. Doze, Israel com suas doze tribos. Mil, a multidão ou um longo período de tempo (Ap 20,1-6); 144.000, a plenitude (12 x 12 x 1.000). Seis, a imperfeição (7-1): o mundo criado por Deus

em seis dias deve ser terminado pelo homem; 666, talvez a imperfeição radical e a maldade intrínseca, como as da besta do Apocalipse* (Ap 13,18).

Sete: o número reveste-se de uma importância extrema, é o da perfeição. Encontra-se no Gênesis*: após ter criado o mundo em seis dias, no sétimo dia Deus descansou, e abençoou e santificou este dia que se tornou o *sabbar**; no ritual litúrgico: o candelabro de sete braços; nas visões dos profetas e nas representações do mundo invisível: o livro com sete selos, as sete trombetas, as sete taças, os sete sinais do Apocalipse; no Evangelho: Jesus recomenda a seus discípulos que perdoem sete vezes (Lc 17,4) e até 70 vezes sete vezes, isto é, sempre (Mt 18,22).

No pensamento simbólico, a interpretação dos números desempenha um papel importante.

Com base nos textos bíblicos e sob a influência da Cabala* judia, várias correntes iluministas e místicas têm atribuído um significado secreto a algumas combinações de letras ou de números (em hebraico, os números são escritos com letras do alfabeto).

NÚMEROS, LIVRO DOS

Quarto livro do Pentateuco* ou *Torah*. O título, utilizado na Setenta* e na Vulgata*, justifica-se pelas enumerações e recenseamentos dos israelitas que ali se encontram (Nm 1-4; 26). Os judeus, por seu lado, chamam este livro *No deserto*, o que dá conta melhor de seu real conteúdo: as legislações do povo de Israel e a história da longa marcha que empreendeu, sob o comando de Moisés*, do monte Sinai*, através do deserto, até as estepes de Moab, na Transjordânia, diante de Jericó. São 38 anos e cinco meses de



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

para orar; gosta também de se retirar sozinho, afastado, no “deserto” ou na “montanha”. Ele retoma, obviamente, as preces judias tradicionais, ou então conversa familiarmente com seu Pai como durante sua agonia.

Jesus aparece como um mestre de oração: diálogo secreto, confiante, humilde entre os crentes e seu Pai nos céus. A pedido dos discípulos, ele lhes propõe um modelo de oração, o pai-nosso*, onde se encontram muitos elementos da prece judia.

O evangelista João concede amplo espaço a uma longa oração de Jesus durante a última Ceia* (Jo 17), oração que a tradição cristã tem chamado “prece sacerdotal” (isto é, oração de Jesus-sacerdote); exprimem-se nela o amor de Jesus por seu Pai e pelos seus, e seu desejo de ver seus discípulos unidos entre si como ele é com seu Pai.

A Igreja cristã rapidamente criou o hábito de dirigir algumas de suas orações a Jesus ressuscitado. Em seguida, o costume se estabeleceu de se dirigir aos mártires, depois aos santos. Alguns excessos nestas últimas formas de oração levaram à reação da Reforma no séc. XVI.

♦ *Mús.* Canto gregoriano e música litúrgica ortodoxa são as formas mais belas da oração coletiva cristã.

ORÁCULO

Palavra divina transmitida por um intermediário humano, sacerdote ou profeta. Num primeiro tempo, em Israel, como alhures, as pessoas pedem presságios para saber como se conduzir (1Sm 9) ou para conhecer o desfecho de uma guerra. Pouco a pouco, o “oráculo” perde seu caráter individual e torna-se “a palavra de Deus” dirigida a seu povo,

para que ele deixe de praticar o mal e se converta ou para lhe anunciar a salvação (Is 41,13).

ORVALHO

Nos países onde praticamente nunca chove no verão, o orvalho é importante para a sobrevivência.

Na Bíblia, o orvalho é considerado um símbolo de vida luxuriante (Gn 27,28).

No sentido figurado, o orvalho designa tudo aquilo que, sem ruído e de modo invisível, traz refrigério e bênção, como o orvalho para a vegetação. Ele é o símbolo da bênção divina, vivificante.

OSÉIAS

(Hb. *Hoshea*, “Deus salva”.) Profeta originário do reino do Norte, no séc. VIII a.C. Influenciado, ao que parece, por seus próprios dissabores conjugais, ele é o primeiro a ter compreendido que Deus ama seu povo com um amor verdadeiro, que está pronto a lhe perdoar suas traições e infidelidades: tal como um amante enganado que aceitaria tomar de volta uma mulher adúltera ou prostituída, reconhecer seus filhos bastardos, o Deus de Israel é um Deus de ternura e de fidelidade.

VELHA DESGARRADA

Este relato faz parte de uma série de três parábolas* narradas por Lucas (15) para ilustrar a idéia da misericórdia de Jesus: a ovelha desgarrada, a dracma perdida, o filho pródigo.

Jesus se compara a um bom pastor que traz de volta nos ombros uma ovelha desgarrada. Na interpretação corrente que depois entrou na linguagem fami-



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

do como o advogado, o defensor e o consolador dos homens (Jo 14,26; 16,7).

Este nome foi dado a um mosteiro de monjas beneditinas fundado no séc. XII por Heloísa, perto de uma igreja construída por Abelardo. Todas as ciências eram ensinadas ali às monjas e às jovens do mundo. O mosteiro foi destruído durante a Guerra dos Cem Anos (diocese de Troyes).

♦ *Lit.* Michel Tournier, *Le vent Paraclet* (*O vento Paráclito*), 1977.

PARAÍSO

(Do velho persa *pairi-daza*, “parque”.) A Setenta* designa com esta palavra o jardim das delícias onde Deus tinha posto o primeiro homem (Gn 2,7); a árvore* da vida e a árvore do conhecimento cresciam ali graças a uma água abundante no meio de uma vegetação luxuriante. O Paraíso é chamado jardim do Éden* e comporta quatro rios, entre os quais o Tigre e o Eufrates (Gn 2,10). Sua localização geográfica varia conforme as tradições. Depois que Adão e Eva foram expulsos, os querubins com gládios ardentes guardam sua entrada. → CÉU.

A literatura intertestamentária (sobretudo o livro de Enoc e o quarto livro de Esdras) comporta numerosíssimas descrições de paraíso. No NT, o Paraíso é citado três vezes: Jesus na cruz afirma ao ladrão* que ele estará “ainda hoje no Paraíso” (Lc 23,43). Em 2Cor 12,4, Paulo relembra um êxtase vivido por ele. Finalmente, no Ap 2,7, faz-se a promessa: “ao vencedor, conceder-lhe-ei comer da árvore da vida que está no paraíso de Deus”.

A imagem tradicional do Paraíso vem, de fato, mais da descrição do jardim do Cântico dos Cânticos* do que do texto do Gênesis: os poemas evocam os

cinco sentidos cumulados de felicidade e inspiraram, em particular, os “lugares de amor” dos romances corteses da Idade Média.

♦ *Lit.* Dante, *Divina comédia*, 1307-21: o Paraíso acha-se no céu. Nove esferas giram em órbitas sempre mais largas e num movimento sempre mais rápido em torno da terra imóvel, como queria Ptolomeu. Acima das esferas fica o fulgurante Empíreo onde Deus resplandece. Agrippa d’Aubigné, *Les tragiques* (*Os trágicos*), 1616, livro VII, do v. 1.045 ao fim: o Paraíso é a nova Jerusalém, “a nova terra e a nova cidade” onde “todos os nossos perfeitos amores (são) reduzidos num amor / como nossos mais belos dias reduzidos num belo dia”. Paul Claudel, *Cantate à trois voix* (*Cantata a três vozes*), 1911.

♦ *Icon.* *O Paraíso terrestre*, Cluny, capitel do séc. XII; Jacopo da Bassano, séc. XVI, Roma; Charles Gleyre, 1874, Lausanne. Hieronymus Bosch, *Jardim das delícias*, séc. XVI, Madri. Poussin, *A primavera ou O Paraíso terrestre*, 1660, Louvre. *O Paraíso*, Giovanni di Paolo, 1460, Siena; Loyse Liédet, miniatura em *O espelho de humildade* de Jean Gerson, 1462; Tintoretto, 1588, Veneza (esboço no Louvre); Giovanni Lanfranco, 1621, Roma. John Martin, *As planícies do Paraíso*, 1853, Londres. Maurice Denis, *O Paraíso*, 1912, Paris.

♦ *Lit.* Penderecki, *O Paraíso perdido*, 1978. *Negro spirituals* sobre o tema do caminho que leva ao paraíso: *Swing low, sweet chariot; This train; On my way, get on my travelin’ shoes*.

PARALÍTICO

Os Evangelhos relatam várias cenas de cura de paralíticos por Jesus. As mais conhecidas são a cura do filho do Centurião (Mt 8,6) e a do homem que foi desido pelo telhado (Mc 2,1-12). Como para os demais milagres* operados por Jesus, a cura física é explicitamente ligada a uma cura espiritual e a um chamamento à fé.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

giada que Deus reserva aos que se arrependem (Lc 15,7).

♦ *Lit.* No séc. XVI, Pascal (*Pensées [Pensamentos]*, 430, 434, 435, 446...) inscreve o pecado numa visão global da miséria do homem sem Deus; esta miséria acha sua origem no pecado original*, antes do qual “o homem via a majestade de Deus”. Decerto, tal doutrina é chocante, admite o filósofo, “e no entanto, sem este mistério, o mais incompreensível de todos, somos incompreensíveis para nós mesmos. O nó de nossa condição ganha suas dobras e suas voltas neste abismo, de sorte que o homem é mais inconcebível sem este mistério do que este mistério é inconcebível para o homem”. Voltaire, *Lettres philosophiques (Cartas filosóficas)*, 1733, ironizará sobre estes mistérios explicados por outros mistérios (25ª carta).

Obsessão do pecado

Na tradição cristã, uma tendência ascética que remonta em grande parte à heresia de Mani (216-277) ligará estreitamente o pecado e uma imagem muito negativa da sexualidade. Ela ganhará toda sua força literária a partir do séc. XIX: Nathanael Hawthorne, *A carta es-carlate*, 1850; os romances de François Mauriac; Julien Green, romances e diário. Ali, a mulher, “filha de Eva”, é frequentemente o vetor da impureza hereditária e por sua maternidade ela transmite o pecado (cf. as *Confissões* de Santo Agostinho, 398, livro I: “Onde, Senhor, eu, vosso servo, onde e quando fui inocente, se foi no pecado que minha mãe me gerou?”).

A idéia fixa do pecado sem sua contrapartida, a redenção em Jesus, vive em Baudelaire — *Les fleurs du mal (As flores do mal)*, 1857, “Ao leitor”: “A estupidéz, o erro, o pecado, a mesquinhez / ocupam nossos espíritos e trabalham nossos corpos...”

O poder do pecado suscita a angústia dos “santos” em Bernanos: *Sous le soleil de Satan (Sob o sol de Satã)*, 1926; *Le journal d'un curé de campagne (Diário de um pároco de aldeia)*, 1936. Onipresença do pecado também em Graham Greene, ainda que seus relatos sejam de aparência profana: *Matadores contratados*, 1936; *O âmago da questão*, 1948, que comporta a seguinte epígrafe: “O pecador está no âmago mesmo da cristandade; ninguém é tão competente quanto o pecador em matéria de cristandade. Ninguém mais, senão o santo” (Péguy).

Por reação contra o desencadeamento do sentimento de culpa, apoiado pelo puritanismo, Gide e D. H. Lawrence propõem uma liberação da sensualidade, e Camus, em *Noces (Núpcias)*, 1936, quer reatar com a antiga “inocência”. → REMISSÃO DOS PECADOS, PERDÃO.

Sempre dentro de uma ótica cristã, Péguy vê positivamente o pecado como o “defeito na armadura” que permite “a entrada da graça” (*Nota conjunta sobre o Sr. Descartes*, 1914).

PECADO ORIGINAL

Esta expressão não figura na Bíblia, mas se desenvolveu na esteira de Santo Agostinho, no séc. V, no cristianismo latino. Foi Paulo que suscitou a reflexão sobre o que tem sido chamado no Ocidente “pecado original” e que a linguagem comum reduziu, no melhor dos casos, à desobediência de Adão e Eva e, no pior, ao pecado da carne*.

De fato, a Bíblia conhece um estado desordenado do mundo que acarreta assassínios, guerras, invejas, orgulho e que remonta à origem dos tempos. Sob uma forma narrativa, ela apresenta de maneira cronológica uma experiência profun-



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

fogo e estas línguas, e as cavernas de minha gestação”.

◆ *Icon. Pentecostes*, Escola úmbrica, séc. XIII, Perúgia; Ticiano, 1555, Veneza; El Greco, 1608, Madri; Emil Nolde, 1909, Nova York.

PERDÃO

Na Bíblia, o perdão não é somente a remissão da punição para a falta ou o pecado*, mas também a reconciliação entre o ofendido e o ofensor, Deus e o pecador.

No AT, as condições desta reconciliação são a confissão do pecado e a submissão ao juízo de Deus: “Deus do perdão, cheio de piedade e compaixão, lento para a cólera e cheio de amor” (Ne 9,17). A conscientização do pecado como ruptura da Aliança*, como infidelidade a Deus, se exprime no culto pela prática ritual do sacrifício de animais, pelo Dia do Grande Perdão ou *Yom Kippur*: a aspersão de sangue realiza a purificação. Hoje esta festa* judia é celebrada pelo jejum e pela oração.

No NT, é o sacrifício de Cristo que realiza a purificação dos pecados (Hb 1,3): Cristo reconcilia os homens com Deus e os homens entre si; as epístolas de Paulo desenvolvem o tema. → REMISSÃO DOS PECADOS, TALIÃO.

◆ *L. & P. Dar a outra face* (Lc 6,29). Jesus dizia a seus discípulos: “A quem te bate numa face, apresenta a outra”.

◆ *Lit. Perdão das ofensas*:

São João Crisóstomo, *Homilia sobre o retorno de Flaviano*, séc. IV: o pregador faz apelo à clemência de Teodósio para que perdoe os habitantes de Antioquia por terem derrubado as estátuas do imperador. Mateo Alemán, *Guzmán de Alfarache*, I, 4, 1604: contém um longo comentário moral sobre a benevolência para com os inimigos e o perdão das

ofensas. Bourdaloue, *Sermão sobre o perdão das injúrias*, séc. XVII.

Perdão dos pecados:

A liturgia cristã fez do início do salmo 130 a oração do pecador confiante no perdão de Deus: *De profundis*.

Villon implora o perdão de Deus neste *De profundis* que é o *Epitáfio em forma de balada* ou *Balada dos enforcados*, séc. XV: “Mas rogai a Deus que nos queira absolver a todos”.

Um fragmento de confissão de Oscar Wilde começa com estas mesmas palavras: *De profundis*.

Mas Isolda, aos pés do eremita, não se sente nem responsável nem culpada; Ogrin, comovido, prega aos amantes adúlteros o arrependimento, pois “ninguém pode absolver o pecador impenitente”: *Romance de Tristão e Isolda*, c. 1362-1420.

PEREGRINAÇÃO

Conforme a Lei, as três grandes festas, Ázimos (Páscoa), Colheita (Pentecostes) e Vindima (Tendas), celebravam-se “diante de Deus” (Ex 23,14-19). Elas davam oportunidade a uma peregrinação, primeiro ao santuário de Silo, onde se achava a Arca*, depois, a partir da época de Salomão, ao Templo* de Jerusalém, que se tornou a meta de todas as “subidas” (Sl 120 a 134).

No mundo cristão, não houve muita peregrinação aos lugares santos da Palestina e de Roma antes da paz religiosa do séc. IV. Peregrinações locais se desenvolveram em toda a Europa; na França, ao túmulo de São Martinho de Tours (séc. V); a Saint-Michel (São Miguel) na Normandia (séc. VIII); a partir de 830, a Santiago de Compostela, na Espanha, entre outros. A peregrinação à Terra Santa continuará sendo a peregrinação por excelência, mesmo quando Jerusalém esteve nas mãos dos muçulmanos de 638 a 1099, e após as cruzadas, a partir de 1244.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

No final do dilúvio, a pomba que Noé* havia soltado da arca retornou a ele trazendo no bico um ramo de oliveira, sinal de que as águas se haviam retirado (Gn 8,8-12) e que a ira de Deus estava apaziguada. Ainda hoje, a pomba e o ramo de oliveira simbolizam a paz.

Após o batismo* de Jesus, segundo os quatro evangelistas, os céus se abriram e João Batista* viu o Espírito* de Deus descer como uma pomba e pousar sobre Jesus (Jo 1,32). → BATISMO DE JESUS.

A pomba aparece ainda como o símbolo da simplicidade de coração, da candura, em oposição à malícia da serpente: "Sede prudentes como as serpentes e sem malícia como as pombas", diz Jesus a seus apóstolos (Mt 10,16).

Na iconografia medieval, a pomba representa muitas vezes a alma humana no momento em que escapa do corpo. Por vezes ornamentada com um nimbo, é o símbolo convencional da terceira pessoa da Trindade*, o Espírito* Santo.

♦ *Lit.* Alfred de Vigny, *Les destinées (Os destinos)*, 1864, "O Espírito puro": Vigny proclama sua fé no triunfo do Espírito puro, livre da matéria, tal como se exprime por meio de poetas e filósofos: "O escrito universal, às vezes imperecível, / Que tu gravas no mármore ou traças na areia, / Pomba de bico de bronze! visível Espírito Santo".

Paul Claudel, *Le livre de Christophe Colomb (O livro de Cristóvão Colombo)*, 1935: uma pomba aparece para anunciar a terra próxima, e Cristóvão Colombo, fazendo referência ao Gênesis, exclama: "E a terra era coberta de água. E a pomba voltou para Noé, trazendo um ramo verde em seu bico".

PÔNCIO PILATOS

Procurador romano da Judéia de 26 a 36, morava em Cesaréia e só subia a Jerusalém para as grandes festas. Mal-

visto pelos judeus (mandara construir um aqueduto com dinheiro tirado do Templo e fizera várias intervenções sangrentas), é denunciado por eles; deposto pelo governador da Síria, será enviado de volta a Roma em 37.

A história o conhece sobretudo por sua participação no processo de Jesus: embora reconhecendo sua inocência (Lc 23,14), entrega-o ao suplício infamante da cruz, decerto para afastar todo risco de revolta popular. Para deixar bem clara sua recusa de assumir qualquer responsabilidade na questão, Pilatos faz o gesto célebre de lavar as mãos (Mt 27,24).

♦ *L. & P.* *Lavar as mãos*: recusa em assumir suas responsabilidades.

♦ *Lit.* Paul Claudel, *Le point de vue de Ponce Pilate (O ponto de vista de Pôncio Pilatos)*, 1933: esboço de uma pseudo-reabilitação de Pilatos. Roger Caillois, *Ponce Pilate (Pôncio Pilatos)*, 1961.

♦ *Icon.* Calvário de Saint-Thégonnec, séc. XV. *Pilatos lavando as mãos*, Holbein, 1496, Augsburg; Turner, 1820, Londres. → ECCE HOMO.

♦ *Cin.* Pilatos, papel secundário, foi interpretado por: Basil Rathbone, em *Os últimos dias de Pompéia*, de Ernest Schoedsack, 1935; Jean Gabin, em *Gólgota*, de Julien Duvivier, 1935; Jean Marais, em *Pôncio Pilatos*, de Irving Rapper, 1961.

PORCO

Para os judeus, bem como para outros povos da bacia mediterrânea, como os egípcios, o porco é objeto de repulsa.

Comer carne de porco é absolutamente contrário à Lei mosaica; o escriba Eleazar preferiu morrer (2Mc 6,18).

Jesus declara que não se deve atirar pérolas aos porcos: eles poderiam pisoteá-las (Mt 7,6). → PÉROLA.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

tes de nossa era) e acadianas. Tomou sua forma definitiva no séc. V a.C.

Ele reúne máximas, ditados, provérbios e poemas. De fato, a sabedoria oriental gosta de exprimir, em fórmulas lapidares e fáceis de memorizar, a arte de viver dos homens experientes: “Anda, preguiçoso, olha a formiga, observa o seu proceder, e torna-te sábio” (Pr 6,6); “Goza com a esposa tua juventude: cerva querida, gazela formosa” (Pr 5,18-19).

♦ *Mús.* Darius Milhaud, *A cantata dos Provérbios*, 1951.

PROVIDÊNCIA

(Lat. *providentia*, de *provideo*, “prever” e “prover”.) Esta palavra não tem correspondência em hebraico; o equivalente grego só é empregado duas vezes na Bíblia, no sentido de providência divina.

É um termo da filosofia grega. Se os epicuristas pensam que os deuses se desinteressam pelos homens, os estóicos, por seu lado, designam por “providência” a suprema sabedoria com a qual os deuses governam todas as coisas.

Uma certa forma de piedade tem representado Deus como prevendo os menores detalhes da existência humana. Uma tradição aconselhava mesmo o abandono total à providência apoiando-se nas palavras de Jesus: “Olhai as aves do céu: não semeiam, nem colhem, nem ajuntam em celeiros. E, no entanto, vosso Pai celeste as alimenta... Olhai os lírios do campo, como crescem, e não trabalham nem fiam. E, no entanto, eu vos asseguro que nem Salomão, em toda sua glória, se vestiu como um deles” (Mt 6,25-34).

Certamente, a Bíblia apresenta Deus com o rosto de um pai que vela pelos seus, mas sem os dispensar das provações e das perseguições (ver o destino

trágico dos profetas e do próprio Jesus Cristo).

♦ *L. & P.* *A cada dia basta o seu mal*: citação de Mt 6,34, freqüentemente feita fora de seu contexto religioso. Jesus lembra aí a primazia do espiritual sobre os interesses materiais; ele não aconselha a economizar esforços!

Até mesmo os cabelos da vossa cabeça estão todos contados (Lc 12,7): Deus, em sua benevolência, não esquece ninguém, ocupa-se até dos pequenos detalhes.

♦ *Lit.* Comynnes, *Memórias* (1490 e 1498), vê nos acontecimentos históricos a ação da Providência. Do mesmo modo Bossuet, *Discours sur l'Histoire Universelle* (*Discurso sobre a História Universal*), 1681.

Segundo Bossuet, *Sermão sobre a Providência*, 1662, a desordem e a injustiça social incitam os libertinos a contestar a idéia de uma bondade divina; um dia, Deus virá restabelecer uma ordem fundada na justiça, pois Deus é bom.

No séc. XVIII, o debate sobre a conciliação entre a existência de Deus e a do mal é retomado com Leibniz: *Ensaio de Teodiceu sobre a bondade de Deus*, 1710, que alimenta a reflexão de Voltaire em *Zadig*, 1748. Voltaire contesta a Providência: *Poema sobre o desastre de Lisboa*, 1755, e *Cândido*, 1759. Rousseau se opõe a ele na *Carta dita sobre a Providência*, 1756. Diderot, *Jacques, o Fatalista*, 1773, se interroga: Providência? Destino? Determinação? Acaso?

Manzoni, *Les fiancés* (*Os noivos*), 1827: na história vivida pelos homens se manifesta a relação de cada um com Deus e com o mal. A crença na Providência “atenua os infortúnios e os torna úteis para uma vida melhor”.

PRÓXIMO

A lei mosaica ensinava o respeito do próximo, em primeiro lugar o irmão israelita: “Amarás teu próximo como a ti mesmo” (Lv 19,17-18), mas também o estrangeiro (Lv 19,34).

Indagado por um doutor da Lei, Jesus responde que a salvação está no



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

QUEDA

“A queda do homem”

Esta expressão tem sido utilizada pelos cristãos para designar as conseqüências da falta de Adão*, considerado o primeiro homem; decaído, ele tem de abandonar o Paraíso* terrestre, mundo de harmonia e inocência.

O texto bíblico (Gn 3) não usa o termo “queda”, nem, aliás, o termo “falta”. → REDENÇÃO, SALVAÇÃO, SALVADOR.

Queda dos anjos rebeldes

O Apocalipse* evoca o combate de Miguel contra o dragão; aquele a quem chamam Diabo* ou Satã* foi precipitado na terra e seus anjos com ele, queda que simboliza a vitória de Deus sobre as forças do mal (Ap 12,7-10).

♦ *Lit.* O tema literário vem longinquamente do Gênesis e simboliza a decadência ligada ao pecado. Entra em simetria com o da elevação (Lamartine, Baudelaire).

A queda do homem: “O homem é um deus decaído que se lembra dos céus”, Lamartine, *Premières méditations poétiques (Primeiras meditações poéticas)*, 1820, “O homem”. Camus retoma esta noção de decadência em seu relato *La chute (A queda)*, 1966, destacando-a totalmente de seu contexto bíblico.

A queda dos anjos: Milton, *Paraíso perdido*, 1667. Lamartine, *La chute d'un ange (A queda de um anjo)*, 1838. Victor Hugo, *La fin de Satan (O fim de Satã)*, 1886.

QUERUBINS

Criaturas mitológicas tomadas de empréstimo à cultura babilônia, os querubins são representados sustentando o trono de Deus (Sl 80,2; 99,1), puxando seu carro (Ex 25,20) ou servindo-lhe de montaria (Sl 18,11), e ainda na tampa da Arca (Ex 25,20).

Na iconografia da Idade Média, são pintados em azul para simbolizar o céu e

têm quatro asas. Na tradição cristã, são classificados entre os anjos*.

♦ *Lit.* *A canção de Rolando*, séc. XII: na morte de Rolando, Deus “envia seu anjo querubim (Rafael) e são Miguel do Perigo; com eles vem são Gabriel. Levam a alma do conde ao Paraíso” (estância CLXXVI).

♦ *Icon.* Querubim, marfim proveniente do palácio de Acab em Samaria, séc. IX a.C.

QUMRAN

Em 1947, no NO do mar Morto, no lugar chamado Kirberth Qumran, são descobertos manuscritos em grutas. Escavações arqueológicas no terreno margoso vizinho descobrem construções, termas, cisternas, olaria e *scriptorium*, atestando uma ocupação dos arredores, de 100 a.C. a 68 d.C., com uma interrupção devida a um tremor de terra perto de 31 a.C.

Os manuscritos estudados comportam livros bíblicos inteiros como o de Isaías, ou fragmentos de todos os livros (menos Ester), assim como manuscritos próprios aos essênios, seita conhecida de Plínio, o Velho, Fílon e Flávio Josefo.

Tendo rompido com o sacerdócio de Jerusalém, os essênios formam um dos grupos judeus nitidamente distintos dos fariseus e dos saduceus, só se aproximando dos zelotes em 68, no momento da guerra contra os romanos. Eis suas características: exigência de pureza ritual, vida comum à margem, apego à tradição (recusa do novo calendário litúrgico), zelo para assegurar a vitória de Deus contra os ímpios.

A descoberta dos manuscritos de Qumran é de grande interesse para o conhecimento da literatura e dos meios judaicos no tempo de Jesus, mas ela permite sobretudo remontar de vários séculos na tradição manuscrita dos livros bíblicos.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

ve seus animais), como Deus o libertou da servidão no Egito (Dt 5,14-15).

A instituição do *sabbat* tornou-se progressivamente um dos traços característicos do judaísmo, mas o espírito legalista fez por vezes deste dia de alegria um dia de coerção, objeto de proibições múltiplas (Ex 31,14-15). Jesus lembrará que “o sábado foi feito para o homem, e não o homem para o sábado” (Mc 2,27).

Existia também um “ano sabático”: a cada sete anos, a terra devia ficar em repouso e, ao mesmo tempo, devia-se perdoar as dívidas e libertar os escravos (Lv 25).

♦ *Lit.* Salomon Alkabetz, *Palestina*, séc. XVI: *Lekha Dodi*, “Vem, meu bem-amado”, hino de acolhida do Sabbat e de esperança na restauração de Israel messiânico.

Heinrich Heine, *Melodias hebraicas*, “A princesa Shabbat”, em *Romanzero*, 1851.

SABEDORIA, LIVRO DA

O mais tardio dos escritos da Bíblia grega; foi redigido por volta de 50 a.C. Seu autor é supostamente Salomão. Na verdade, conforme o hábito da época, o redator pôs sua obra sob o patrocínio de uma personagem prestigiosa do passado.

A primeira parte expõe a concepção da vida dos ímpios: “Nós nascemos do acaso... coroemo-nos com botões de rosa, antes que feneçam” (Sb 2). A segunda é o elogio da Sabedoria, que é um dom de Deus. A terceira convida a meditar sobre a ação de Deus na história de Israel: “Senhor, em tudo engrandeceste e glorificaste teu povo” (Sb 19).

No NT, Paulo e João reconhecerão em Jesus a eloquência da sabedoria, “reflexo da luz eterna” (Hb 1,2-3).

♦ *Lit.* Racine, *Cantiques spirituels (Cânticos espirituais)*, 1694, “Ó Sabedoria, tua palavra”.

SACERDÓCIO

A palavra designa a função daqueles que têm um papel de especialistas do sagrado, de mediadores entre o povo e a divindade: os sacerdotes.

No AT, uma lenta evolução se produz ao longo da história. Não há sacerdotes, no tempo dos Patriarcas*: estes oferecem por conta própria seus sacrifícios a Deus. No Sinai*, a Aliança* entre Deus e seu povo é concluída por Moisés, da tribo de Levi*. Esta se torna guardiã da Arca* da Aliança e exerce em seguida funções sacerdotais no Templo* de Jerusalém*, sob a tutela do rei.

Após o Exílio*, não há mais rei: o sumo sacerdote* torna-se o guia religioso da nação. Perto do séc. III a.C., a hierarquia está assim fixada: no topo, o sumo sacerdote, depois os sacerdotes (hb. *kohen*) descendentes de Aarão*, e por fim os levitas*.

No início de nossa era, os sumos sacerdotes judeus são designados pela autoridade política: por conseguinte, sua legitimidade torna-se sujeita a caução.

A atividade dos levitas é limitada ao domínio cultural. São leigos, os doutores* da Lei, que se ocupam da doutrinação.

Jesus, no NT, é um leigo: pertence à tribo de Judá* e não à tribo sacerdotal. O NT nunca dá o título de sacerdote a Cristo nem aos apóstolos. Só a Epístola* aos Hebreus emprega o termo de “sumo sacerdote” comparando Jesus a Melquisedec*.

Como o povo judeu por inteiro foi chamado “reino de sacerdotes” (Ex 19,6), os cristãos são chamados “comunidade sacerdotal” (1Pd 2,5), encarregada de oferecer a Deus sua vida como um louvor (Rm 12,1).

Os responsáveis designados pelos apóstolos* são “intendentes dos misté-



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

za e sabedoria todos os reis da terra” (2Cr 9,22). A história do julgamento de Salomão ilustra sua habilidade: duas mulheres apresentaram-se um dia a seu tribunal, afirmando ambas ser a mãe de um recém-nascido. Uma acusa a outra de ter deixado morrer o seu por negligência e de ter-se apoderado do bebê da outra. Salomão manda trazer a criança e ordena que seja cortada em duas, e que depois se entregue uma metade a cada mulher. Então, a verdadeira mãe se revela; é ela que prefere que a criança viva seja deixada com a outra a vê-la morrer de maneira atroz (1Rs 3,16-28).

O Corão atribui a “Suleyman, o Magnífico” uma aura lendária e um poder mágico graças a seu anel.

- ◆ *L. & P.* *Um julgamento de Salomão.*
- ◆ *Lit.* Voltaire, *Dicionário filosófico*, 1764: o autor relega os personagens da Bíblia a uma distância arqueológica que os torna estranhos a seus contemporâneos, e denuncia-lhes as inclinações imorais (Moisés, David e Salomão).

SALOMÉ

Filha de Herodíades* e de Herodes Filipe. Dançou diante de Herodes Antipas, o Tetrarca, e, induzida pela mãe, lhe pediu a cabeça do profeta João Batista (Mc 6,21-26). Casou-se com o tio Filipe, o Tetrarca. Convém lembrar que o nome Salomé não figura na Bíblia, sendo atribuído à filha de Herodíades por força da tradição.

- ◆ *Lit.* Um dos temas da literatura decadente do fim do séc. XIX: Mallarmé, *Herodíades*, 1869. Flaubert, “Herodíades”, um dos *Trois contes (Três contos)*, 1877. Huysmans, *À rebours (A contrapelo)*, 1884: o herói do livro comenta os quadros de Gustave Moreau. Jules Laforgue, numa das *Moralités légendaires (Moralidades lendárias)*, 1887, trata o assunto com um humor corrosivo. Oscar

Wilde, *Salomé*, 1896, põe em circulação a lenda da paixão vampírica de Salomé. Apollinaire, *Alcools (Álcoois)*, 1913, “Salomé”.

- ◆ *Icon.* *Herodes e Salomé*, capitel do séc. XII, Toulouse. *Salomé*, Ticiano, 1560, Madri; Caravaggio, 1607, Londres. Gustave Moreau, *Salomé dançando*, 1876, Paris. Aubrey Beardsley, 1894, ilustrações para a peça de Oscar Wilde. Franz von Stuck, 1906, Madri.

- ◆ *Mús.* Massenet, *Herodiades*, 1881, ópera baseada em Flaubert. Richard Strauss, *Salomé*, ópera, 1905. Florent Schmitt, *Salomé*, balé montado por Diaghilev em 1913 em Paris.

- ◆ *Cin.* *Salomé*, Vitagraph, 1908; Samuel Gordon Edwards, 1918; Charles Bryant, 1922: três imagens da mulher fatal. William Dieterle, *Salomé*, com Rita Hayworth, 1953: de mau gosto, muito longe da Bíblia.

SALVAÇÃO

A salvação, na Bíblia, é antes de tudo a libertação: Deus faz sair do Egito os hebreus cativos (Ex 15,2); depois, protege-os de todo perigo, sobretudo da invasão estrangeira (2Rs 19; 1Mc 3,18) e lhes dá a paz. Para merecer isso, o povo deve comportar-se conforme à Lei. Os profetas insistirão portanto na relação que existe entre a Salvação e a instauração da justiça (Is 59; 60,17-18).

Após o Exílio, será traçada progressivamente a figura de um messias*, portador da salvação de Deus não somente para Israel mas para toda a terra (Is 49,6-8), junto com a espera de uma salvação definitiva no “dia do Senhor” (Juízo Final). A oração dos salmos proclama: “A salvação dos justos vem de Deus” (Sl 37) e seu alcance torna-se cada vez mais vasto, à medida que se formula a idéia de uma vida após a morte (Dn 12,2-3).

Para os cristãos, Jesus é o Salvador que dá sua vida para reconciliar o homem



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Santo dos Santos era separado do *hekal* (o Santo) por uma porta que, no segundo Templo de Jerusalém, foi substituída por um véu (2Cr 3,14). Segundo Mc 15,38, este véu se rasgou ao meio na ocasião da morte de Jesus.

♦ *L. & P. Penetrar no Santo dos Santos* significa, na língua corrente, ter acesso à parte mais secreta de uma moradia, de uma organização, de uma pessoa...

SANTUÁRIO

O santuário (do latim *sanctus*, “santo”) é o Templo em seu conjunto. De forma mais geral, é um lugar de culto, tornado sagrado pela presença de Deus, pelo menos durante a cerimônia cultual.

Nos dias de hoje, um santuário é um lugar sagrado, separado do mundo profano, onde o recolhimento e o respeito se impõem.

SAPIENCIAIS (livros)

(Lat. *sapientia*, “sabedoria”.) No AT, chamam-se “livros sapienciais” Jó*, Provérbios, Qohélet*, Sirácida (ou Eclesiástico) e Sabedoria*, aos quais às vezes se juntam os Salmos* e o Cântico dos Cânticos*. Eles se ligam a todo um conjunto de literatura “sapiencial” que produziu obras de grande qualidade sobretudo no Egito (*Sabedoria de Ani; Ensino de Amenemopé*) e na Mesopotâmia (*O justo sofredor; Sabedoria de Ahiqar*). Estas obras influenciaram os autores bíblicos.

SARA

Mulher de Abraão* e mãe de Isaac*. A Bíblia nos conta que ela era muito bela (Gn 12,11). Mas Sara era estéril. Deu então sua serva a Abraão para que tives-

se com ela uma descendência (ver Ismael*). No entanto, Sara também terá um filho, Isaac, o “filho da Promessa*”, nascido quando Sara já era idosa.

Este tema da mãe idosa ou estéril (como Ana, mãe de Samuel* ou Isabel*) quer ressaltar o poder de Deus, mestre do impossível. O relato do anúncio deste nascimento, na aparição em Mambré (Gn 18,1-15) é um dos mais belos textos do AT.

No NT, Sara é citada como a mãe dos filhos da promessa (Rm 4,19), um exemplo de fé (Hb 11,11) e um modelo para as esposas cristãs, submetida a Abraão a quem chama seu senhor.

SATÃ

Satã tem sido identificado:

— com a serpente* do capítulo 3 do Gênesis (Sb 2,24), que levou Eva a desobedecer;

— com uma espécie de anjo acusador público ou de demônio*, subordinado a Deus e que assume a figura do “caluniador” (em grego *diábolos*, “aquele que divide”), do adversário dos homens (1Cr 21,1; Jó 1,6; Zc 3,1-2);

— com o “príncipe deste mundo” ao qual Jesus se opõe, desde as tentações no deserto (Mt 4,2-11) até a cruz;

— com o inimigo que semeia o joio no campo do pai de família (Mt 13,39) ou que arranca do coração dos homens a semente* da palavra de Deus; com o leão faminto que gira sem cessar em torno dos fiéis (1Pd 5,8), com o “enorme dragão”; com o “sedutor do mundo inteiro” (Ap 12,9). Satã é tido como responsável pela hostilidade do mundo à ampliação do reino de Cristo, mas será vencido no final dos tempos (Ap 20,1-10).



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Nos cultos do antigo Oriente, atribuía-se à serpente um poder de cura, vindo provavelmente da crença de que a serpente rejuvenesce perpetuamente ao trocar de pele. Encontramos vestígios desse culto consagrado às serpentes (sécs. XIV-XV a.C.) no relato do livro dos Números a respeito da serpente de bronze (Nm 21,6-9).

No mundo oriental, a serpente é considerada um animal sagrado, em contato com o mundo divino, com a vida, com a sabedoria. No relato do Gênesis, é assim que ela aparece, prometendo a Eva a vida e um conhecimento superior ao dos deuses (Gn 3,1-5), mas está desmitizada, decerto para lutar contra a atração pelos cultos mágicos: a serpente não é um animal salvador, e de bronze, que salva aquele que nela tem fé (Jo 3,14-15).

♦ *Icon.* Manuscrito *Miscellanae* da British Library, França, 1280. Quadros: Michelangelo, 1512, Roma; Tintoretto, séc. XVI, Veneza; Van Dyck, séc. XVII, Madri; Rubens, séc. XVII, Londres.

SERVO (de Deus)

No antigo Oriente Próximo, qualquer vassalo é chamado “servo” de seu soberano, que por sua vez pode também ser servo de outro. Esta designação é estendida a outros que não o rei*, por exemplo aos profetas e ao povo inteiro de Israel.

A Bíblia insiste, porém, no fato de que o rei, ou qualquer outro intermediário hierárquico, não pode ser, como nas outras nações, um amo despótico. Ele tem realmente que servir a Deus e a seu povo. Por isso, o modelo do servo é o do “servo sofredor” celebrado em quatro passagens do dêutero-Isaias* (Is 42,1-3; 49,1-9a; 50,4-11; 53,1-12), freqüentemente chamadas “cânticos do servo”. Este ser-

vo, com efeito, permanece fiel à Lei de Deus até a morte e, sendo perseguido, salva seu povo. O NT identifica esta figura messiânica a Jesus.

SET

Nasceu de Adão* e Eva* após o assassinato de Abel* por Caim*. Seu filho Enós é o primeiro a invocar o nome de Deus (Gn 4,25-26).

SETENTA, VERSÃO DOS

Tradução grega do AT — a mais antiga de todas — feita em Alexandria nos sécs. III-II, destinada aos judeus helenizados. Segundo a *Carta de Aristeu* (em grande parte lendária), o rei Ptolomeu II (285-246) teria reunido, para a tarefa, setenta e dois tradutores (seis por cada tribo de Israel), que teriam realizado seu trabalho em setenta e dois dias (donde o nome “Setenta”). O Pentateuco certamente foi traduzido nesta época; o resto do AT foi traduzido em seguida, progressivamente.

A Setenta é de grande interesse, pois dá testemunho de um texto hebraico mais primitivo que o que conhecemos hoje com o nome de “texto massorético” (os massoretas são judeus da Palestina e da Babilônia que, entre os sécs. V e X, fixaram a leitura do texto hebraico da Bíblia com anotações, acentos e sinais vocálicos — a escrita hebraica até então só registrava as consoantes).

Por outro lado, é a Setenta que, desde a origem, foi a Bíblia da Igreja e é ela que é citada no NT e na obra dos Padres da Igreja.

SEXTA-FEIRA SANTA

A sexta-feira que precede a Páscoa*. Neste dia, os cristãos rememoram a



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

4,5), Estêvão e Paulo (At 6,12; 23). Nicodemos e José de Arimatéia tinham assento no Sinédrio. Foi dispersado depois da ruína de Jerusalém.

♦ *Icon.* Alexandre Bida, gravura em *Os Evangelhos*, Paris, 1873.

SINÓTICOS

(Do grego *syn*, “junto”, e *opsis*, “visão”.) É assim que são habitualmente designados os três primeiros Evangelhos — Mateus, Marcos e Lucas —, cuja composição segue mais ou menos o mesmo plano, de tal maneira que podemos apresentá-los em “sinopse”, isto é, em colunas paralelas.

Fala-se igualmente do “problema sinótico” para evocar a história, muito complexa, da redação dos três evangelhos que se constituíram em etapas sucessivas, utilizando-se mutuamente ou recorrendo às mesmas fontes. Não existe, até o momento, nenhuma solução proposta que tenha a unanimidade dos exegetas.

SIQUÉM

Cidade fortificada a 50 km a norte de Jerusalém e a 9 km a sudeste de Samaria (hoje Tell Balata, ao lado de Nablus). Quando Abraão acampou perto de Siquém, Deus lhe prometeu que lhe daria aquele país a ele e a sua descendência (Gn 12,6).

Siquém é o lugar da grande assembleia das tribos de Israel onde Josué “firmou uma aliança com o povo e lhe fixou um estatuto e um direito” (Js 24,1-28): é a aceitação, pelas tribos, da Aliança firmada no Sinai por Moisés.

O cisma* entre Judá e Israel se produziu em Siquém (1Rs 12,1; 2Cr 10,1), quando Roboão quis fazer-se reconhecer rei de Israel: os israelitas chamam Jero-

boão à assembleia e o proclamam rei. Ele faz da cidade a primeira capital do Norte.

Após a queda de Samaria, em 721, Siquém torna-se a cidade principal dos samaritanos; seu santuário fica no monte Garizim. Jesus encontra ali a samaritana no poço de Jacó (Jo 4,5).

SODOMA E GOMORRA

Duas cidades ao sul do mar Morto, célebres por seus pecados: desprezo das regras da hospitalidade (Gn 19,8), homossexualidade (Gn 19,4-11), orgulho (Eclo 16,8). Deus não encontra ali sequer dez justos (Gn 18,32). Para castigar Sodoma e Gomorra, ele as aniquila fazendo “chover enxofre e fogo” (Gn 19,25; Dt 29,22); só Ló* é poupado. O destino das duas cidades é um “exemplo para os ímpios por vir” (2Pd 2,6).

Os profetas citam-nas como símbolo da corrupção e da impiedade (Is 1,9-10; Ez 16,46-58), e no Apocalipse* Jerusalém será chamada Sodoma.

♦ *Lit.* Marcel Proust, “Sodoma e Gomorra”, 1921: um dos livros de *Em busca do tempo perdido*: a maldição e o sofrimento se prendem aos “descendentes dos habitantes de Sodoma que foram poupados pelo fogo do céu”. Jean Giraudoux, *Sodoma e Gomorra*, 1943: peça sobre a incompreensão entre os homens e as mulheres; o raio de Deus cai sobre a humanidade dividida em dois sexos inimigos. Pierre Emmanuel, *Sodoma*, 1944.

♦ *Cin.* Robert Aldrich e Sergio Leone, *Sodoma e Gomorra*, 1962.

SONHO

Os hebreus, como todos os demais povos do Oriente antigo, viam nos sonhos um lugar privilegiado de comunicação entre o homem e a divindade.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

mas vezes várias cenas na mesma imagem: St-Lazare de Autun, St-Andoche de Saulieu, capitéis do séc. XII; Pol de Limbourg, *Horas do Duque de Berry*, 1416, Chantilly; Ghiberti, porta em bronze do Batistério de Florença, 1425; Botticelli, Capela Sixtina em Roma, 1481; alto-relevo do coro da catedral de Chartres, 1612; Ary Scheffer, 1854, Liverpool. *A tentação de santo Antão* dá chance aos pintores para imaginarem monstros: Matthias Grünewald, retábulo de Issenheim em Colmar, 1516; Martin Schongauer, gravura, 1473; Hieronymus Bosch, tríptico da *Tentação*, Lisboa. No séc. XIX, em Bruxelas, Félicien Rops e Fernand Khnopff.

TEOFANIA

(Do grego *theos*, “deus”, e *phaino*, “eu apareço”.) Designava, entre os gregos, a aparição de uma divindade. O termo não se encontra na Bíblia, que no entanto contém numerosos relatos de aparições divinas. Uma convicção atravessa o AT e o NT: “Ninguém jamais viu Deus” (Ex 33,20 e Jo 1,18). As poucas exceções (Ex 24,10-11; 33,11) servem para sublinhar este princípio.

No AT, a presença de Deus é afirmada, mas sua transcendência proíbe toda manifestação direta. Assim, Deus “faz-se ver” a Abraão como três homens que o visitam e aos quais Abraão se dirige como se fossem um só (Gn 18,1). Moisés vê uma sarça ardente quando Deus o interpe-la (Ex 3,2-4). A grande teofania do Sinai* é acompanhada de sinais físicos, relâmpagos, terremotos, nuvens*, fogo* (Ex 19,16). O redator do livro dos Reis ressalta que Deus não está preso em nenhum desses fenômenos exteriores: para Elias, o sinal desta presença é somente “o soprar de uma brisa leve”, e Elias esconde o rosto quando o escuta (1Rs 19,12).

No NT, há poucos relatos de manifestações de Deus. Batismo* de Jesus:

“Este é meu filho bem-amado, em quem me comprazo”, diz uma voz vinda dos céus (Mt 3,17). A Transfiguração* de Jesus manifesta de novo, nos mesmos termos, o sustento divino (Mt 17,5). No Pentecostes*, os discípulos ficam cheios do Espírito Santo, e o sinal são línguas de fogo sobre cada um (At 2). Durante muito tempo chamou-se “teofania” a festa da Epifania*, primeira manifestação de Cristo no mundo (Mt 2,10).

TEÓFILO

(Gr. “amigo de Deus”.) Nome de um personagem de Antioquia a quem Lucas dedicou seu evangelho e os Atos*, a menos que este nome designe todo leitor amigo de Deus.

TERRA PROMETIDA

Objeto da promessa* feita por Deus a Abraão* (Gn 12,7; Ez 20,28), a Terra desempenhará um papel de primeiro plano em toda a história de Israel. Idealizada pela tradição, esta “terra onde correm rios de leite e mel” (Nm 13,27) é menos conquistada pelas armas do que dada pelo próprio Deus (Sl 44,2-8; 78,54-55; Dt 9,1-6).

Ela se tornará, após o Exílio, o objeto central da esperança de Israel (Sl 133), e o tema do retorno, ligado à fidelidade à Lei (Ez 20,41-42), alimentará o pensamento e a oração dos judeus até a época moderna. → ÊXODO.

♦ *Lit.* No espírito dos primeiros colonos cristãos do Novo Mundo, a conquista do território americano (Estados Unidos, Canadá) associa-se aos relatos bíblicos acerca da Terra Prometida, o que está atestado na literatura: Timothy Dwight, *The conquest of Canaan*, 1785 (aproximação de Josué e George Washington). Steinbeck, *As vinhas da ira*, 1939: os



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

No NT, as “trevas exteriores” são o lugar de punição dos maus (Mt 8,12) e o “poder das trevas” (Lc 22,53) representa o mal que opera no mundo. Assim, “passar das trevas” à luz (2Cor 4,6) é a imagem da conversão. → luz.

♦ *Mús.* Marc Antoine Charpentier, 28 lições de trevas, séc. XVII. Delalande, 3 lições de trevas; Couperin, 9 lições de trevas, de que se perderam 6, início do séc. XVIII.

O ofício das Trevas é o ofício da manhã dos três dias que precedem a Páscoa: o apagar das luzes que acompanha o final da cerimônia simboliza o abandono de Jesus por seus discípulos. Cada ofício comporta três leituras (*lectio* em latim, donde o termo “lição”) extraídas das lamentações de Jeremias*.

TRIBOS

Grupo de famílias ou de clãs sob a autoridade de um mesmo chefe, vivendo numa mesma região. Segundo a tradição, Israel tem como estrutura fundamental doze tribos, cujos ancestrais epônimos são os doze filhos de Jacó: Rúben, Simeão, Levi, Judá, Isacar, Zabulon, José, Benjamin, Dã, Neftali, Gad e Aser. Mas esta lista sofrerá muitas modificações (Levi desaparece, José se cinde em Efraim e Manassés etc.).

Durante a conquista e depois da instalação em Canaã, a distribuição do território reflete uma situação bastante complexa. De fato, as doze tribos correspondem mais a uma vontade política (a organização em doze distritos sob Salomão) (1Rs 4,7) do que a uma situação real.

TRIBUTO

Soma de dinheiro que os vencidos deviam pagar como símbolo de dependência. Israel impôs tributo a seus vizinhos (2Sm 8,2) ou teve de pagá-lo (Jz

3,15-18; 2Rs 17,3-4). Sob a ocupação romana, os publicanos cobram o tributo; Jesus confirma que ele deve ser pago a César (Mc 12,14; Lc 20,25), pois as obrigações para com Deus e as obrigações para com a autoridade pública são distintas.

Chama-se também tributo a quantia que, desde Moisés, o judeu de mais de 20 anos deve pagar ao Templo: meio siclo ou duas dracmas (didracma).

Quando os coletores de impostos de Cafarnaum perguntam a Pedro se seu mestre paga o imposto do Templo, ele responde afirmativamente, pois Jesus não quer escandalizar aquela gente (Mt 17,24-25) nem ser tomado por um zelote* que recusa o imposto romano.

♦ *Icon.* Tommaso Masaccio, *O pagamento do tributo*, afresco, 1426, Santa Maria del Carmine, Florença.

TRINDADE

(Lat. *trini*, “em número de três”.) É a afirmação fundamental do cristianismo: a de um Deus único em três “pessoas”.

O termo não aparece nem no AT nem no NT. Ele supõe uma reflexão teológica que se elaborou progressivamente (Tertuliano no séc. III, Concílio de Nicéia em 324, Concílio de Constantinopla em 381). Esta reflexão se fundamenta na meditação da relação filial que une Jesus a seu Pai* e da ligação com o Espírito Santo* afirmada pelo NT (Jo 15,26). A doutrina da Trindade se situa na tradição do monoteísmo (judaísmo e islã), mas Deus, nela, é compreendido como “comunhão”. As diferenças de interpretação que existem entre os cristãos ocidentais e ortodoxos sobre as relações recíprocas das “pessoas”, Pai, Filho e Espírito Santo, não alteram sua fé comum no Deus trinitário.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

U

UNÇÃO/UNGIDO

Ação que consiste em derramar um pouco de óleo* sobre um objeto ou sobre a cabeça de um personagem designado para uma função particular (sacerdócio ou realeza). Assim, Samuel* ungiu David*, destinado a tornar-se rei (1Sm 16), conferindo-lhe um caráter sagrado. A unção feita com o crisma, mistura de óleo e perfumes (Ex 30,22 s.), é reservada aos sacerdotes e aos objetos de culto, em particular o altar dos holocaustos* (Ex 29,36). A figura do rei-ungido, ou messias*, ganhou pouco a pouco importância primordial na religião de Israel. O gesto de unção manteve-se em certo número de sacramentos* entre os cristãos: batismo, confirmação e extrema-unção ou

sacramento dos enfermos. → CRISTO, MESSIAS, SACRAMENTO.

♦ *Icon. Unção de David*, Sinagoga de Doura-Europos, s. III.

UNDÉCIMA (HORA)

Na parábola dos operários mandados à vinha contada por Mateus (20,1-16), os operários da undécima hora recebem o mesmo salário que aqueles que “carregaram o fardo da jornada, com seu calor”: não é de justiça humana que se trata, mas da bondade divina, que vai mais longe que a justiça.

♦ *L. & P. Os operários da undécima hora*: a expressão designa aqueles que chegam tardiamente à fé ou a uma atividade qualquer.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

A festa* das Vindimas fazia parte da festa da Colheita (Ex 23,14; Dt 16,13), ou festa* das Cabanas (também chamada das Tendas ou dos Tabernáculos), celebrada no outono: era acompanhada de cânticos e danças (Jz 21,19-21). As cabanas talvez evocassem os caramanchões erguidos nos pomares e as videiras no momento da colheita.

Em sentido figurado, Oséias foi o primeiro a comparar a terra de Israel a uma vinha fértil (Os 10,1). Isaías inverteu a comparação: Israel é uma vinha estéril, apesar dos cuidados de Deus; Deus vai abandoná-la (Is 5,1-7; tema retomado em Jr 2,21 e Ez 17,1-10). Após o exílio, todos pediam a Deus que de novo cuidasse daquela vinha (Sl 80,9-17; Is 27,2-11).

Nos Evangelhos sinópticos*, Jesus emprega a imagem da vinha como parábola* do reino de Deus (Mt 20,1-8; 21,28-31, 33-41). No Evangelho de João, durante a Ceia*, o próprio Jesus se proclama a verdadeira videira, aquela cujos frutos não frustrarão a expectativa do viticultor (Jo 15,1-5).

VINHO

O Gênesis atribui a vinificação ao patriarca Noé* (Gn 9,20) mostrando com isso a antiguidade da cultura.

O vinho era oferecido em libação com o holocausto* diário no Templo* de Jerusalém (Ex 29,40). Para o consumo, era normalmente misturado com água, e a bebedeira, como todos os excessos, era condenada (Pr 20,1; 23,29-35). Utilizava-se também o vinho na medicina: para desinfetar as chagas (Lc 10,34) ou, misturado com mirra, como entorpecente (Jesus recusou-se a tomá-lo, Mt 27,34).

Durante a Ceia*, Jesus apresenta a taça de vinho a seus apóstolos dizendo: "Isto é o meu sangue" (Mt 26,27; Mc 14,23), e ainda hoje, na liturgia cristã, o vinho simboliza o sangue do Cristo* sacrificado.

♦ *L. & P.* Não se põe vinho novo em odres velhos. Provérbio citado em Mt 9,17, que acrescenta: "caso contrário, estouram os odres, o vinho se entorna". Sentido corrente: as idéias novas se acomodam mal nas antigas estruturas; elas não podem se expandir sem rompê-las. *Mudar da água para o vinho.* Alusão às bodas de Caná (Jo 2,6-12), em que Jesus transformou água em vinho. Usa-se para falar de algo ou de alguém que passou por alguma mudança radical e positiva.

♦ *Lit.* Em tom de brincadeira, Romain Rolland em *Colas Breugnon* (1919) chama o vinho de "água de Noé". Jean-Claude Renard, *Incantation des eaux (Encantação das águas)*, 1961: meditação poética sobre os símbolos bíblicos da água, do vinho e do fogo.

VIRGEM/VIRGINDADE

A virgindade da donzela faz parte das disposições legais acerca do casamento. O Deuteronômio* prevê o castigo de morte por lapidação para a jovem a quem o esposo acuse publicamente e que não possa fornecer as provas de sua virgindade no dia de seu casamento. Quanto ao marido, acusado de difamação se a jovem for inocente, recebe uma pena e deve pagar uma multa ao pai dela para lavar a desonra (Dt 22,13-20).

No NT, é a esta lei que o Evangelho de Mateus faz alusão a propósito de Maria* e de José*, que quis repudiar sua noiva ao perceber que estava grávida (Mt 1,18-20).

Virgens insensatas/virgens prudentes

Alusão a uma parábola evangélica (Mt 25,1-13). Dez jovens esperam o es-



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

♦ *Lit.* Flávio Josefo, *A guerra dos judeus*, em grego, 75-79.

ZOROBABEL

Príncipe judeu nascido na Babilônia*, figurou com Josué à frente dos doze guias que acompanhavam uma caravana de repatriados entre 536 e 522. Apoiados pelos profetas Ageu e Zacarias, que os descrevem como “as duas oliveiras e os

dois ungidos que estão de pé diante do Senhor de toda a terra” (Zc 4,11-13), Zorobabel, governador da Judéia, e Josué, sumo sacerdote, empreendem a reconstrução do Templo*. Esperanças de restauração monárquica foram depositadas no príncipe e depois no sumo sacerdote, mas sem êxito (Zc 6,11).

Mateus e Lucas fazem Zorobabel figurar na genealogia de Jesus (Mt 1,12; Lc 3,27).



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

	EGITO	SIRO-FENÍCIA	PALESTINA
400			398 ? <i>O Pentateuco</i> , unificado por Esdras e aprovado por Artaxerxes II
			350 – Os samaritanos constroem um templo no monte Garizim
	----- CONQUISTA -----	----- POR -----	----- ALEXANDRE -----
	321 Fundação de Alexandria 323-301 --	Campanha de Ptolomeu	
300	Lágidas Tradução dos Setenta: a Bíblia em grego. Fundação do Museu de Alexandria	Selêucidas	304-197 – A Palestina governada pelos lágidas
		223-187 – ANTÍOCO III	
200	Auxílio de Roma na luta contra os selêucidas	175-164 – ANTÍOCO IV	197-142 – Ocupação pelos selêucidas Heliodoro em Jerusalém 167-164 – Grande perseguição Revolta dos Macabeus 142-134 – SIMÃO, fundador dos asmoneus 139 – O senado romano reconhece a independência de Judá 130 – Comunidade essênia de Qumran 103-76 – ALEXANDRE JANEU rei
100		64 – POMPEU conquista a Síria e a Palestina	
60	51-30 – Cleópatra VII Filopátor	40-39 – Conquista parta	63 – Tomada de Jerusalém
	30 – Tomada de Alexandria pelos romanos Dominação romana	27 – Síria, província imperial	37-4 – HERODES Magno
			13 – Fundação de Cesaréia marítima



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

- Embalsamar
 Encarnação
 Enoc (ou Henoc)
 Entranhas
 Epifania
 Epístolas
 Esaú
 Escamas
 Escândalo
 Escatologia
 Escravo, escravidão
 Esdras
 Esperança
 Espiga
 Espinhos
 Espírito/Espírito Santo
 Ester
 Estêvão
 Estigmas
 Estrela
 Eucaristia
 Eva
 Evangelho
 Evangelistas
 Exílio
 Êxodo
 Exterminador
 Ezequiel
- F**
- Face
 Família (sagrada)
 Faraó
 Fariseus
 Fé/fiel
 Fel
 Fenícios
 Fênix
 Festas religiosas
 Festim (ou banquete)
 Fiat
 Filactérios
 Filho de Deus
 Filisteus
 Firmamento
 Flagelação
 Fogo
 Fome
 Fornalha
- Fração do pão
 Fruto
 Fuga para o Egito
- G**
- Gabriel
 Galiléia
 Gedeão
 Geena
 Genealogia
 Gênesis
 Gentios
 Gládio
 Glória
 Glorioso (corpo)
 Gog
 Gólgota
 Golias
 Goyim
 Graça
 Grão
 Gritar sobre os telhados
 Getsêmani
- H**
- Habacuc
 Hallel
 Hebraico
 Hebreu
 Heliodoro
 Herança
 Herodes Magno
 Herodes Antipas
 Hino
 Hissope
 História santa
 Holocausto
 Holofernes
 Hosana
 Hóstia
- I**
- Ícone
 Ídolo
 Igreja
 Imaculada Conceição
 Imagens



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



Todos temos curiosidade de conhecer nossas origens. Próximas ou remotas, elas forjaram nosso patrimônio cultural e passaram a nos constituir; não é possível pretender desconhecê-las.

Por isso editamos esta obra, que convida a descobrir as fontes judeu-cristãs da cultura ocidental. Ela fornece chaves para que possamos compreender os principais aspectos da história, da literatura e das artes em geral.

Cada verbete deste Dicionário propõe:

- informações sobre os personagens, lugares, acontecimentos ou noções bíblicas, com a explicação do sentido, a partir de referências precisas ao texto bíblico;
- coletânea das expressões de nossa língua derivadas dos conceitos e realidades da Bíblia;
- uma apresentação geral da Bíblia, com mapas, cronologias e tabelas;
- índices.

ISBN: 85-15-01245-6



Cód. 2861

